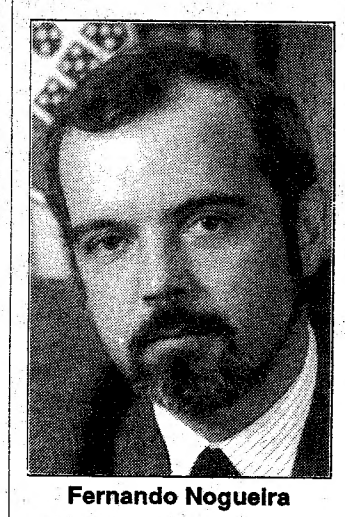
Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23215 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** QUINTA-FEIRA 5 ABRIL 90 60$00

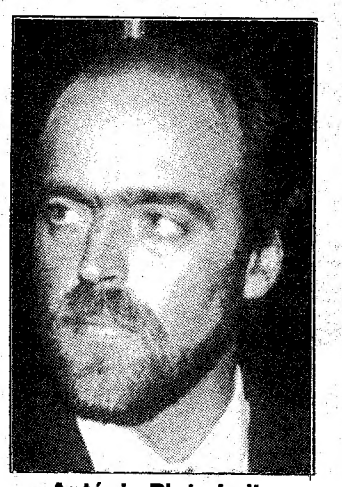
PSD em congresso a partir de amanhã

Cavaco: o que faz falta é mandar na malta?

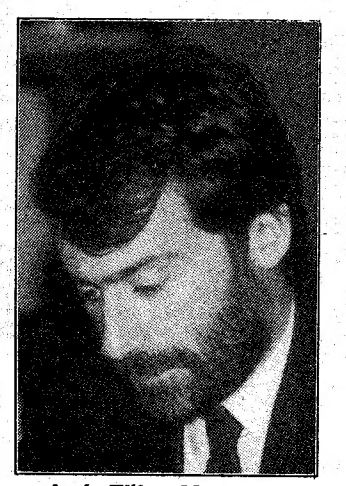


Fernando Nogueira

Dias Loureiro



António Pinto Leite



Luís Filipe Menezes

Pedro Passos Coelho

Após os desaires nos últimos actos eleitorais, os «barões» do PSD ganharam novo fôlego e poder reivindicativo. Querem lugares de relevo no partido e participar na definição das linhas de acção política.

Mas Cavaco Silva não está habituado a partilhar decisões e não vai ser agora que vai perder o comando.

Págs. 2, 3 e 4

Governo garante Fórmula 1 no Estoril

O ministro Ferreira do Amaral garantiu esta manhã que o Grande Prémio de Portugal de Fórmula 1 deste ano se irá realizar. A categórica afirmação surge a propósito do diferendo que opõe a Câmara Municipal de Cascais, a Autodril (empresa proprietária do autódromo) e o Automóvel Clube de Portugal.

À hora de fecho desta edição não é ainda conhecida a forma como o Governo vai resolver o problema, sabendo-se apenas que só tem duas hipóteses: ou requisita a pista, ao abrigo da Lei de Bases do Sistema Desportivo, ou chega a acordo com as partes. Seja como fôr, a decisão é hoje anunciada pelo Executivo.

Uff, que alívio!

À volta lá te espero, bem pode ter dito o Benfica, ontem, ao Marselha. A derrota por 2-1 permite aos encarnados resolver a eliminatória em Lisboa, mas o susto foi muito grande, como conta o enviado especial do «DL» Neves de Sousa, numa reportagem que publicamos com o patrocínio de

Págs. 23, 24 e 25

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS CTC OS PROFISSIONAIS DO SOM, TELEVISÃO E DO VÍDEO

DL entra no 70.º ano

Os portugueses, o dinheiro e a imagem dos empresários

O **Diário de Lisboa** entra dia 7 no seu 70º ano de existência. Para celebrar esta data - e porque não se publica ao sábado - o **DL** oferece amanhã aos seus leitores uma edição mais enriquecida, com um total de 112 páginas.

Na verdade, para além de poderem sentir a picada de «A Mosca», encontrarão ao seu dispor uma revista a cores, totalmente preenchida com a reportagem (completa e melhorada) «Os Portugueses e o Dinheiro», que em Janeiro despertou a atenção dos leitores, que chegaram a esgotar diversas edições.

Nesta sondagem-inquérito se analisa o comportamento, os sentimentos e a posição ética dos portugueses relativamente à moeda, à fortuna e ao infortúnio.

No primeiro caderno da edição os leitores encontrarão também um trabalho sobre a imagem dos empresários portugueses, constituído por uma sondagem, pela opinião que eles têm de si próprios e ainda com entrevistas a «fazedores de imagem».

Dois «galos» dividem Castanheira de Pêra *Págs. 16 e 17*

Defendida a promoção de Delgado a marechal *Pág. 6*

Sara Vaughan: o silêncio eterno *Pág. 20*

Crónica tauromáquica de Solilóquio *Pág. 21*

Alberoni, José Rabaça e Adriano Duarte Rodrigues no Forum/DL *Págs. 8 e 9*

Hoje: Suplemento Literário

Cavaco Silva leva ao XV Congresso do PSD uma mensagem inequívoca: Quem manda no partido é a Comissão Política e quem escolhe a Comissão Política é ele. Após as reuniões sectoriais no PSD muitos acreditaram na abertura do líder social-democrata e apostaram forte. A renovação vai ficar adiada até às legislativas

GRANDE ANGULAR

Quem manda aqui sou eu

A revisão do programa

O programa do PSD data da fundação do partido, em 1974. Ontem, a Comissão Política analisou a primeira versão da proposta de revisão. O «DL» dá-lhe alguns tópicos

Em vigor	Proposta de revisão
• O socialismo democrático é um desafio constante à dedicação e à generosidade dos seus militantes, porque os seus ideais e objectivos estão sujeitos a ameaças sempre novas e carecem de ser realizados sempre de novo	• Rejeição de todas as formas de dogmatismo. O realismo é o elemento fundamental a ter em conta na definição das formas de actuação. É no espaço político do centro que deve buscar-se o conjunto de valores adequados a uma correcta acção política
• A conquista do poder por via eleitoral a fim de instaurar uma sociedade socialista em liberdade	• Uma social-democracia moderna e reformista que não visa atingir pretensos estádios finais pré-determinados
• O alargamento do âmbito do sector público e a planificação económica e estatal	• A crença de que é o mercado e a concorrência leal e não o Estado, quem melhor assegura as relações económicas

Cavaco Silva é um homem só. Ouviu os principais conselheiros, os homens de confiança, registou as sugestões políticas e os nomes indicados para os órgãos directivos do partido. Diz quem o conhece bem que «já decidiu quem vai ser o próximo secretário-geral do PSD», mas é provável que nem o actual número dois do Governo, Fernando Nogueira, saiba ainda o nome do sucessor de Dias Loureiro.

No entanto o Diário de Lisboa pode afirmar que, ao contrário do que chegou a ser referido, Eurico de Melo vai ser o presidente do novo Conselho Nacional.

Questionado sobre esta hipótese, Eurico disse que «é de considerar». Segundo declarações suas nos últimos dias, o ex-ministro da Defesa não quer um cargo « que me obrigue a ir muitas vezes a Lisboa. Quero estar com a minha família no Porto e contribuir também aqui para a dinâmica do partido. Não tenho preconceitos. Entrei no PSD por baixo».

Eurico de Melo apoia Cavaco Silva e moção da Comissão Política, dará dessa atitude sinais inequívocos, mas mantém um envolvimento reservado.

Cavaco Silva decide sozinho a composição da nova Comissão Política Nacional. No partido como no Governo quem manda é ele. Ninguém sabe com segurança quais os nomes dos vice-presidentes ou até dos vogais escolhidos para a direcção do PSD.

Fala-se de Dias Loureiro, que desta forma levaria o chamado «pontapé para cima», de Leonor Beleza, por quem Cavaco tem elevada estima, do activo e discreto Durão Barroso, de Fernando Nogueira, a mão direita do líder, ou de Brochado Coelho. As probabilidades são muitas, mais difícil é ter certezas.

O perfil do secretário-geral

Um homem da confiança de Cavaco Silva definiu o novo secretário -geral como «um homem dinâmico, capaz mobilizar o partido, com grande sensibilidade política e deve ser um homem consensual. Não é importante que seja uma grande figura política». Esta definição abre à hipótese que muitos social-democratas comentavam, quando se referiame alguns nomes mais sonantes do PSD: «Cavaco pode escolher um social-democrata com menos importância dentro do partido». Nesta perspectiva, o nome de Torres Pereira, ex-presidente da Associação Nacional de Municípios, foi o primeiro a aparecer nos jornais.

Até ao momento Marques Mendes e Duarte Lima foram os nomes mais falados para substituir Dias Loureiro.

O primeiro é um homem que Fernando Nogueira desejaria ver à frente do partido. Aliás a forma como foi feita a última remodelação do Governo dava a entender que Nogueira tinha mais planos para Marques Mendes. Ele é o único secretário de Estado que tem um sub-secretário de Estado, Luis Marques Guedes, um técnico que deixa mais tempo disponível para a acção política do governante.

O nome de Marques Mendes ganhou força aquando das negociações para a reconciliação de Cavaco Silva com Eurico de Melo.

O ex-vice-primeiro-ministro é amigo de Fernando Marques Mendes (pai) e do filho. Foram eles, juntamente com Fernando Ribeiro da Silva, actual presidente da distrital de Braga, que contribuiíram para que o conflito aberto com a saída de Eurico do Governo tivesse terminado no passado fim de semana com um jantar reconciliador em casa de Ribeiro da Silva, em Santo Tirso.

Com o apoio de Eurico de Melo, Fernando Nogueira e Cavaco Silva, Marques Mendes é um homem de peso. No entanto, as últimas informações recolhidas pelo DL indicam que o secretário de Estado não será o dirigente do aparelho partidário, porque «o primeiro-ministro não terá encontrado substituto à altura das funções políticas que estão destinadas àquele responsável no centro do Governo, nomeadamente a de porta-voz do Conselho de Ministros e responsável pela imagem pública do Executivo».

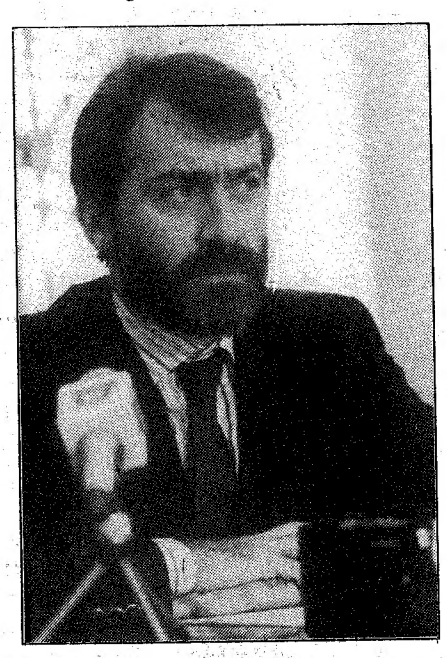
Duarte Lima teve um processo semelhante. O seu nome foi lançado para os jornais através de alguns elementos do chamado grupo de Lisboa. Conhecedor do aparelho do partido, o dinâmico vice-presidente do grupo parlamentar tinha à partida o apoio de muitas distritais. Duarte Lima negou a candidatura desde o início. Também neste caso Cavaco Silva terá dado a entender ao potencial candidato que necessitava dele «para activar as iniciativas parlamentares». Afinal, segundo revelou ao DL uma fonte social-democrata, «os deputados são muitos, mas a partir da segunda ou terceira fila não vale a pena pensar nisso».

Cavaco Silva está a segurar os quadros políticos que o podem ajudar a criar uma nova dinâmica no Governo e na Assembleia da República. Apesar do cargo de secretário-geral ser muito importante, o líder do PSD pode, sem alterar os estatutos, e sem retirar o protagonismo político ao futuro dirigente, distribuir pelos vogais da Comissão Política Nacional alguns pelouros, que permitam ao partido ter maior capacidade

Protagonistas com futuro no PSD

Luis Filipe Menezes
(líder da distrital do PSD do Porto)

«O PSD sempre que se perspectiva algum sinal de crise tem uma capacidade de grande rejuvenescimento e é capaz de dentro de si próprio encontrar soluções, definir projectos que suscitam de novo a confiança e o entusiasmo dos portugueses.

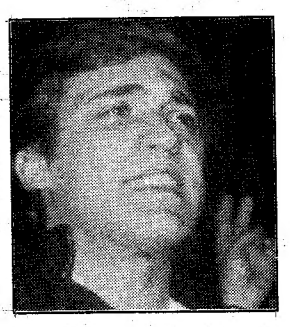


Se este Congresso caminhar no sentido de uma renovação da equipa dirigente, uma desgovernamentalização dos principais órgãos do partido, com relançamento do debate interno estarão criadas as condições básicas para a indispensável revitalização do partido.

Se assim for, o PSD conseguirá criar as condições mínimas indispensáveis para a apresentação de um novo projecto político susceptível de ser maioritariamente sufragado em 1991.»

Pedro Passos Coelho
(líder da JSD)

«A JSD vai para este Congresso com uma posição de grande abertura. Não vamos promover uma lista não discutimos nem negociamos lugares, não fui convidado nem me fiz convidar. Temos uma moção de estratégia para apresentar que espero contribua para a renovação e o rejuvenescimento do partido.

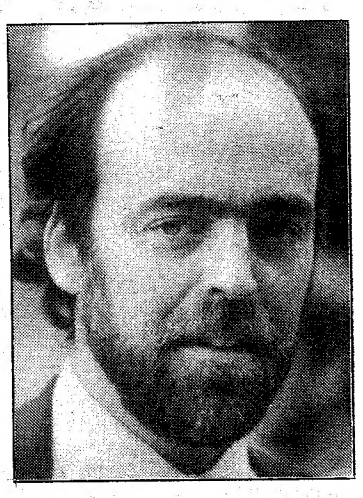


Não apoiamos, à partida, qualquer lista, mas se aparecer uma com uma composição muito jovem é natural que receba os votos de grande parte da Juventude Social Democrata. Estas situações são incontroláveis. Tenho esperança de que apareçam jovens em todas as listas.

O Partido Social Democrata deve estar unido em relação aos desafios eleitorais do próximo ano. A nova Comissão Política Nacional e o Conselho Nacional devem ser intérpretes de um novo discurso para fazer um bom combate político. Os órgãos do partido devem empenhar-se no sentido de este Congresso ser uma prova de unidade e vitalidade do PSD e não uma prova de unanimismo. A unidade não significa calar as diferenças. Há tarefas de grande responsabilidade para fazer, como por exemplo a revisão do programa do partido. Se for seguida uma metedologia de discurso e de debate que garanta a participação de todas as estruturas do PSD, creio que o partido vai encontrar um bom programa.»

António Pinto Leite
(líder da distrital do PSD de Lisboa)

«Existe um amplo consenso dentro do PSD relativamente ao próximo Congresso: a necessidade de apoiar o prof. Cavaco Silva e de renovação no plano das ideias e das pessoas.



Um terceiro aspecto, menos reflectido por todos, é o da necessidade de realizar um Congresso para motivar a opinião pública e o grande eleitorado do partido.

Neste quadro, a importância do impulso renovador dado pelo prof. Cavaco Silva é decisivo.

Face ao seu silêncio nos dias que antecederam o Congresso, parece-me que o seu discurso de abertura será determinante, como determinante será a remodelação partidária que vier a propor.

Será um Congresso vivido, pelas movimentações de que tomo nota, mas espero que toda a vivacidade seja orientada no sentido de servir o enobrecimento do PSD e da própria política e não para servir meras ambições pessoais.

O PSD sofreu um desgaste profundo, que deve ser analisado sem contemplações, mas é um partido com muito para dar a Portugal».

O líder político, o vice-presidente e o presidente do Conselho Nacional. A *troika* do PSD acompanhada por outros notáveis: Duarte Lima, Durão Barroso, Brochado Coelho e, atrás de Cavaco Silva, Pedro Santana Lopes

Lisboa espera que Cavaco a inclua nas suas listas nacionais, Aveiro e Portalegre reivindicam mais representatividade, Coimbra sustenta que os derrotados não se liguem à moção vencedora

Distritais disputam reino de barões

O XV Congresso do PSD deverá ficar assinalado pela disputa entre as distritais por um lugar ao sol. Todos os seus responsáveis se sentem amordaçados de pés e mãos, porque a última palavra - a decisiva, a definitiva - será de, Cavaco Silva.

Baralhar e dar de novo tem sido, nos últimos tempos, a nível de governação, a sua prática.

A dúvida que todos põem, enquanto reivindicam na praça pública mais peso para as suas distritais, é se as suas vozes chegarão até ele. E, sobretudo, se no partido a decisão final - a conhecer no sábado à noite ou na madrugada de domingo - não será semelhante à que tem tomado em relação ao Governo. O sobe-desce de figuras estará em hasta privada. Aceitam-se apostas e palpites. Com ele nada é certo, tudo é possível. É o culto do mistério e do suspense.

A Comissão Política Distrital daa Área Metropolitana de Lisboa tomou, nesse aspecto, a posição mais cómoda, aquela que menos riscos envolve.

Apresenta «uma moção diferente de todas as outras, cuja reflexão se prolongará para além do congresso», disse um dos seus responsáveis ao «DL». «É um verdadeiro espectáculo, sem paralelo em qualquer outra das que os congresistas vão discutir», acrescenta.

Não exigir nada a Cavaco Silva

A distrital que António Pinto lidera não reclama qualquer lugar na Comissão Política Nacional. São três, neste momento, os seus representantes: Correia Afonso, um dos vice-presidentes, Adelaide Lisboa e José Manuel Durão Barroso. Há quem situe nesta distrital Manuel Dias Loureiro, ao que os responsáveis da Comissão Política da Área Metropolitana de Lisboa não acham graça nenhuma.

No Conselho Nacional é natural que mantenha os seus oito lugares, facto que parece perturbar outras distritais, mas essa atribuição reflecte o seu número de militantes - defendem dirigentes da AML invocando o que os estatutos dispõem sobre isso.

Os responsáveis disseram ao «DL» não ter exigido a Cavaco Silva, quanto a listas, o quer que seja, até porque conhecem bem o seu presidente. «Entendemos que o professor Cavaco Silva deve fazer o que muito bem entender nesse aspecto», confidenciaram-nos.

Coimbra versus Lisboa

Nesta «guerra» entre as distritais por lugares nas listas de Cavaco Silva (sabendo-se que para alguns dos órgãos do partido haverá concorrência, por iniciativa de Virgínia Estorninho e Júlio Castro Caldas, primeiros candidatos, respectivamente, ao Conselho Nacional e ao Conselho de Jurisdição Nacional) Coimbra bate o pé a Lisboa.

continua na pág. 4

de resposta perante a intensa actividade da oposição, em especial do PS, revelou ao DL uma fonte próxima do presidente social-democrata.

A dança dos lugares

A negociação dos lugares das principais distritais para a Comissão Política Nacional provocou uma autêntica avalancha de contra-informação nos corredores da Assembleia da República.

O Porto, liderado por Luís Filipe Menezes, pôs a fasquia no ponto mais alto, mas nem a entrada de nomes como Américo Amorim, Salvador Caetano e do filho do dirigente do Futebol Clube do Porto para o PSD deram à distrital nortenha os lugares que pretendia na direcção do partido.

Todas as tentativas de negociação não conseguiram rasgar o isolamento de Cavaco Silva. Tudo indica que as distritais do Porto e Lisboa consigam colocar na Comissão Política homens da sua inteira confiança.

O dirigente dos sociais-democratas nortenhos tem agora a difícil tarefa de gerir a distribuição de lugares prometidos, sem ter espaço de manobra.

Pinto Leite, em Lisboa, fez ao contrário. Ficou a assistir ao jogo e no final terá uma palavra a dizer. Sabia que não podia abrir muitas frentes de intervenção porque para além de não ter o apoio de Fernando Nogueira, contava ainda com a tradicional oposição do Norte.

O dirigente de Lisboa, no que respeita a nomes jogou à defesa. O grande investimento de Pinto Leite neste Congresso é a moção de estratégia da sua distrital, considerada em termos ideológicos e programáticos, até por alguns adversários, como a mais completa. Neste sentido trabalhou junto das sensibilidades com peso político e ideológico para que o documento de Lisboa, embora sem alcançar a vitória, obtenha uma votação significativa.

A JSD vai levar ao Congresso do partido as mesmas preocupações que marcaram a reunião magna em Tróia, embora de uma forma politicamente mais elaborada.

No que respeita a lugares, Pedro Passos Coelho manteve a coerência do discurso que lhe deu a liderança da JSD: «Não queremos mais poder, queremos mais jovens.»

A Juventude Social Democrata «está aberta ao diálogo», mas não afasta a hipótese de uma parte expressiva dos seus membros votarem «numa lista geracional».

Na última semana alguns ex-dirigentes da JSD, tanto de Lisboa como do Porto, avançaram com a hipótese de fazer uma lista mais jovem para o Conselho Nacional. É provável que ainda hoje terminem os preparativos, mas tudo indica que essa lista, «tem pernas para andar».

Maria João Rocha

COMENTÁRIO

Tudo na mesma

Cavaco Silva afirmou-se indiscutível no PSD, já lá vão quatro anos. Hoje, face a alguns desaires eleitorais e a uma deficiente governação, alguns sociais-democratas pretendem discutir a palavra solitária e decisiva do chefe. Em vésperas de Congresso, as hostes do partido agitaram-se para exigir mais diálogo, maior participação das bases na definição política. Só que Cavaco apenas está habituado a ouvir quem entende consultar. As decisões, as escolhas, o traçar das linhas de acção política são um exclusivo de que não prescinde.

O primeiro-ministro não é um apreciador de consensos e, por enquanto, o PSD continua a viver à sua sombra. Apesar do desgaste, é ainda a sua imagem que rentabiliza o impacte das cores do partido.

O XV Congresso do PSD vai marcar o relançamento do PSD com vista às próximas eleições legislativas de 1991. Pelo caminho ficam as presidenciais, objectivo eleitoral que Cavaco Silva pretende desvalorizar, dado o embaraço que lhe causa a popularidade do potencial candidato Mário Soares. Habilmente, o presidente dos sociais-democratas declarou já abster-se de propor qualquer candidato, na eventualidade da recandidatura do actual Presidente.

Após a avalancha de votos, sem precedentes, que alaranjaram o 19 de Julho de 1987, o impacte eleitoral do PSD não tem parado de descer. Os resultados das últimas eleições europeias e das recentes autárquicas foram sérios reveses que confrontaram o Governo e o partido que o suporta com a necessidade, não tanto de alteração estratégica, mas de revitalização do Executivo e do aparelho partidário.

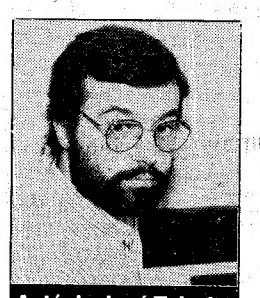
A estratégia delineada por Cavaco Silva - e só por ele, é bom notá-lo - não se alterou: nos primeiros anos da legislatura lançavam-se as denominadas «reformas estruturais», no final distribuía-se o dinheiro disponível (bastante, se tivermos em conta a mobilização dos fundos comunitários).

Cavaco previa algum desgaste, não previa é que ele atingisse a dimensão «preocupante» que alguns destacados dirigentes sociais-democratas não se coíbem hoje de reconhecer. Os escândalos em que o Governo se envolveu e a crescente inoperância revelada pelo aparelho partidário prejudicaram a estratégia cavaquista.

Daqui para a frente a aposta é na recuperação dos descontentes, no conforto aos menos bafejados pelos dinheiros de Bruxelas. Para isso, impõe-se revitalizar a propaganda e a capacidade de intervenção social. Só assim o PSD poderá ambicionar usufruir os louros das vacas gordas prometidas.

O compasso de actuação futura é marcado pelo primeiro-ministro e o que o presidente do PSD exige ao partido é que saiba acompanhar o ritmo do Governo e aproveitar-se dos *feed-backs* da Gomes Teixeira. Não são essas as expectativas que as várias sensibilidades sociais-democratas, agora irrequietas e legitimadas pelos últimos fracassos eleitorais. Os que não se consideram representados no Governo exigem maior autonomia do partido e reclamam maior debate político que possa influenciar as decisões.

Só que Cavaco, depois de ter conseguido neutralizar aqueles que queriam aproveitar-se do desavindo Eurico de Melo para o enfrentar, mais uma vez vai conseguir no Congresso o reforço da sua posição. Os eleitos serão, quase exclusivamente, os que ele indicar. E a eles vai apontar o caminho - como senhor incontestado - da mobilização do PSD em torno do seu Governo e na conquista das próximas legislativas.



António José Teixeira

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

GRANDE ANGULAR

Sérvulo Correia, já foi secretário-geral:

«O partido é aposta de algumas equipas»

«O partido é hoje em dia uma aposta de algumas equipas», disse Sérvulo Correia, em síntese, ao DL. Retirado da vida político-partidária pouco depois da formação da ASDI, à qual aderiu como militante, Sérvulo Correia foi eleito secretário-geral do PPD/PSD no V Congresso, no Porto, em 29 de Janeiro de 1978. Nesse mesmo dia, António Sousa Franco passou a presidir à Comissão Política Nacional. Outros tempos, com Francisco Sá Carneiro á cabeça do Conselho Nacional, lugar que espera por Eurico de Melo neste XV Congresso.

«Diário de Lisboa» - *Sentir-se-ia bem, actualmente, no PSD?*

Sérvulo Correia - Não, de forma alguma. O PSD transformou-se num grande partido da direita portuguesa, o que não é compatível com a minha posição. No plano económico, social e político não me considero um liberal.

Sérvulo Correia, ex-dirigente do PSD

DL- *No entanto, é importante que haja um grande partido da direita portuguesa, não admite?*

SC- Sim, eu considero que isso é legítimo e saudável.

DL- *Onde é que esta postura do PSD levará?*

SC- A prazo, consolidará uma bipolarização na vida partidária. Porque, como já disse, o PSD se transformou num grande partido conservador-liberal da direita portuguesa.

DL- *Obviamente com o seu espaço...*

SC- Claro. É até benéfico para a sociedade portuguesa haver um partido onde se possam exprimir as correntes neo-liberais.

DL- *Não é um posição pacífica?*

SC- Coloca um problema para algumas pessoas que defendem o ideário social-democrata.

DL- *Quer dizer que neste contexto não aderiria ao PSD se para isso fosse convidado, como o têm sido muitas pessoas nos últimos tempos?*

SC- Não, de modo algum. Assim o impõe a defesa de um ideário social-democrata.

DL - *Portanto, o PSD de hoje pouco tem a ver com o PSD dos seus tempos...*

SC- Pouco, de facto. A nível programático evoluiu muito. Até vai mudar o programa...Não tem nada de social-democrata, é um partido conservador-liberal.

DL- *Não está arrependido, de qualquer forma, de ter passado pelo PSD?*

SC- Não, de maneira nenhuma. A minha passagem pelo PSD ocorreu numa fase interessante. Não o lamento.

J.R.

Miguel Veiga ao DL:

«Cavaquismo precisa de ser renovado»

«Não concordo com certas formas de actuação da direcção do partido», disse Miguel Veiga do DL. Histórico do PSD, amigo de Balsemão é mais advogado que político. Diz a quem o quer ouvir que é «um advogado na política» e que não é «um político estabelecido», pelo que não pode ser um elemento de aferição nem um referencial do partido. Este antigo membro do Conselho Nacional do PSD, eleito em 27 de Fevereiro de 1983, em Montechoro, afastou-se das tarefas dirigentes do partido no Congreso da Figueira da Foz.

Foi o número dois da lista de João Salgueiro para o Conselho Nacional. E recordou ao DL que essa lista ganhou a eleição, obtendo a maioria para aquele órgão.

«Diário de Lisboa» - *O que pensa do 'cavaquismo'?*

Miguel Veiga - É minha opinião que tem de ser renovado, que deve haver um «aggiornamento», que não pode continuar como está.

DL - *Concretizando, o que acha que deve ser feito?*

MV- Eu creio que é urgente pôr os sociais democratas a pensarem, ao corrente do que se passa noutras latitudes e escalas.

DL- *De qualquer modo, o partido tem uma obra a seu favor...*

MV- Não há dúvida. Se houve, de facto, um partido que se abriu à sociedade civil, esse foi o PSD

DL-*Apesar disso, pelo que diz, há ainda muito a fazer, não é assim?*

MV- O PSD necessita de uma outra cultura de gestão.

DL- *Sem Cavaco Silva?*

MV- Nem sem Cavaco Silva, nem contra Cavaco Silva. Precisa, repito, de uma outra cultura de gestão. Com todos os riscos que isso implica, incluindo uma certa turbulência partidária. Como isso não foi feito, os resultados estão à vista. É evidente uma falta de vitalidade do partido.

DL- *Dito de outro modo, a que se deve essa constação?*

MV- Decorre do facto de não haver grande abertura interna, de não haver diálogo.

DL- *Poder-se-á dizer que é uma falha da social democracia?*

MV- Num partido aberto tem que haver uma gramática clara, um confronto de ideias. Instalou-se noo PSD uma gramática de obediência, que é aquilo justamente que a social democracia dispensa.

DL- *A culpa é do presidente do partido?*

MV- A governação de Cavaco Silva tem pontos extremamente positivos. Não me coloco, nesse aspecto, em oposição a Cavaco.

DL- *Então o problema é do partido?*

MV- É isso. A questão é que no PSD reina uma grande pasmaceira intelectual. Perdeu-se uma dialéctica que animava o partido e era alimentada por certas correntes da oposição. Tem que haver uma maior abertura.

DL- *Cavaco está mal rodeado, é isso que quer dizer?*

MV- Têm que ser chamados outros militantes com provas já dadas. Com provas dadas e a dar. Há muita gente que deve e tem de ser reconvocada. Eu acredito na vitalidade deste partido.

DL- *Insistimos: Cavaco está mal rodeado?*

MV- Não digo isso. Ele rodeia-se, ou rodeou-se, das pessoas que quer. Neste caso, que bem entendeu. Se está mal rodeado? Bem, essas pessoas não o sequestram.

DL- *Em sua opinião, que é que Cavaco deveria fazer?*

MV- Acho que deveria alargar o círculo de pessoas que o rodeiam, porque tem um elenco restrito á sua volta. Suponho que isso lhe limita a visão das coisas partidárias, limita-lhe os horizontes. O PSD só beneficiaria, e com isso o País, se esse leque fosse alargado.

DL - *Daí a queda do PSD?*

MV- Sim, porque o partido só tem vindo a decair por demérito próprio e não por mérito do PS, ao contrário do que muita gente possa julgar.É por marasmo e estagnação do próprio partido que se assiste à sua queda. O PS apenas soube aproveitar esse estado de coisas.

J.R.

Distritais disputam reino de barões

continuação da pág. 3

O presidente da primeira distrital afirmou ao DL que «os subscritores das moções derrotadas não poderão protagonizar as aspirações da moção vencedora». Alexandre Gouveia concretizou a sua ideia sublinhando que «os intérpretes da moção vencedora devem ser os que com ela se identifiquem, que a realizem e que a corporizem», e não outros.

A distrital que Alexandre Gouveia lidera, refuta a insinuação - que atribui à de Lisboa - de que a maioria dos dirigentes do PSD são de Coimbra, ligando porventura vários deles a Fernando Nogueira. Vai mais longe, admitindo que, presentemente, Dias Loureiro é tanto de Coimbra como de Lisboa.

«Não é essa a nossa grande preocupação em relação ao PSD, neste momento», conclui Alexandre Gouveia.

«Desgovernamentalizar e descentralizar»

A distrital de Portalegre exige mais peso nos órgãos nacionais do partido. «Todos querem mais representantes, nós entendemos que também temos direito a isso», disse José Barradas ao DL.

O presidente desta distrital, que para si não reivindica qualquer lugar nacional predominante no partido, embora lembre - para quem porventura tenha a memória mais curta - que no VII congresso, em 16 de Julho de 1979, foi eleito vogal da Comissão Política Nacional, quando Leonardo Ribeiro de Almeida assumiu a presidência deste órgão por indicação do presidente do partido (Sá Carneiro), defende que «é tempo de se fazer justiça» ao PSD de Portalegre.

«Somos uma distrital a Sul do Tejo, sem contar com o Algarve, que elegeu mais de metade (quatro) dos sete presidentes de Câmaras em 17 de Dezembro», salienta José Barradas, que ao distrito de Portalegre junta os de Setúbal, Évora e Beja.

Em seu entender, não há razão para que Lisboa, Porto e Coimbra monopolizem quase o total dos dirigentes nacionais do partido. «Impõe-se que a posição do presidente do partido acerca de desgovernamentalização dos cargos partidários e sua descentralização se torne realidade neste congresso», concluiu.

«Secretário-geral deve mudar»

A Comissão Política Distrital de Aveiro considera «importante que o secretário-geral tenha um perfil completamente diferente». Um dos seus vice-presidentes salientou ao DL que «as inúmeras falhas no relacionamento» entre este e as distritais assim o aconselha, ressalvando, contudo, só lhe competir falar sobre o que se tem passado em relação a Aveiro.

Terceiro distrito em número de militantes, depois de Lisboa e Porto, é, não obstante, aquele em que o peso autárquico do PSD mais se faz sentir, sendo suas dez das vinte Câmaras Municipais.

Apesar disso, a sua representação nos órgãos políticos nacionais é escassa: dispõem apenas de um lugar no Conselho Nacional (Oliveira e Costa). Outro aveirense, Ângelo Correia, é o seu único representante na mesa do Congresso (vice-presidente).

«Não podemos continuar a ser marginalizados», afirmou o mesmo dirigente, segundo o qual Ângelo Correia poderá ser um dos vice-presidentes da Comissão Política Nacional. Para o Conselho, a Comisão Política Distrital incumbiu o presidente - Oliveira e Costa - de subir a parada, pretendendo que a ele se juntem dois elementos por Aveiro.

Esta distrital, que apoia a moção da Comissão Política Nacional, considera que ainda «não capitalizou aquilo a que se acha com direito». Sem problemas sociais e económicos, detentor de um desenvolvimento equilibrado, o distrito de Aveiro arroga para si uma posição partidária superior à de Coimbra, mas que, apesar disso, não se espelha nos órgãos nacionais do PSD.

Júlio Rodrigues

POLÍTICA

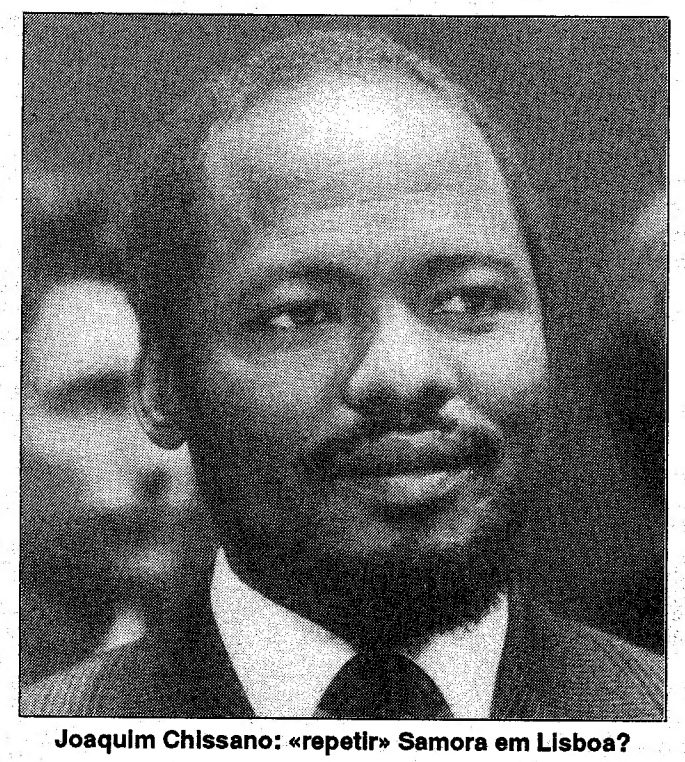
Joaquim Chissano chega segunda-feira a Lisboa

Dois encontros com Mário Soares e com Cavaco Silva marcam a visita do presidente moçambicano Joaquim Chissano a Portugal, que se realiza entre segunda e quinta-feira da próxima semana.

A agenda de Chissano prevê ainda uma deslocação à Assembleia da República e reuniões com associações empresariais. O Chefe de Estado encontra-se com Soares antes do almoço de segunda-feira, dia em que visita a Câmara de Lisboa e tem uma audiência com chefes de missões diplomáticas de países africanos em Lisboa.

Pela manhã de terça-feira, em Queluz, Chissano reúne com Cavaco. À tarde, desloca-se à Assembleia da República e, de novo em Queluz, encontra-se com representantes dos partidos. Na quarta-feira, o presidente moçambicano parte para o Porto, onde visita a Câmara Municipal e a Associação Industrial Portuguesa. Ainda para esse dia, em Lisboa, estão marcados um encontro com representantes da comunidade do seu país em Portugal e um jantar privado com o primeiro-ministro.

Na quinta-feira, finalmente, depois de tomar o pequeno-almoço com a Imprensa, no palácio de Queluz, Chissano visita a estação terrena de satélites da Marconi, em Negrais, a Sorefame e as Oficinas Gerais de Fardamento e Equipamento. Além de participar num almoço oferecido pela Confederação Nacional das Empresas Portuguesas (CNEP), assina nesse dia um acordo de cooperação



Joaquim Chissano: «repetir» Samora em Lisboa?

jurídica e judiciária entre Portugal e Moçambique e janta com Mário Soares.

Joaquim Chissano é o segundo Chefe de Estado moçambicano a visitar Portugal, depois de Samora Machel. Em Outubro de 1983, a deslocação ao nosso país do líder histórico da FRELIMO foi unanimemente considerada um êxito, face às manifestações de apoio de que foi alvo.

O contexto da visita do seu sucessor é bem diferente. Moçambique atravessa um processo de paz interna no qual Portugal se tem envolvido de uma forma discreta e deseja, de acordo com as mais recentes declarações dos responsáveis políticos, um maior empenhamento da antiga potência colonial.

A dar passos lentos no sentido da abertura política, o país iniciou um processo de debate acerca do futuro constitucional, não estando decidida a opção, entre o regime de partido único e o pluripartidarismo. Chissano tem sido o artífice destas transformações, a que não são naturalmente alheias as que estão em curso na África do Sul, o poderoso vizinho em vias de pôr fim ao «apartheid».

É no campo económico que a participação do nosso País pode ser mais bem recebida, como o próprio presidente moçambicano já reconheceu. Estão hoje removidos todos os obstáculos políticos e há, aparentemente, vontade de avançar no sentido da eliminação de eventuais dificuldades de carácter técnico e económico capazes de impedir a presença de empresários portugueses.

Chissano visita Portugal num momento em que empreende um ambicioso Programa de Reabilitação Económica.

Não é obra do acaso o facto de ter previstos diversos encontros com associações empresariais nem o de a sua deslocação ter sido antecedida da vinda de Armando Guebuza, ministro dos Transportes e Comunicações, que esta tarde reúne com o seu homólogo português, Oliveira Martins. Um «senão» - a recente expulsão de um jornalista português acreditado em Maputo - não deixará de ser abordado.Entretanto, foi ontem divulgado em Lisboa o manifesto do Movimento para a Paz e Democracia em Moçambique, que preconiza o pluralismo político.

A ele aderiram já, segundo a agência Lusa, personalidades de diversas áreas políticas, desde os centritas Freitas do Amaral e Lucas Pires, aos social-democratas Eurico de Melo e Mota Veiga, passando pelos socialistas António Rebelo de Sousa e João Soares, o sindicalista Rui Oliveira e Costa e o dissidente comunista Carlos Pitacas Antunes.

Redacção «DL»/Lusa

Governo estuda requisição do Autódromo do Estoril

O Conselho de Ministros analisava ao fim da manhã uma proposta de requisição do Autódromo do Estoril, com fundamento na Lei de Bases do Sistema Desportivo.

Esta lei permite a requisição de instalações consideradas indispensáveis para assegurar a prática desportiva.

Em causa está a realização do Grande Prémio de Portugal que, de acordo com o presidente do Automóvel Clube de Portugal, Alfredo César Torres, deverá ser confirmada até hoje à FISA.

O diferendo que opõe a Autodril à Câmara Municipal de Cascais e ao Automóvel Clube de Portugal, tinha chegado a uma situação de impasse que ameaçava prolongar-se, pondo em risco a realização da Fórmula 1 em Portugal.

Mota Amaral foi reeleito presidente de S. Miguel

Mota Amaral foi reeleito presidente da comissão polúiitica do PSD da ilha de S. Miguel, por 94 por cento dos votos expressos. Para a vice-presidência desta estrutura regional dos sociais democratas açoriana foi votado o nome de Américo Viveiros, secretário-geral e membro do governo do arquipélago. Também neste caso se tratou de uma reeleição em Ponta Delgada.

A lista de Mota Amaral inclui João Bernardino Rodrigues na outra vice-presidência do PDS da ilha de S. Miguel, a mais importante estrutura intermédia do Partido Social Democrata dos Açores.

Fonte partidária de S. Miguel afirmou que a lista ontem eleita representa a entrada de 80 por cento de elementos novos.

Diário da República não foi publicado

A primeira série do Diário da República não foi hoje publicada. O facto, segundo apurou o «DL», deveu-se a um «problema técnico de impressão». Normalmente, a folha oficial está pronta com dois dias de antecedência. Hoje, deveriam ter sido publicados dois diplomas referentes ao novo regime jurídico da operação portuária e ao tráfego rodoviário. O Diário da República com data de hoje «será distribuído ainda hoje, o mais tardar amanhã», disse ao «DL» fonte governamental.

Tranquilidade em Macau

Autoridades estudam impacto da legalização dos clandestinos

A calma voltou a Macau após a contra-ofensiva do governador Carlos Melancia, que promoveu a exoneração do chefe do Estado Maior, coronel Nuno Roque, e do segundo comandante das Forças de Segurança, tenente-coronel Rola Pata, enfrentando assim uma das mais delicadas situações que se lhe depararam ao longo do seu mandato.

Entretanto, o general Carlos Azeredo e o coronel Manuel Monge, enviados do Presidente da República, deixaram hoje Macau, com destino a Lisboa.

Durante os cinco dias que permaneceram no território mantiveram contactos com autoridades civis e militares e informaram Mário Soares sobre a a situação no território.

Carlos Azeredo e Manuel Monge escusaram-se aos longo destes dias a prestar quaisquer declarações, considerando que a sua missão era «confidencial» nada podendo comentar antes de entregarem o seu relatório ao Presidente da República. Entretanto, o ex-chefe do Estado Maior das Forças de Segurança, coronel Nuno Roque, admitiu ontem à Lusa que o seu afastamento do cargo se ficou a dever a «uma decisão política» do Governador, acrescentando ter «a consciência tranquila» e entender que a sua actuação no comando «não é passível de qualquer responsabilização pelos acontecimentos da semana passada».

Por sua vez, o coronel Rolo Pata, escusou-se a prestar declarações, limitando-se a afirmar que a sua comissão de serviço como segundo comandante das Forças de Segurança de Macau foi cumprida «com lealdade e e espírito de bem servir». Poucos esperavam a firmeza de Carlos Melancia frente a um problema que envolvia militares.

A notícia da exoneração de Nuno Roque e Rolo Pata, foi dada a conhecer aos jornalistas pelo Governador, de forma inesperada, à saída de uma reunião da Comissão Consultiva, considerando que que foi «a primeira medida que devia tomar de imediato para repor o crédito» no comando das FSM. Do «curriculum» de Rolo Pata não se conhece muito. Sabe-se que pertenceu à Dinfo, Divisão de Informações do Estado Maior General das Forças Armadas. Alguns meios em Macau referem que «já há muito tempo tinha um comportamento estranho». A grande preocupação da população do território, neste momento, não é, todavia, o incidente das Forças de Segurança, mas o problema do elevado número de imigrantes ilegais e a sua influência no plano económico e social. A entrada de mais de 40 mil pessoas no mercado do trabalho, segundo a imprensa chinesa local, poderá afectar os níveis de emprego e de salários e bloquear a própria segurança social.

Redacção Lusa/DL

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	48$05	54$05
ALEMANHA FED. (marco)	87$25	88$45
ÁUSTRIA (xelim)	12$40	12$60
BÉLGICA (franco)	4$027	4$277
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	126$95	129$45
(notas de 5 a 1000)	127$45	129$95
DINAMARCA (coroa)	22$80	23$20
ESPANHA (peseta)	1$336	1$456
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	148$35	151$85
(notas de 5 a 1000)	148$85	152$35
FINLÂNDIA (marka)	37$00	37$60
FRANÇA (franco)	25$95	26$65
HOLANDA (florim)	77$50	78$60
IRLANDA (libra)	235$15	239$15
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$895	$950
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
REINO UNIDO (libra)	244$60	249$10
SUÉCIA (coroa)	24$15	24$65
SUÍÇA (franco)	98$35	99$85
VENEZUELA (bolívar)	2$655	3$455

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

POLÍTICA

Victor de Sá fala do povo através de três revoluções

Foi sobre a afirmação do povo «nas três revoluções da nossa modernidade, nestes últimos 170 anos», que Victor de Sá ontem dissertou, no auditório do Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa. Depois do curso de História na Universidade de Coimbra, este conhecido oposicionista ao regime deposto em 25 de Abril de 1974 doutorou-se pela Sorbonne, depois de ter sido bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, e exerce actualmente as funções de professor agregado na Universidade do Porto.

O conferencista foi apresentado por Viegas Reis, seu ex-professor no Liceu de Braga, e falou sobre «O Povo na Época Contemporânea Portuguesa», sobretudo quando emergiu como força motora da nossa história sendo liberal, em 1820, republicano em 1910 e antifascista em 1974.

Estas três saídas de três diferentes andares térreos da sua condição ditou a análise sobre «como o homem português actual é diferente» depois destas revoluções. E principiou o Ciclo da Primavera dos Estudos Gerais Livres.

Povo e plebe em 170 anos

Citando o Dicionário Morais de 1858, constata a destrinça entre povo e plebe, para chegar a um «conceito aristocrático de povo», com livre curso durante o liberalismo.

E verifica também que a vitória do povo burguês, depois de 123 anos sem Côrtes, deu a todos, mesmo à plebe excluída do sufrágio por razões económicas, o fim da prisão por dívidas, das palmatoadas, das chicotadas, dos açoites e das mutilações, com os pelourinhos a perderem o carácter odioso que apenas reassumiram «durante a contra-revolução miguelista».

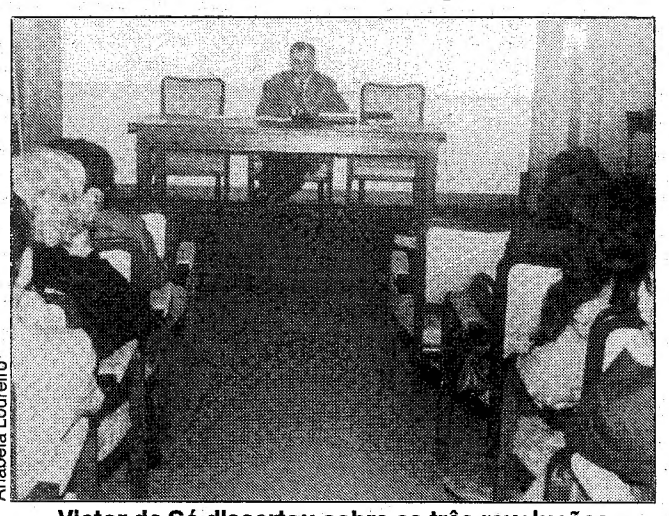
«A dignificação do trabalho» foi, segundo Victor de Sá, outra das grandes inovações liberais, acompanhada pela extinção das corporações, em 1834, e pela maior inovação do Setembrismo: as liberdades de Imprensa e de reunião.

A vinda do Zé Povinho

Já nessa altura existiam propagandistas de uma forma de poder mais «filosófica, nobre e prestigiosa» de organização social. Os ideais republicanos entravam na ordem do dia.

E também, em 1850, já estavam entre nós as ideias socialistas, destinadas a «resgatar o povo pela revolução económica e torná-lo omnipotente pela forma democrática».

Esta definição de povo foi bem sublinhada por Victor de Sá, que não deixou de assinalar a coincidência da Comuna de Paris, da conferência de Antero sobre «As Causas da Decadência dos Povos Peninsulares», a publicação das «Farpas» e... a criação do Zé Povinho.



Anabela Loureiro

Victor da Sá dissertou sobre as três revoluções da nossa modernidade

Tudo estava de acordo com a exaltação do «plebeu antigo» de Antero, na citada conferência do Casino, e com o anticolonialismo vintista de Mouzinho da Silveira, que ao saudar a independência do Brasil já condenava «as conquistas» que tinham deixado o povo mais pobre. Antero de Quental também não tinha uma visão ultramarina da felicidade portuguesa e, na mesma linha, viria a manifestar-se António Sérgio, ao criticar a entrada de Portugal na Primeira Guerra Mundial para apenas defender horizontes longínquos de esperança.

Talvez por causa desse apego ao colonialismo, defende Victor de Sá, a primeira ocupação de terras alentejanas ocorreu em plena I República e foi reprimida com deportações maciças de revoltados, sem julgamento, porque na altura era a propriedade que interessava... mesmo ao proprietário que pôs fim à carreira de Sidónio Pais, um reservatário do seu tempo, descontente com o Governo, nos termos do conferencista.

Veio a seguir o 28 de Maio e «a ditadura adiou e reprimiu por meio século» o corolário das revoluções liberal e republicana: a revolução democrática de 74».

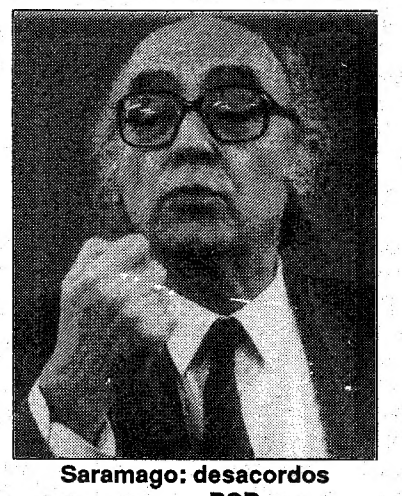
A partir daí, «deixaram de existir franjas de maioridade cívica na sociedade portuguesa», frisou.

E Victor de Sá não deixou de salientar a baixa para os 18 anos da idade de voto, quando disse que agora, depois de 170 anos de tentativas, «o povo é livre».

João Isidro

Saramago critica imobilismo do PCP

O escritor José Saramago reconheceu ter «desacordos» com o Partido Comunista Português. Em entrevista que concedeu à revista espanhola «Tiempo» Saramago disse estar com «um grupo de críticos» e ter tido «a esperança de viver mudanças que, afinal, não se produziram». Mais destacou que esses «desacordos» foram o motivo que o levaram a deixar a presidência da Assembleia Municipal.



Saramago: desacordos com o PCP

Na entrevista, Saramago garantiu não ter «qualquer dúvida» sobre a sua condição de comunista e não considerou «válida» a linha seguida pelo líder do PC italiano, Achile Occheto, ao mudar o nome do partido e a sua linha programática.

«Ou se é comunista, ou não se é, e ninguém pode declarar-se comunista constatando, simultaneamente, que o seu partido até muda de nome, de siglas e de programas, fundamentos da razão de ser dos comunistas», sublinhou. Comentando as mudanças a Leste e a crise do comunismo, o escritor português disse que a «desilusão» e a «falta de autocrítica» são as principais razões que provocaram esta situação. Para o escritor, estes sentimentos constituem algo que «o capitalismo nunca poderá vir a conhecer, porque não promete a felicidade, mas só o lucro».

Lisboa já tem Provedor do Ambiente

A Câmara Municipal de Lisboa criou a figura do Provedor do Ambiente e Qualidade de Vida durante a reunião semanal do autarquia que ontem decorreu sob a presidência de Rui Godinho, a substituir Jorge Sampaio, ausente em Maputo para assistir à VI assembleia geral da UCCLA.

O Provedor, de acordo com o seu estatuto, exercerá a sua actividade «de modo independente face aos órgãos municipais». Tem como competências principais receber queixas, socilitações e reclamações dos munícipes em matéria de ambiente e qualidade de vida urbana. Poderá dirigir à Câmara pedidos de informação, emitir pareceres, recomendações e propostas em matéria da sua competência, podendo pronunciar-se, junto dos órgãos municipais sobre matérias que respeitem ao desempenho da sua função.

Quando os cidadãos invocarem a defesa dos seus direitos urbano-ambientais poderão recorrer ao Provedor já que será ele a figura competente para apoiar o acesso a tais direitos.

A proposta para a criação desta nova figura foi aprovada com os votos favoráveis do PS, PCP, CDS e PPM e a abstenção do PSD, com excepção para o ponto relativo à eleição do Provedor, em que o PS e o PCP votaram a favor, o PPM absteve-se e o PSD e o CDS votaram contra.

João Amaral é hoje eleito

João Amaral deverá ser hoje formalmente eleito presidente da Assembleia Municipal de Lisboa. Na sequência da demissão de José Saramago, aquele deputado do PCP passa a ocupar agora o lugar deixado vago pelo escritor.

Apesar de o presidente ser «novo», não se deverão registar relevantes alterações na composição da Mesa daquele órgão autárquico e assim a socialista Ana Sara Brito e Maria Alfreda Cruz, do MDP voltarão a ocupar respectivamente os cargos de 1ª e 2ª secretárias da Assembleia, após as eleições que se realizam na sessão de hoje .

A adesão da Câmara ao Conselho Português de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais, a inscrição do município como sócio do Centro de Formação Educacional e Permanente, a classificação como imóvel de valor local do número 120 na Rua da Lapa e a alteração ao regulamento dos cemitérios municipais de Lisboa, são os pontos principais as discutir na reunião extraordinária de hoje.

Amigos querem Delgado marechal

«Vamos fazer todos os esforços para que o general Humberto Delgado seja promovido a título póstumo a marechal» - afirmou ao DL Alcina Bastos, um dos elementos da Comissão de Honra e Homenagem ao general, formada desde 1974, e que ontem foi recebida pelo Presidente da República.

Mário Soares, por sua vez, afirmou durante o encontro aceitar presidir à Comissão de Honra Nacional que se irá formar para dirigir as cerimónias de trasladação dos restos mortais do general Humberto Delgado.

Artur Andrade, Artur Cunha Leal, Duarte Vidal, Walter Basílio, Araújo Correia e Mário Brandão foram outros dos elementos que estiveram em Belém para dar conta das suas preocupações e recordarem momentos da campanha eleitoral de 1958.

Anabela Loureiro

Direitos do Homem têm associação A Associação para a Promoção dos Direitos do Homem foi ontem constituída. Santinho Cunha, um dos fundadores, presidiu à sessão que marcou a aprovação dos estatutos. Entre os fundadores contam-se também o Provedor de Justiça, Almeida Ribeiro, e o advogado Proença de Carvalho

PS divulga texto sobre televisão

«Sublinhar a importância do que está em causa» no debate acerca da privatização do espectro televisivo é o objectivo de um documento, subscrito por Jorge Lacão e Arons de Carvalho, que o PS vai hoje tornar público.

O texto, a que o «DL» teve acesso, reforça as posições socialistas nesta matéria, chamando a atenção para questões que não têm estado no centro do debate, orientado para a problemática dos direitos da Igreja Católica. Os dois deputados, que integram a comissão especializada da qual resultará a lei, sublinham a necessidade de se definir com clareza em que consiste o serviço público de televisão e as exigências que se lhe colocam.

Entre elas, destacam a necessidade de defesa da língua e cultura portuguesas, através da atribuição de quotas mínimas de produção.

Os socialistas aceitam a abertura de um período transitório, mas consideram que não deve diluir-se a produção portuguesa na «de expressão portuguesa», como consta da proposta do Governo. Tal solução, entendem Lacão e Arons de Carvalho, abriria caminho ao aumento das emissões de origens brasileira.

Redacção «DL»

COMENTÁRIO

«Minha Excelência, o Ministro»

Não vou falar do livro que o ex-ministro Cadilhe escreveu, mas do facto do ex-ministro Cadilhe ter escrito um livro e das razões de o ter feito. Vale ainda como introdução o esclarecimento de que, não sendo entendido em economia e finanças, não me lembro de alguma vez ter escrito o que quer que fosse sobre aquele antigo membro do Governo. Não posso, deste modo, ter participado, nem inadvertidamente, nas campanhas caluniadoras de que ele se afirma vítima e de que acusa, entre outros, os jornalistas. Peço que o leitor, ao julgar a minha eventual parcialidade, ponha isto num dos pratos da balança, já que, no outro, é seguro que não deixará de pôr o facto de eu ser jornalista.

Quando o dr. Miguel Cadilhe ascendeu do mais profundo anonimato a funções ministeriais, a primeira imagem pública que deu de si foi marcada pela pueril e provinciana arrogância com que fez a sua estreia na Assembleia da República e a insolência com que respondeu às interpelações dos deputados. Embora amansadas nos ímpetos iniciais, essas características nunca abandonaram o ex-ministro, durante todo o tempo em que se manteve em funções, nem nunca deixou, quer em actos públicos, quer na sua intensa vida social, de manter uma atitude de auto-deslumbramento enfatuado que o impelia a utilizar o plural majestático, a referir-se na terceira pessoa ao titular do seu próprio cargo e provavelmente a tratar-se no íntimo por «Minha Excelência, o Ministro».

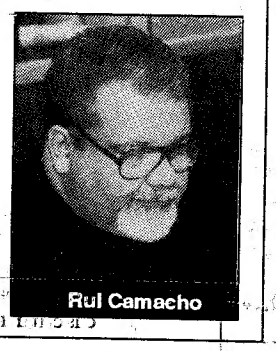
Como ele próprio afirma no seu livro, «são as pequenas coisas, em molho, que proporcionam o ambiente à rejeição ou aceitação das ideias e das pessoas». Só não é verdade que, como também diz, sejam os jornalistas que mandam nessas pequenas coisas. As culpas são exclusivamente de quem comete erros sucessivos, pequenos ou grandes. E foram muitos e grandes os erros do ex-ministro Cadilhe, meteoricamente investido em funções governativas - erros motivadores da sua rejeição, não apenas pelos jornalistas, apesar de tudo dispostos a alguma condescendência perante as ingenuidades das figuras públicas, mas do cidadão comum, cuja simpatia é realmente difícil de conquistar por quem personifica a erosão fiscal dos seus magros recursos.

Ninguém mandou o ex-ministro Cadilhe afivelar, mesmo que apenas por dois minutos, o ar zombeteiro com que foi à televisão anunciar medidas restritivas, comprar um apartamento no prédio mais caro de Lisboa, quando o crédito para aquisição de habitação era dificultado, e tornar-se figura omnipresente do *jet-set* lisboeta, o que, fossem quais fossem os seus hábitos anteriores, não é procedimento isento de riscos, em termos de opinião pública, para um governante com funções particularmente sensíveis.

Não seria necessário cometer o erro suplementar de escrever o seu livro, que acaba sendo mais uma ingenuidade, para o ex-ministro Cadilhe nos convencer de que foi vítima das pressões sobre o seu Ministério, que certamente só para ele foram surpreendentes e inesperadas, e da antipatia que conseguiu despertar e constituiu provavelmente um recorde de unanimidade nacional.

A defesa da sua imagem de homem público era tarefa que, em primeiro lugar, lhe competia. Se não soube fazê-lo, a culpa não é nem dos jornalistas, nem dos mentores dos grandes interesses que se movem à volta do Governo, relativamente aos quais qualquer ministro deve ter o realismo de esperar tentativas de aliciamento ou de neutralização e o cuidado de as desencorajar.

Se, além dele próprio, há outros culpados, entre eles estará certamente quem, tendo de ministro das Finanças o conceito de super guarda-livros, de Governo a ideia de uma super repartição vazia de ideologias, e de governante a imagem de um tecnocrata diplomado, foi buscar um bancário, porventura um bom bancário, e fez dele um ministro, inevitavelmente um mau ministro.



Rui Camacho

POLÍTICA

Portugal e Espanha acertam agulhas

Livre circulação de pessoas entre os dois países - o «canal azul» - deverá ser ensaiada a partir de 1 de Junho pela fronteira de Vila Verde do Ficalho

Os ministros da Administração Interna de Portugal, Manuel Pereira, e do Interior de Espanha, José Luís Corcuera, chegaram ontem a acordo, na Galiza (Baiona), sobre a data em que deverá abrir a primeira fronteira com livre circulação entre os dois países: 1 de Junho próximo. Não ficou decidida qual a fronteira que a partir daquela data passará a funcionar como «canal azul» (livre circulação de pessoas) entre Portugal e Espanha. Neste ponto os dois países divergem ligeiramente: Manuel Pereira propôs a fronteira de Vila Verde de Ficalho, no Alentejo, ao passo que José Luís Corcuera prefere a passagem Mogadouro-Fernmoselle (Salamanca).

É provável que a posição portuguesa se venha a impor - admitiram fontes fronteiriças espanholas em Baiona. As duas delegações decidiram criar uma comissão técnica mista à qual caberá traçar o perfil, as características e as medidas a adoptar para o funcionamento do primeiro posto fronteiriço a operar com este sistema. O ministro espanhol José Luís Corcuera deslocar-se-á a Lisboa, no final do mês, para apressar uma resolução nesse sentido.

Três postos fronteiriços foram já escalonados para passarem a funcionar sucessivamente em regime de livre circulação. Todos os postos fronteiriços entre os dois países entrarão nesse esquema até 1993 - garantiu o ministro espanhol no final da reunião.

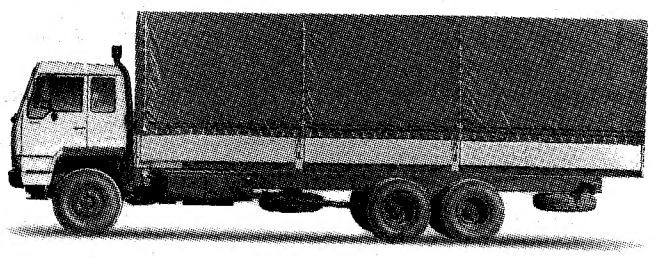
A comissão mista deverá reunir-se em Lisboa já em 7 e 8 de Maio, altura em que será anunciada em definitivo a fronteira luso-espanhola escolhida para esta experiência-piloto.

A cooperação fronteiriça entre os dois países foi exaustivamente abordada nesta reunião em que os dois ministros reconheceram que o entendimento entre as forças de segurança de Portugal e Espanha «tem sido excelente», sublinhou Manuel Pereira. Segundo ele, o Governo português aprovará, dentro de um mês, legislação contra a circulação de «lanchas voadoras» em águas territoriais portuguesas, fenómeno que se observa muito na costa Norte.

TEMOS AS COSTAS LARGAS.

MITSUBISHI FUSO

Não há nada que agrade mais a um Mitsubishi Fuso que uma grande carga de trabalho. Três robustos camiões, preparados para enfrentarem situações de muito peso. Musculosos e fortes, os Mitsubishi Fuso têm um motor potente de injecção directa, pronto para transpor todos os obstáculos.
A linha Mitsubishi Fuso foi concebida a pensar nos seus negócios. O aerodinamismo da cabine oferece menos resistência ao ar, diminuindo o consumo de combustível e aumentando os seus lucros. A cabine espaçosa e confortável prepara-o para as longas horas de estrada.
Mitsubishi Fuso, um camião de costas largas apto para carregar com as mais difíceis responsabilidades.



FAZEMOS BEM PORQUE SABEMOS COMO

MITSUBISHI MOTORS DE PORTUGAL S.A.
Povos - 2601 Vila Franca de Xira Codex
Telefones: (063) 22 173/7 - (063) 25 061/7
Telefax: 32570 - Telex: 18748 - CIAC
Telegramas CIAC - Apartado 37

CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS
Filial de Leiria - (044) 27191
Filial do Porto - (02) 67 23 55

MITSUBISHI MOTORS

FORUM

GENEALOGIAS DA ACTUALIDADE

O FIM DA ESCRITA

A invenção do primeiro alfabeto deve ter ocorrido na Síria, no princípio XII a.C. Era um alfabeto constituído por 22 consoantes. A partir do século VIII a.C., é levado por colonos para Chipre, Cartago, Malta e Sardenha. É também por essa mesma altura que o alfabeto consonântico fenício deve ter sido adaptados pelos gregos, que lhe introduziram as vogais. Os Etruscos adaptam-no pouco depois ao que viria a ser o nosso alfabeto latino, posteriormente introduzido em todo o mundo mediterrânico, na sequência da romanização.

Até à invenção da escrita alfabética, o grafismo assegurava tanto a representação das coisas, dos objectos e dos seres, como a fixação mnemónica da linguagem oral. A gravação, nas paredes das cavernas de Altamira ou de Lascaux, de representações gráficas coloridas de cenas do mundo era uma transcrição de símbolos destinados, ao mesmo tempo, à representação dos seres, à fixação na memória das coisas e dos acontecimentos, e à conservação da palavra. As escritas cuneiformes, inventadas na Mesopotâmia, cerca de 34 mil anos antes de Cristo, e as escritas hieroglíficas, inventadas no Egipto, por volta de 32 mil anos antes de Cristo, provêm directamente desta experiência conjunta da representação das coisas e da representação da linguagem. O grafismo primitivo terá sido, assim, o embrião, a semente de práticas simbólicas que as civilizações viriam a autonomizar em duas esferas cada vez mais distintas: a das artes plásticas e a da escrita. A cultura ocidental levou este processo de autonomização ao seu termo, a ponto de assistirmos, no mundo moderno, a um divórcio quase completo entre estas duas esferas da experiência humana. É, por isso, necessário, hoje, um certo discernimento para relacionarmos entre si a prática da escrita com a actividade plástica do pintor.

O processo de autonomização da escrita em relação à imagem acompanhou a elaboração de um pensamento racional, a vontade de autonomia da razão humana no seu esforço, não só para explicar e compreender o mundo, mas sobretudo para encontrar nas leis que o regem os princípios da sua transformação e da sua adaptação a projectos humanos racionalmente concebidos.

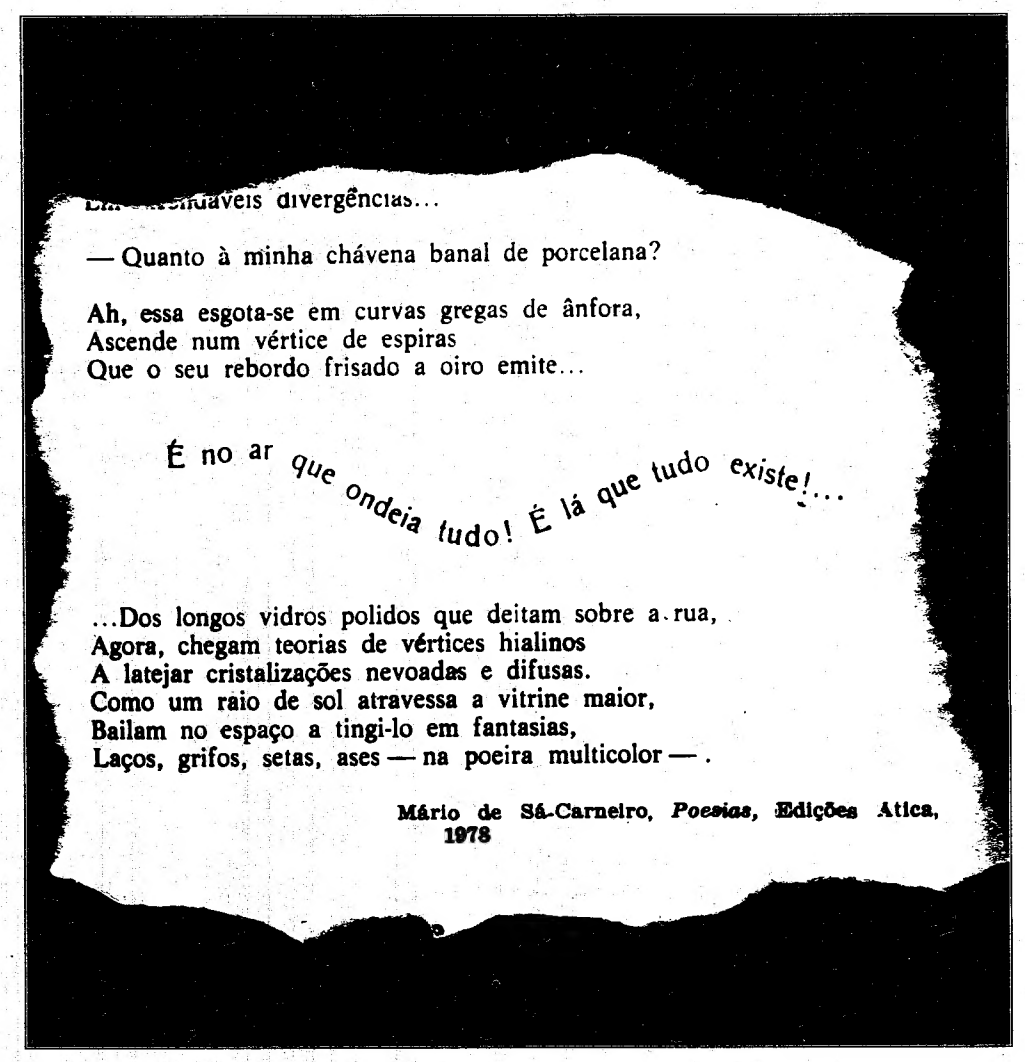
É certo que, ao longo destes vinte e oito séculos de história da separação entre a escrita e a pintura, a reminiscência desta coalizão originária da prática simbólica não se apagou completamente. As escritas pictográficas e ideográficas primitivas, ainda hoje reconhecidas, por exemplo, na forma dos caracteres chineses, guardam a ressonância desta origem comum do grafismo. A caligrafia foi, durante séculos, o reduto desta reminiscência, e as iluminuras medievais continuam a atestá-lo de maneira eloquente. O prazer da escrita assinala a nostalgia da unidade perdida destas duas esferas da actividade simbólica do homem. Há um encanto muito particular e um prazer especial na escrita dos autores que conseguem dar às suas descrições o colorido e a desenvoltura das representações plásticas do mundo.

A autonomização da escrita em relação às artes plásticas é, no entanto, um processo particularmente ambivalente. Se, por um lado, é uma conquista da abstracção, do rigor e da precisão sobre o pensamento concreto, sobre a fluidez e sobre a ambiguidade polissémica da imagem, por outro lado, tende a empobrecer a multiplicidade do sentido das representações plásticas, reduzindo a representação a um sentido unívoco e universal compreensível. Do trabalho esforçado do escritor contra o empobrecimento da letra surge, por isso, a elaboração de figuras de estilo que emprestam à escrita colorido e relevo.

Este processo de figuração da escrita está, no entanto, sujeito, desde os anos 20, a uma viragem estética e técnica de contornos difíceis de definir com clareza. As artes plásticas integram o grafismo de maneira cada vez mais explícita e constante. O cubismo habituou-nos às colagens de textos, jogando com o valor estético das letras. Michaux, ao reduzir a representação das palavras a um caligrafismo formal, acaba por conferir à representação da escrita um valor plástico que habitualmente reservamos às imagens. Appolonaire associava a apresentação gráfica da palavra à representação das ideias das emoções e dos seres. O *design*, que invade profusamente o espaço colectivo actual, é um claro jogo das formas, tanto literárias como gráficas. A publicidade conjuga hoje as mensagens verbais com a representação dos objectos e dos corpos. O computador e o *scanner* habituam-nos a tratar analogicamente o texto escrito - vendo-o, portanto, como uma imagem plástica - e a digitalizar as imagens, encarando-as, por conseguinte, de maneira textual. Assistimos, assim, a um processo paradoxal de retorno à coalizão originária da experiência do grafismo, à indistinção arcaica entre, por um lado, a representação das coisas, dos corpos e dos seres e, por outro lado, a fixação gráfica da linguagem.

É certo que a generalização do alfabeto latino, com a sua extensão às línguas que até hoje resistiram ao emprego da escrita, parece cavar cada vez mais o fosso entre a escrita e a imagem. O emprego do alfabeto latino para fixar as línguas indígenas da África negra, para retranscrever as escritas ideográficas tradicionais do turco, do chinês ou do japonês, a latinização da escrita cirílica na URSS, no seu esforço para estender o russo às minorias que ignoravam até aos nossos dias a escrita, são exemplos particularmente sugestivos do esforço de redução da ambivalência que atinge as culturas no termo da viragem, ao mesmo tempo técnica e estética, que marca este fim de século.

Se este processo é indiscutivelmente marcado por uma vontade política deliberada de racionalização e de universalização dos símbolos da linguagem, consumando deste modo o processo da sua autonomização em relação às representações plásticas, a natureza deliberada desta política apresenta as marcas de uma resistência ao retorno, em certa medida nostálgico, da unidade simbólica originária que define a experiência, tanto técnica como estética, do mundo actual. Estamos, assim, perante um domínio exemplar de processos que encontramos igualmente em muitas outras esferas da cultura do nosso tempo, nomeadamente o do confronto com um destino paradoxal e indecidível entre, por um lado, o retorno à experiência arcaica que os demais recentes dispositivos técnicos nos devolvem e, por outro lado, a resistência que marca hoje a consumação dos ideais progressivos da modernidade.



...ináveis divergências...

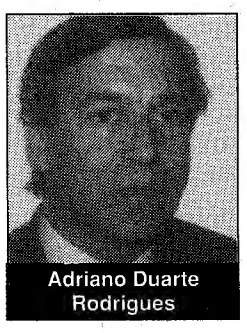
— Quanto à minha chávena banal de porcelana?

Ah, essa esgota-se em curvas gregas de ânfora,
Ascende num vértice de espiras
Que o seu rebordo frisado a oiro emite...

É no ar que ondeia tudo! É lá que tudo existe!...

...Dos longos vidros polidos que deitam sobre a rua,
Agora, chegam teorias de vértices hialinos
A latejar cristalizações nevoadas e difusas.
Como um raio de sol atravessa a vitrine maior,
Bailam no espaço a tingi-lo em fantasias,
Laços, grifos, setas, ases — na poeira multicolor — .

Mário de Sá-Carneiro, *Poesias*, Edições Ática, 1978



Adriano Duarte Rodrigues

CARTAS NA MESA

A lógica do camartelo

Li no «DL» que a ex-secretária de Estado da Cultura achava «cada vez menos defensável a conservação de edifícios fora do seu enquadramento».

Estas palavras ambíguas mas não inocentes contêm um recado do pato-bravismo taveiral. A hostilidade à «conservação» como política prévia à «utilização» tem seguidores histéricos entre grupos de construção, de pressão e de certos profissionais da «modernização urbana». Como escreveu recentemente S. Jerkins, os herdeiros de *le Corbusier* levam tempo a morrer.

O exemplo dado pela distraída senhora (que nem deu pela queda do tecto dos Jerónimos) segundo o qual os dois ou três edifícios «conservados» na Av. da República mais não representam do que o grau de desproporção urbana leva à consequência lógica do camartelo, a fim de evitar que essa desproporção fira os olhos de quem passa...

É perigosa a ambiguidade por parte de quem deixou durante quatro anos que a Av. da República crescesse em desproporção...

Este sacudir a água do capote é angelicamente hipócrita. De quem será o recado desta feita?

Manuel Villareal, *leitor da Parede*

O CAROÇO

Tenho a impressão de que durante todo o mês de Maio de 1974 ainda houve muito boa gente, neste País, interessada naquilo que, mais tarde, haveria de vir a ser definido como o *processo em curso*.

Esgotado, porém, o mês de Maio - e sempre foram trinta dias - tornou-se claro, tanto para a já aludida boa gente, como para gente má, esta com representatividade não dispicienda, que essa laracha da democracia podia ser muito divertida mas que, o principal, era cada um começar a tratar de si, sabendo-se que Deus, Nosso Senhor, trata de todos.

E assim foi. O novo conceito de liberdade deu pano para mangas, permitindo, por exemplo, que novos talentos, não sei se de boa se de má gente, se licenciassem em Direito, Medicina, Economia e correlativos, pela via do milagre que lhes permitiu a passagem administrativa em todas as cadeiras dos cursos que, alguns, até já frequentavam há vários anos com desastrosos resultados.

Parte deles ainda continua no exercício das «licenciosas» actividades permitidas pelos canudos dos cravos, embora um razoável número se tenha reciclado dedicando-se à política nas numerosas hipóteses abertas pela passagem do partido único ao pluripartidarismo.

É óbvio que o exemplo citado não passa de exemplo, mais nada. E cita-se, precisamente, porque permite chegar ao ponto que nos interessa: é que a democratização permitiu, se calhar mais pela via da igualdade que da liberdade, que muitos futricas se promovessem a doutores, à balda, não consta dos autos que nenhum doutor, que o tivesse sido por favores de outra espécie, tivesse renunciado à condição em homenagem à democracia.

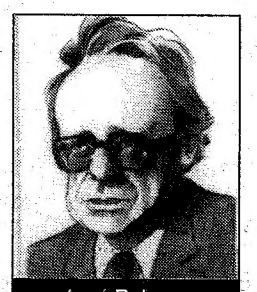
Quero com isto dizer que a ideia de democratizar toda a pessegada que é a vida nacional, agradou desde o início, ou seja depois da Grândola, à maior parte dos cidadãos que muito mais rapidamente e em força do que ia para o Ultramar, concluiu que talvez houvesse mais a ganhar do que a perder.

Mas ganhar ou perder, o quê?

Naturalmente caroço.

E caroço porque só o caroço tem, entre nós, e se calhar entre os outros, o poder mágico de sintetizar, em si, as diversas potencialidades que ficam para depois.

É claro que à pressão não se fabricaram só doutores, arquitectos, engenheiros, economistas, sociólogos, professores que, devidamente documentados, entraram no «mercado de trabalho» com a força moral que resultava do seu passado recente; apareceram também, e com a mesma velocidade com que depois desaparecem, os militantes dos partidos à esquerda da esquerda clássica, uma vez que estes, à imagem do condicionamento industrial, já não concediam alvarás de inscrição a todo o bicho careta. Aliás, os perigos da concorrência, aconselhavam a que não se estimulasse a luta interna pelas posições destacadas.


José Rabaça

Mas tais militantes só foram possíveis precisamente porque, entre outras coisas, também foram os partidos, ao nascerem de rompante, que contribuíram para o êxito da então chamada Revolução.

E, numa óptica simplesta, a seguir aos quase cinquenta anos de partido único que naturalmente só permitia que existisse um presidente, um secretário-geral e um tesoureiro de cada vez, a multiplicação destas funções pelo número de novos partidos haveria de ser, embora talvez o não tivesse sido, de bom augúrio e melhor proveito se não para os próprios partidos e mesmo para a democracia ao menos para os novos titulares.

Sabendo-se da penúria tradicional que caracteriza o País, desde que desprovido da pimenta e de ouro, a ninguém passou pela cabeça que a multiplicação dos partidos não tivesse a mesma origem da multiplicação dos pães: o milagre. E o milagre sabe-se ter resultado dos nossos amigos da CIA e da KGB, dos nossos não menos amigos das centrais sindicais, dos nossos amicíssimos parceiros patronais, para já se não falar da comovedora amizade dos partidos mais velhos da Europa a que ainda não pertencíamos. Foi, em suma, o milagre do caroço alheio a financiar a transição, numa antecipação a todos os títulos notável aos fundos que da CEE nos permitem agora, mesmo que a título transitório, sentirmos que se já não somos europeus, pouco falta.

Em teoria poder-se-ia ter admitido que a democratização da vida portuguesa, concretizada ao que parece, ainda por iniciativa de uns tais capitães, determinaria uma subalternização do caroço a outros valores de subjectiva projecção.

Nada mais falso.

É certo que esses outros valores passaram a exercer um mais significativo fascínio, particularmente em dois quadrantes base da vida portuguesa: no futebol e nas artes.

Mas avalie-se quanto vale hoje o contrato do ponta de lança e quanto valia há vinte anos; mas avalie-se o quadro do pintor ou a peça do escultor, hoje e há vinte anos, e a conclusão não pode ser diferente: uns idealistas, todos nós, portugueses, mas o caroço até é uma forma de dar o justo preço aos ideais.

E é por estas e por outras que o meu político número um passou a ser o eng.º Álvaro Barreto que, sem papas na língua, disse o que todos pensam: ou há caroço ou não há nada para ninguém.

Isto é o que andamos a aprender. Poucos.

Isto é o que andamos a ensinar. Muitos. Porque Portugal é hoje, graças a Deus, um País de muitos mestres e menos aprendizes. Até porque, como diz a sabedoria popular, quem sabe faz, quem não sabe ensina.

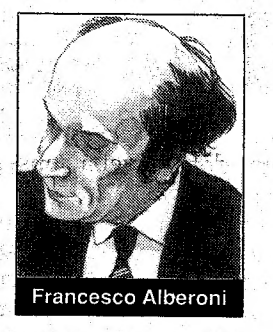
E, segundo se consta, ensinar dá mais caroço que fazer, ao menos quando se ensina em ecus, ainda que convertidos em escudos velhos porque ainda os não há novos.

público e privado

ABATIDO MARX, COMO RECONHECER UM MARXISTA?

Ouve-se dizer por todo o lado que o marxismo está morto, que desapereceu. O império soviético está a desmoronar-se, os partidos comunistas, incluindo o Italiano, mudam de nome e repudiam a sua própria história. Nos países do Leste europeu, as estátuas de Marx e Engels são arrancadas dos pedestais e escondidas nas caves. Até em Itália já não há ninguém que se declare marxista. Ainda há bem poucos anos havia milhões de marxistas; entre os intelectuais, então, nem se fala. Agora eclipsaram-se. Que foi que sucedeu? Uma conversão de massas? Uma imprevista, radical e irreversível mudança da mentalidade?

Nada disto. As realizações político-económicas do marxismo, os Estados burocrático-totalitários do Leste europeu estão em crise. Os símbolos desse poder estão em crise. O pensamento de Marx e de Engels não pode mais ser usado como derradeira justificação, como argumento supremo. São povos inteiros revoltados que nem sequer querem ouvir falar disto. E, por conseguinte, normas, citações, factos vêem-se simplesmente abafados ou abolidos. Mas o pensamento permanece. O marxismo (como o islamismo, o cristianismo) é uma concepção do Mundo, uma mentalidade e uma sensibilidade. Estas não desaparecem: podemos derrubar Estaline, Lenine e Marx, mas o modo de conceber as relações sociais como luta de classes, o modo de conceber o capitalismo como sistema de exploração, a desconfiança em relação ao mercado, em relação à propriedade privada, a preferência por tudo o que é estatal permanece. Existe, assim, em Itália e em metade da Europa um marxismo subterrâneo, um criptomarxismo que perdeu os altares e os santuários. Um pouco como aconteceu em Espanha, depois da reconquista, quando árabes e judeus foram obrigados a converter-se ao cristianismo, apesar de intimamente permanecerem iguais a si próprios. Convertidos e marranos, como lhes chamavam os vencedores. Mesmo até neste pós-guerra, derrubado o fascismo, deixaram de se encontrar fascistas declarados: todavia, a mentalidade fascista decerto que não desapareceu.


Francesco Alberoni

Este criptomarxismo tem tido uma viva manifestação no movimento estudantil denominado Pantera. Estes estudantes não queriam as autonomias universitárias, antes um maior centralismo estatal. Não queriam acordos com as empresas privadas, recusavam toda e qualquer relação com o «capital». Na última manifestação de Nápoles, a tendência anticapitalista e a recusa em aceitar o que é privado tornaram-se os «slogans» dominantes. Abaixo os privados - da Universidade, da investigação, da saúde, dos bancos, dos serviços, de toda a parte. Eis um programa marxista sem, no entanto, se falar em marxismo.

Por outro lado, a liderança do movimento era totalmente formada por jovens autónomos, da FGC e de outros grupos que, até há poucos meses, eram marxistas e que agora, de repente, sacudiram a etiqueta do capote. Mas o seu modo de pensar permaneceu imutável. E isto aplica-se até a uma boa parte das bases do PCI, mesmo aquela que disse sim a Occhetto. E até a uma área mais difusa entre alguns socialistas e alguns católicos.

O criptomarxismo está difundido por toda a Europa entre os trabalhistas ingleses, como entre socialistas franceses, em sectores do Solidariedade e, obviamente, entre todos os sobreviventes fugidos dos partidos comunistas orientais e rapidamente convertidos à economia do mercado.

Que irá suceder a todos eles no futuro? Será que irão adaptar-se à ideologia dominante, será que mudarão a sua maneira de pensar? Julgo, antes, que irão sobreviver em círculos, cenáculos radicais que hão-de manter acesa a crítica ao capitalismo. Minorias activas que vão agir no interior dos partidos, das organizações, utilizando a Imprensa e a Televisão. Grupos políticos prontos a desmacararem-se nos momentos de crise, para apoiar e guiar os movimentos de protesto. Desta forma, mesmo que não se chame marxismo, o marxismo não morreu.

Exclusivo «DL»/ Corriere della Sera

(Trad. de Manuela Ferreira de Almeida)

ECONOMIA

Quimigal «ressuscita»parque do Barreiro

O ministro da Indústria considera o empreendimento fundamental para o desenvolvimento da margem Sul

Depois de 25 anos de abandono e degenerescência, o parque industrial da Quimigal no Barreiro conhece expectativas promissoras, ao viver uma fase de recuperação e reconversão.

Com a criação da Quimiparque, que gerirá os parques industriais daquela empresa, a Quimigal está empenhada em rentabilizar aquele que é o maior parque industrial do País, começado a construir em 1907, através da comercialização das suas instalações e infra-estruturas para a instalação de empresas.

Mira Amaral classificou aquele parque industrial de «magnífico» e «fundamental para o desenvolvimento do Barreiro e do Sul» durante a visita que ontem lhe realizou, acompanhado de Alves Monteiro, secretário de Estado da Indústria.

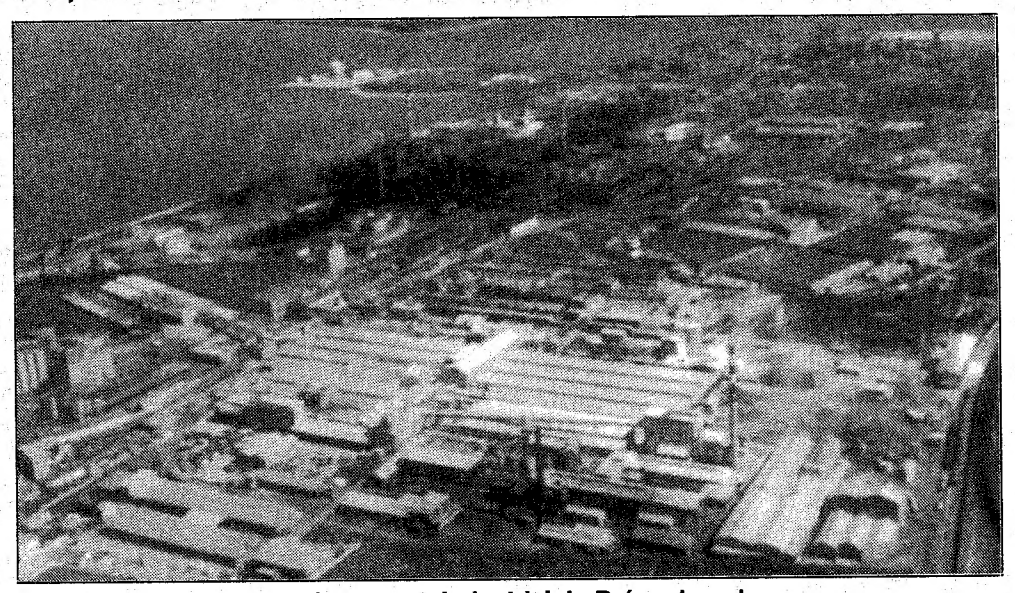
O ministro apontou o facto de as empresas já instaladas ou a instalar serem de áreas «limpas», a que se soma o encerramento progressivo de fontes poluidoras daquele local e a recuperação ambiental em curso.

Afirmou, por outro lado, que «poucos ministros da Europa devem ter dito o que eu disse: que o desenvolvimento industrial tem de ser feito em respeito pelo ambiente».

Renascer.

Alterações industriais várias, iniciadas nos anos 70, provocaram a disponibilização neste parque, de 292 hectares, de uma área de 100 mil metros quadrados de edifícios (escritórios, oficinas, armazéns) e 450 mil para construção.

Já com 59 empresas instaladas, o parque oferece vários serviços: rede rodoviária interna de 23 quilómetros e ferroviária de 20, porto de carga geral para navios, energia eléctrica, rede geral de esgotos, de vapor e de ar comprimido, serviço de bombeiros e de vigilância, estação de serviço e manutenção de viaturas, apoio médico e concepção e projecto de instalações industriais, entre outros. Prevista para breve está a instalação de uma delegação bancária e serviço postal.



O maior parque industrial do País vai mudar

As empresas instaladas correspondem na sua maioria (39) a companhias externas à Quimigal, enquanto as outras respeitam a cinco unidades fabris, oito departamentos e sete participadas da Quimigal. A principal categoria geradora de receitas para a Quimiparque é a das unidades fabris (46 por cento), seguida das empresas participadas (30), clientes externos (20) e departamentos (três).

Decorrem, entretanto, negociações com a sociedade gestora de um parque industrial em Manchester para a realização de uma *joint-venture* bem como com empresas brasileiras para a sua instalação no Barreiro.

Representantes dos trabalhadores da Quimigal entregaram a Mira Amaral um documento onde contestaram «a estratégia de desmantelamento da Quimigal à margem de pareceres da comissão de trabalhadores e de opiniões expressas pelos órgãos representativos dos trabalhadores».

Mira Amaral argumentou que o Governo, depois de ter tido a «coragem» de assumir passivos de empresas públicas de 250 milhões de contos («facturas das nacionalizações»), conta com os esforços dos gestores e dos trabalhadores, «sem o que não haverá recuperação e manutenção dos postos de trabalho».

Maldonado Gonelha, gestor da Quimigal, afirmou ao DL que foram reduzidos 1485 postos de trabalho no último ano, com indemnizações médias de dois mil contos, facto que, realçou, ocorreu sem problemas e com base na actual legislação laboral.

R.N.

AUTODRIL – SOCIEDADE DO AUTÓDROMO DO ESTORIL S.A.

COMUNICADO

1 – Nos últimos dias o Presidente do Automóvel Club de Portugal utilizou com doentia frequência a Televisão, a Rádio e a Imprensa escrita, para veicular um ultimato ao Governo no sentido de proceder à requisição do AUTÓDROMO DO ESTORIL, para permitir a efectivação da prova de Fórmula 1.

2 – Como argumento de suporte, o referido senhor ameaçou com a não realização daquele evento, caso não houvesse por parte do Governo uma resposta até ao dia 5 de Abril.

3 – Como é do conhecimento público, a Administração da Autodril, empresa de capitais 100% privados, tem repetidas vezes declarado que é de interesse nacional a realização da prova de Fórmula 1 que vem ocorrendo regularmente desde 1984.

4 – Não se entende, portanto, que se pretenda requisitar o Autódromo, para que ali se realize uma prova que a Autodril expressamente deseja que se faça.

5 – O que o Presidente do A.C.P. pretende é, contudo, vincular a realização da prova de Fórmula 1 à de outros eventos desportivos, o que é totalmente ilegítimo.

6 – Se, por oposição do Presidente do A.C.P., não se realizar a prova de Fórmula 1, ele será o único responsável por todos os prejuízos que daí advenham para o País.

7 – Considerando os superiores interesses nacionais, a Autodril propõe, caso persista a recusa do A.C.P. em permitir a marcação da prova de Fórmula 1, que o Governo chame a si a resolução do assunto determinando por via compulsória ao A.C.P. que proceda à inscrição daquele evento no calendário desportivo mundial do corrente ano.

8 – Não pode a Autodril, que não tem o acesso quase diário que o Sr. Presidente do A.C.P. tem a órgãos de comunicação social que pertencem ao povo português, calar a sua revolta contra uma tentativa de apropriação de um bem privado feita sob a capa de interesses públicos.

9 – Se depender da Administração da Autodril, a Fórmula 1 continuará a realizar-se no Autódromo que capitais privados souberam pôr ao serviço do Desporto Nacional.

Lisboa, 4 de Abril de 1990

A ADMINISTRAÇÃO

INTERNACIONAL

Crise constitucional na Bélgica

A monarquia abortou

Do nosso correspondente em Bruxelas

A Câmara dos Representantes e o Senado reúnem-se hoje, às 15 horas, para devolver ao rei os poderes que constitucionalmente lhe estão cometidos, depois da sua suspensão, por um dia, para não promulgar a lei de despenalização parcial do aborto. O Conselho de Ministros substitui-se ao rei, assinou o documento, mas nada ficou como dantes.

A invocação do artigo 82 da Constituição, que possibilitou a suspensão do soberano, continua a suscitar viva polémica, e o seu conteúdo, por muitas voltas que lhe dêm, não se aplica ao caso presente.

Aos poucos, vai-se tomando conhecimento de alguns contornos da crise que põe em causa a Constituição e os poderes do soberano. Balduíno chegou mesmo a encarar a possibilidade de resignar para nãoapor o seu nome nesta lei, sobre a qual, indirectamente, se havia já pronunciado contra.

O artigo 82 refere especificamente que o rei deixa de exercer os seus poderes quando estiver impedido por doença, demência ou prisão. No caso presente invocou-se a lei por uma questão de consciência, por um princípio religioso do soberano. Nada disso ali é contemplado. Leopoldo III fora suspenso das suas funções, ao abrigo desta lei, durante a guerra, quando prisioneiro dos alemães. Neste caso, Balduíno esquivou-se à assinatura através de um expediente não consagrado, de um acordo que teve como objectivo não provocar uma crise política e não prejudicar o funcionamento das instituições democráticas. Em contrapartida, surgiram outras crises: a constitucional e a deterioração da imagem do soberano, uma personalidade suprapartidária que é agora posta em causa.

Constituição caduca

O decreto do Conselho de Ministros publicado ontem refere especificamente «a impossibilidade do rei reinar», razão pela qual aquele órgão assume os seus poderes. Wilfred Martens, o primeiro-ministro, que se pronunciara publicamente contra a lei de despenalização do aborto, teve, afinal, de a promulgar, juntamente com os seus colegas do governo.

A lei permite, em determinados casos, a interrupção voluntária da gravidez e foi aprovada com uma percentagem de 60 por cento após uma polémica de há muitos anos. A Constituição, por seu turno, nunca fora posta em causa. Agora, unanimemente constata-se a necessidade de rever o artigo 82, datado de 7 de Fevereiro de 1831.

A cerimónia hoje proporcionada aos belgas vai ser exemplo flagrante da revisão inevitável: a televisão e a rádio vão transmitir em directo o momento em que serão devolvidos ao rei os poderes que alienara durante 24 horas.

A propósito do acontecimento, outros pormenores da vida do soberano foram tornados públicos ou apenas recordados. Assim, ficou a saber-se que o rei não tem direito a férias. Quando se desloca a Espanha, donde é originária a rainha Fabíola, são-lhe enviadas numa navete aérea diária para a sua assinatura as leis aprovadas pelo Parlamento.

Festa estragada

A Bélgica programou para este ano grandes festividades em honra dos 60 anos do rei e dos seus 40 anos de reinado.

Embora a opinião pública se mostre, maioritariamente a favor do rei, ao assumir a coragem de não assinar um documento que colide com as suas convicções religiosas, o inédito acontecimento vai ficar na história do país. E a história não o assinalará com letras douradas porque, na verdade, ninguém aceita a «pirueta jurídica» constitucional.

O brilho das grandes festas reais, que permitirão mostrar uma nova imagem da capital da Europa, esse foi seriamente comprometido.

José Rui Cunha

Bundesbank avisa:

Paridade do marco leva austeridade a nova Alemanha

O ministro dos Negócios Estrangeiros da RFA, Hans-Dietrich Genscher, disse ontem em Washington que no ano que vem a Alemanha deverá estar completamente unificada e que nessa altura se farão eleições conjuntas nos dois países. A previsão de Genscher, divulgada após um encontro com Bush, é feita num momento em que o Banco Central alemão-federal levanta de novo uma das grandes polémicas do processo: a união monetária.

Ontem, o vice-presidente do Bundesbank, Helmut Schlesinger, avisou que a política económica da RFA terá que entrar num período de grande austeridade se for dada a paridade de um marco alemão-federal a um marco alemão-democrático. Esta austeridade seria essencial, segundo Schlesinger, para evitar uma «espiral inflacionária preços-salários», podendo contudo aumentar o desemprego.

Como alternativa, o Bundesbank, um organismo independente do Governo, propõe uma paridade de um marco da RFA contra dois da RDA.

Após a sua reunião semanal, os membros do Governo de Helmut Kohl recusaram-se ontem a tecer comentários sobre as declarações de Schlesinger.

Segundo observadores, até às eleições autárquicas da RDA, marcadas para 6 de Maio, não é provável que haja pronunciamentos sobre a questão. Isto porque Kohl não quer desiludir os eleitores leste-alemães, a quem prometeu nas legislativas de 18 de Março uma paridade um-um, factor decisivo para a vitória dos conservadores.

Segundo Dieter Vogel, porta-voz do Governo da RFA, Bona vai se esforçar para concluir com Berlim-Leste um acordo fixando as grandes linhas da união económica e monetária para o princípio do mês que vem, só entrando em vigor em Julho, ou seja, após as autárquicas.

Redacção «DL»/AFP

Apenas vinte e cinco amotinados resistem em Manchester

O fim dos motins na prisão de Strangeways «é apenas uma questão de tempo», afirmou ontem o director regional adjunto dos serviços penitenciários, Terry Bonne.

Bonne acrescentou que não estava nos planos da polícia a tomada de assalto das duas alas da prisão, onde estão ainda amotinados cerca de 25 presos.

Os guardas, que mantiveram um contacto permanente com os amotinados deverão retomar as negociações quinta-feira de manhã.

Ontem ao meio-dia, o director da prisão, Bredan O'Friel, sublinhou que esperava pôr fim ao conflito pela via negocial.

Durante a sua primeira conferência de imprensa, O'Friel confirmou a versão segundo a qual os motins eram os mais graves de toda a história dos serviços penitenciários britânicos.

Segundo um porta-voz do sindicato dos guardas prisionais, Ivor Serle, mais 27 detidos renderam-se durante todo o dia de ontem.

AFP

A paz em Angola no centro da agenda para hoje

Lituânia dominou primeiro encontro entre Baker e Shevardnadze

Três senadores e dois congressistas dos Estados Unidos dirigiram uma carta ao secretário de Estado norte-americano, James Baker, pedindo-lhe para debater com Eduard Shevardnaze a questão de Angola. Mas o encontro de ontem entre os chefes das diplomacias dos EUA e da URSS foi dominado pela situação da Lituânia. A agenda para hoje prevê, no entanto, a discussão do assunto.

Os subscritores da carta, citados pela Lusa, três republicanos e dois democratas do grupo de trabalho sobre Angola da Câmara dos Representantes e do Senado, pretendem que Baker convença o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros a pressionar o Governo de Luanda para suspender a ofensiva militar e iniciar conversações directas com a Unita.

Em declarações aos jornalistas, após a primeira sessão de trabalhos, James Baker disse que a crise na Lituânia «é um assunto muito importante em termos de relacionamento entre a União Soviética e os Estados Unidos».

Eduard Shevardnadze declarou «com a maior autoridade e seriedade» não ter dúvidas de que vai ser possível encontrar «uma solução justa e sábia e de acordo com os interesses do povo da Lituânia, do povo soviético e da paz».

Shevardnadze durante o seu primeiro encontro com Baker

Shevardnadze declarou, à chegada a Washington, na terça-feira, que a «única arma» do seu Governo para solucionar a crise lituana é «o diálogo honesto».Os chefes das diplomacias das superpotências admitiram que os EUA e a URSS reconhecem que a crise lituana tem que ser resolvida pela via pacífica, mas que, em tudo o resto, os seus pontos de vista divergem.Os dois diplomatas discutiram ainda a agenda para as suas conversações de hoje, que inclui, para além da Lituânia e do controlo de armamento, direitos humanos e os conflitos regionais, nomeadamente Angola e o Afeganistão.

A carta entregue a Baker

«Pedimos insistentemente que levante a questão do conflito em Angola com o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros (...) e que encorage a União Soviética a pressionar o seu cliente em Angola a cessar a ofensiva militar, a repor as suas forças nas posições iniciais, a aceitar o cessar-fogo e a encetar negociações directas com a Unita para a reconciliação nacional, conduzindo a eleições livres e honestas», refere-se na carta entre a Baker.

A missiva afirma ainda que «o MPLA continua a resistir aos ventos de reforma democrática que sopram no mundo», apontando que, em entrevistas a dois jornais norte-americanos, o Presidente angolano, José Eduardo dos Santos, e o líder da Unita, Jonas Savimbi, intepretaram de modo muito diferente o significado da recente independência da Namíbia.

Redacção DL/Lusa/AFP

Mandela com De Klerk

O presidente sul-africano, Frederik De Klerk, reúne-se hoje na Cidade do Cabo com Nelson Mandela, vice-presidente do ANC, para debater formas de pôr cobro à violência e relançar as negociações sobre partilha do poder. De Klerk prevê também para hoje, na Cidade do Cabo, reuniões com um amplo leque de dirigentes políticos, entre os quais o líder zulu, Mangosuthu Buthelezi, cujos apoiantes têm vindo a confrontar-se com militantes do ANC na província do Natal, numa guerra tribal que nos últimos anos fez três mil mortos. Mandela, que na terça-feira terminou uma visita aos locais afectados pela violência no Natal, concordou em reunir-se hoje com De Klerk, após o ANC ter adiado subitamente, por tempo ilimitado, as conversações exploratórias com o Governo, marcadas para o dia 11. A violenta repressão policial de uma manifestação em Sebokeng, no mês passado, em que foram baleados 17 negros, foi invocada pelo ANC para justificar o adiamento. O líder negro afirmou ainda que o ANC está profundamente empenhado nas conversações com o Governo, acrescentando que nos últimos três anos, e enquanto esteve preso, trabalhou com ministros para que ocorressem essas negociações e que não seria agora, por uma razão fútil, que iria rejeitar esse diálogo.

Lusa

PARABÓLICAS

Helmut, o europeu

«Penso que teremos um presidente europeu antes do ano 2000», disse Helmut Kohl numa entrevista concedida à cadeia de televisão francesa, Antenne 2. Durante o programa «L´heure de verité», o chanceler alemão-federal, Helmut Kohl, revelou-se como sendo o mais europeu de todos os estadistas do nosso continente. Durante uma hora, Kohl abordou os aspectos mais importantes da actual conjuntura europeia, tendo dado um relevo especial às relações franco-alemãs e à unificação germânica. No entanto, não foi em relação a estes dois *dossiers* que Helmut Kohl deu a conhecer algo de novo, tendo-se limitado nestes dois casos a reafirmar as posições anteriormente assumidas.

Destronar Mitterrand

O chanceler alemão-federal reservou uma pequena surpresa para os espectadores gauleses. Quando todos esperavam que o «gigante» da outra banda do Reno desse garantias quanto ao futuro potencial da unificação alemã, Helmut Kohl revelou-se como sendo mais europeu que o próprio Mitterrand.

De facto, com o salto em frente que a história deu depois do derrube do Muro de Berlim, Kohl está hoje em posição de comandar o calendário da união política e económica na Europa. «A questão da unificação alemã deve acelerar a união europeia», repetiu várias vezes Helmut Kohl, dando a entender que a nova dinâmica da integração europeia é agora orientada pela sede de unificação dos alemães. Assim sendo, o chanceler alemão-federal, que passou a jogar na «primeira divisão» da diplomacia mundial, destronou a posição até agora assumida por François Mitterrand, ou seja o papel do defensor número um da integração europeia.Em paralelo a este novo estatuto, Helmut Kohl, defendeu também novos limiares para a Europa. Para o chanceler de Bona a nova Europa deverá ir muito além da actual CEE, deixando bem claro que «o objectivo é a construção dos Estados Unidos da Europa».

Conciliador europeu

Não deixando de referir que «a amizade franco-alemã está no centro da futura evolução europeia», Helmut Kohl mostrou-se optimista quanto ao bom relacionamento entre os dois Estados separados pelo Reno, dando no entanto a entender que isso não seria o caso com alguns dos parceiros comunitários. Conciliador de alemães, Helmut Kohl pensa já em ser também o grande conciliador europeu. Nesta perspectiva, o chanceler alemão- federal referiu que tinha sido ele a propor que uma segunda conferência intergovernamental, depois da que tratará ainda este ano das questões económicas e monetárias, se reunisse brevemente para fazer as alterações necessárias ao Tratado de Roma que permitissem a união política.

As instituições europeias deverão também sofrer grandes alterações, principalmente o Parlamento Europeu que, numa nova Europa, deverá ter mais poderes pois «não serve de nada reforçar o executivo europeu (Comissão), sem reforçar o Parlamento Europeu». Mas foi na questão da eleição de um presidente europeu que Helmut Kohl foi mais longe. Interrogado pelos jornalistas se na sua opinião teríamos um presidente europeu antes do fim do século, Helmut Kohl disse que esse momento aconteceria antes do ano 2000.

Ao elogiar o papel desempenhado pela NATO, «sem a qual a nossa unificação não teria sido possível», Kohl referiu que os alemães não aceitariam a «expulsão da comunidade ocidental» do território germânico adiantando que a «década de noventa será a dos europeus, como a de oitenta foi a dos japoneses»

A propósito da Stasi

«O estado de graça reside na nossa capacidade de perdão», no entanto, Helmut Kohl não advoga que seja decretada uma amnistia geral para todos os colaboradores da Stasi, a ex-polícia secreta alemã democrática. «Os verdadeiros culpados», diz Kohl, «os que são acusados de crimes, devem ser julgados em tribunal, porém devemos evitar uma caça às bruxas».

Relembrando que durante quarenta anos muitos homens e mulheres da RDA viram que a culpabilização podia produzir-se depressa demais, o chanceler alemão-federal alertou para o perigo de o mesmo continuar a acontecer. «Não podemos permitir que, por exemplo, aventuras da adolescência submetam, hoje, responsáveis políticos a uma chantagem que pode durar anos.» Em seguida frisou que uma das suas grandes missões «é contribuir para a paz interior na RDA».

Mas, ao culpar o sistema, mais do que as pessoas, Kohl não deixou de referir que foram os alemães federais, e não os da RDA, que durante o período do pós-Guerra usufruíram da liberdade. «Todos os que tiveram essa sorte, não devem mostrar hoje desprezo para com os que a não tiveram. Fomos nós que vivemos do lado ensolarado da história alemã», concluiu o chanceler alemão-federal.

Nuno Azevedo

Excertos da entrevista

«Não haverá um IV Reich»

«Os alemães não desejam possuir armas nucleares»

«A hostilidade Leste-Oeste não será o conflito número um no começo do prómixo século»

«Tenho confiança na lógica da Perestroika»

«A divisão da Alemanha custou-nos muito dinheiro»

«Na RDA surgiu um sistema absurdo que privava o homem do fruto do seu trabalho»

«A unificação alemã e a união europeia são as duas faces da mesma moeda»

«Dentro de cinco anos a RDA será um país próspero»

«Vamos assistir a um boom *de investimentos na Europa»*

«Não gosto do egocentrismo acentuado dos franceses»

Os trabalhos de escavações no campo de concentração de Fuenfeichen

Um campo da morte trazido à luz do dia na RDA

A carreira de autocarros número seis sai do centro de Neubranenburgo para Fuenfeichen, mas poucos civis conhecem o percurso - a maioria dos cidadãos locais sabia apenas que ali estava instalada uma unidade de telecomunicações do Exército da RDA.

Os restantes não sabem, porque nasceram ou se mudaram para lá depois do acontecido. Fuenfeichen é zona interdita desde 1969.

O que é apenas uma parte da verdade, porque Fuenfeichen foi também um dos primeiros 44 campos de prisioneiros dos nazis em território alemão. Ali morreram 402 prisioneiros de guerra dos exércitos ocidentais. O número de soviéticos que tiveram a mesma sorte nem sequer pode ser apurado - não tinham direito a túmulo próprio: iam parar à vala comum. Um documento do comando concelhio do exército nazi refere-se assim à situação: «Em Neubrandenburgo, actualmente, nenhum dos 2 019 russos está em condições de trabalhar. Depois da quarentena, em finais de Fevereiro, se eles ainda viverem, haverá uns 450 que o poderão fazer. Foram colocados à guarda do comando concelhio perto de 74 mil russos, dos quais morreram até agora 2 800».

Terror sucedeu ao terror

Foi assim em Fuenfeichen, de 1939 a 1945. Caiu no esquecimento? Não é tanto assim, porque entre 1958 e 1961 o cemitério do campo foi arranjado, colocou-se lá um memorial - mas a Imprensa local não deu a notícia.

Em 1969, Fuenfeichen passou a ser campo de exercícios do exército. O cemitério e o memorial iam-se degradando. A erva crescia sobre o passado, o local continuava interdito, sem que ninguém perguntasse por que se vedava um cemitério, em vez de se prestar a natural homenagem aos caídos.

A resposta só veio após os acontecimentos de Outubro na RDA. O obscuro passado de Fuenfeichen ia bem longe. Após 1945, o terror fascista tinha dado lugar ao terror estalinista. O silêncio começou a quebrar-se em finais do ano passado, quando surgiu na RFA uma brochura intitulada «Campo de concentração de Fuenfeichen, de 1945 a 1948». O autor era um antigo prisioneiro.

Sob a égide dos trabalhadores do museu do distrito de Neubrandenburgo, surgiu uma iniciativa cívica que inicialmente pretendia repor a dignidade do cemitério.

O «Freio Erde», antigo jornal da direcção distrital do PSUA, deu uma tímida notícia sobre uma carta aberta de uma organização de defesa dos direitos humanos, enviada em Janeiro ao primeiro-ministro, Hans Modrow. O tema era o antigo campo de internamento da potência de ocupação soviética em Fuenfeichen.

Na antiga zona de ocupação soviética, existiram 11 campos de internamento, supondo-se que, até 1950, ali estiveram detidas 160 mil pessoas, algumas sem saber porquê.

Em todas as zonas de ocupação havia campos de internamento, erigidos na base de uma directiva do conselho de controlo aliado. A potência soviética de ocupação viria a utilizar tal directiva para legitimar a injustiça, encerrando nos campos de internamento milhares de inocentes, a par dos elementos da Wehrmscht e de responsáveis do regime nazi. Nunca chegaram a ser condenados. Calcula-se que 50 mil morreram, enquanto um número, entre 20 mil a 30 mil, era deportado para a URSS, o «campo especial nº 9», designação interna para Fuenfeichen, surgiu em Junho de 1945 e foi extinto em Outubro de 1948.

Morriam entre 40 a 50 por dia

As primeiras escavações permitem concluir agora que alguns milhares de internados morreram, Guenter Arndt, um dos sobreviventes, diz que tombavam entre 40 a 50 por dia. Os cadáveres eram transportados como toros de madeira, sobre um veículo agrícola, para grandes valas com cerca de quatro metros cúbicos.

«Estou convencido de que, nestes campos, dois em cada três prisioneiros morriam. Da nossa aldeia desapareceram três, só resto eu», diz ele.

Guenter Arnd tinha 17 anos quando foi preso. «Acusaram-nos de sermos membros de uma pseudo-organização fascista. Mas nenhum de nós desenvolveu actividades contra a potência de ocupação. Nos interrogatórios, não tínhamos direito a justificação. Se não assinássemos o que nos punham à frente, éramos espancados.»

O frio, a fome e os maus tratos iam dizimando os prisioneiros, entre os quais estavam também comunistas e sociais-democratas. A partir de 1946, os campos passaram a servir também para encerrar presos políticos.

Após a extinção daquelas prisões, em 1950, saíram em liberdade cerca de metade dos detidos que ainda viviam. O resto foi metido nas prisões da RDA, por vezes com base em sentenças duvidosas.

«Queremos ser indemnizados, mas não fazemos exigências à União Soviética. Isso seria disparate. A contagem recíproca das vítimas não nos leva a nada. Só com Gorbachev pudemos voltar a falar», conclui Guenter Arndt, que é agora o porta-voz dos perseguidos pelo terror estalinista, no concelho de Prenzlau.

A par da situação actual, deveras difícil, a RDA está agora também a contas com a pesada herança que lhe advém dos acontecimentos que antecederam no imediato a sua fundação, em 1949, e do tratamento dado aos oposicionistas ao longo dos quarenta anos da sua história.

As responsabilidades de uma segurança de Estado montada à imagem e semelhança estalinistas revelam-se cada dia mais difíceis de apurar. São de certo modo justos os receios de quem julga que o processo de unificação fará cair muitos crimes no esquecimento - o mesmo esquecimento em que Fuenfeichen esteve mergulhado, silenciado, durante duas gerações.

Francisco Assunção, em Berlim
Exclusivo Lusa/«DL»

Moçambique

Conversações de paz podem ser em Lisboa

Do nosso correspondente em Washington

Lisboa poderá ser palco das conversações de paz para Moçambique, caso a proposta inicialmente apresentada pela Renamo para que estas se realizem em Nairobi, venha a ser definitivamente recusada pelas autoridades moçambicanas. Segundo revelou ao «DL» uma fonte diplomática africana em Washington, na carta que Afonso Dlhakama fez chegar ao Presidente Joaquim Chissano, através dos medianeiros, o líder rebelde aponta Portugal como primeira alternativa ao Quénia para a concretização do diálogo directo.

A questão da escolha do local parece ser, nesta fase, a principal dificuldade que se levanta ao início do processo negocial directo entre as partes beligerantes. Com efeito, Chissano, na proposta que relançou os contactos de paz, indicou o Malawi, país que, pelo menos, já apoiou a Renamo e que alberga actualmente cerca de 800 mil refugiados moçambicanos. Dlhakama contrapôs que o diálogo deveria ter lugar no Quénia, o país anfitrião das conversações indirectas mediadas pelos bispos católicos moçambicanos. Sem responder formalmente à ideia avançada pelo dirigente da Renamo, Chissano, em recente entrevista, ventilou a hipótese dos encontros serem no Zimbabwe.

Conversações ainda este mês?

É, porém, muito pouco provável que a Renamo aceite a ideia de realização de conversações de paz em Harare, já que as tropas zimbabweanas têm sido as principais protagonistas das diversas operações militares realizadas em território moçambicano contra as forças de Afonso Dlhakama, a última das quais teve lugar ainda no mês passado, na região da Gorongosa, com a participação de sofisticados meios aéreos e terrestres.

Mas é curioso que tenha sido em Harare onde, ainda ontem, a embaixadora norte-americana, Jewel Lafontant tenha citado Chissano para adiantar que este admite «ser possível haver um encontro em Abril». Lafontant, que é a coordenadora da ajuda dos EUA aos refugiados, esteve reunida, no último fim-de-semana, com o chefe de Estado moçambicano. «O Presidente Chissano - disse a diplomata - indicou-me que o outro lado queria realizar as conversações na Europa, mas que não via necessidade nisso, uma vez que isso ficaria terrivelmente caro. Houve mesmo quem falasse no Vaticano como local para realizar os encontros.»

Filipe Vieira

Joaquim Chissano intensifica cooperação com Espanha

O presidente moçambicano, Joaquim Chissano, almoça hoje com os reis de Espanha, logo que, às 12 horas, aterre em Madrid, proveniente do Gana, e vai provavelmente assinar com as respectivas autoridades espanholas acordos de créditos para cooperação orçados em cerca de 12 milhões de dólares.

Imediatamente antes da visita oficial a Portugal, a iniciar segunda-feira próxima, Chissano, presidente de um país com o qual «a Espanha tem todo o interesse em manter laços de cooperação e ajuda» vai ainda comprar cinco aviões de transporte Aviocar C-235.

Três créditos espanhóis a Moçambique foram aprovados em 1989 por Madrid e estão a ser negociados - um de oito milhões de dólares, outro de 2,7 milhões e ainda um terceiro de 1,2 milhões.

Encontro com Gonzalez

Naquela que é a primeira visita oficial de um líder moçambicano ao país, Chissano, falará da situação política de Moçambique e da África Austral após a independência da Namíbia e do seu Plano de Reabilitação Económica e Social (PRES).

Amanhã avistar-se-á com o primeiro-ministro Felipe Gonzalez e visitará entretanto as instalações da Fábrica de Construções Aeronáuticas, SA e a Confederação Espanhola de Organizações Empresariais (COE).

No sábado, Chissano vai em visita privada a Sevilha, ver as obras da futura Exposição Universal de 1992.

Lusa

Aspecto do encontro entre Jimmy Carter e Yasser Arafat, no Palácio do Elíseu

Arafat inicia visita oficial a Itália

O chefe da Organização de Libertação da palestina (OLP), Yasser Arafat, desloca-se hoje a Itália para uma visita oficial de dois dias, a convite do chefe do Governo , o democrata-cristão Giulio Andreotti. Arafat, que visita a Itália pela quarta vez, será recebido amanhã, no Vaticano, pelo Papa João Paulo II.

O Governo israelita protestou junto das autoridades em Roma contra a visita de Arafat, considerando que o convite de Andreotti «constitui um reconhecimento político que legitima a principal organização terrorista no Médio Oriente». Segundo o embaixador iraelita Mordechai Drory, em Roma, «há algumas semanas, Yasser Arafat declarou em Bagadad que era necessário atacar Israel com os mísseis iraquianos», o que confirma que a OLP «nunca abandonou a sua aspiração de destruir Israel».

A deslocação a Itália, vem na sequência do encontro, ontem em Paris, entre o Presidente François Mitterrand e Arafat, acompanhado pelo e o ex-presidente norte-americano, Jimmy Carter. Carter afirmou aos jornalista, no final da reunião, que o encontro incidiu sobre as formas como «o processo de paz poderá ser desenvolvido e regenerado».

Peres forma Governo

O ex-primeiro-ministro israelita Yitzahk Shamir ainda não acredita que Shimon Peres, o líder trabalhista, tenha conseguido os consensos necessários para formar um novo Governo em Israel. Numa entrevista concedida à televisão israelita, Peres declarou ter já apresentado o Executivo ao Presidente Haim Herzog e que o projecto do novo Governo poderia ser votado no Knesset (Parlamento) a partir de domingo.

«O objectivo principal do meu Governo será o de dar continuidade ao processo de paz. No plano interno, manteremos o *status quo* em matéria religiosa» - afirmou

Redacção «DL»/AFP

Haiti: soldado sequestra avião

Pierre Gérald, um soldado haitiano de 20 anos, estava farto dos abusos de autoridade do seu superior que lhe dava trabalho em excesso e o humilhava constantemente. Na segunda-feira à tarde, não lhe concederam uma licença para visitar a família, mesmo após a morte de um parente.

Pierre, que há dois anos é guarda no Aeroporto de Port-au-Prince, irritou-se então e começou a disparar tiros para o ar. Deram-lhe voz de prisão. Pierre conseguiu fugir, subindo para um camião que transportava comida para um Airbus da American Airlines que acabava de pousar.

Quando lá chegou, tomou conta do aparelho ameaçando destrui-lo com granadas se não lhe dessem um visto para os EUA. Isto após ter deixado sair todos os passageiros e tripulantes. Chamaram uma equipe do FBI e há tropas por todos os lados.

Redacção «DL»/Lusa

B R E V E S

Bush preconiza presidente negro para os EUA

Um negro será presidente dos EUA «num dia próximo», disse ontem George Bush ao Centro de Estudos Políticos de Washington, uma organização negra. O presidente norte-americano explicou que chegou a esta conclusão ao visitar as escolas do seu país: «foi ao observar bravas crianças negras a lutarem contra a droga que percebi que uma de entre elas será, um dia, presidente dos EUA».

EUA querem adiar desmobilização dos «contras»

Os EUA pronunciaram-se ontem contra a imediata desmobilização dos «contras» nicaraguenses, após os cinco presidentes da América Central terem exigido que esta se processe, o mais tardar, até ao próximo dia 25, data em que Violeta Chamorro assumirá oficialmente o poder. Os EUA sustentam que não existem garantias de segurança nem mecanismos de verificação adequados.

Castro reactiva nacionalismo

Fidel Castro prefere «a morte à rendição ou à escravatura» e disse ontem em Havana, na cerimónia do 29ª aniversário da União da Juventude Conunista que, agora, «só Cuba poderá defender as bandeiras do socialismo» e, como tal, «os cubanos vivem presentemente os momentos mais gloriosos da sua história». Entretanto a última contrariedade de Fidel, a TV Marti, que os EUA conceberam propositadamente para o auditório cubano, vai, apesar dos bloqueios de Havana, prosseguindo as suas transmissões, iniciadas no passado dia 28 de Março.

Menem declara guerra aos sindicatos argentinos

O presidente argentino, Carlos Menem, que anunciou recentemente a preparação de um «plano estatal de luta» contra os sindicatos que se opõem à sua política de austeridade, ameaçou ontem colocar em tribunal quatro sindicatos da empresa pública de caminhos-de-ferro do país, na sequência de uma greve de 24 horas convocada na passada terça-feira. O «peronismo liberal» de Menem tem sido veementemente contestado pelos trabalhadores das empresas estatais argentinas que protestam contra a privatização das mesmas. O FMI, entretanto, vai «injectar dinheiro fresco» na Argentina e está prestes a concluir um acordo de renegociação da dívida externa do país, anunciou ontem o ministro da Economia, Erman Gonzalez.

Narcotraficantes continuam a matar na Colômbia

Onze polícias e oito pistoleiros foram ontem assassinados em Medellin na sequência dos atentados contra polícias, patrocionados por Pablo Escobar, o chefe do mafioso Cartel de Medellin, em 600 contos por cada agente morto.

QUOTIDIANO

BREVES

Dois operários soterrados junto a auto-estrada

Um desabamento de terras junto à auto-estrada do norte causou dois mortos. O desabamento ocorreu esta manhã, cerca das 9 e 15, no Fojo, freguesia do Candal (Vila Nova de Gaia). As vítimas trabalhavam para a Construtora do Tâmega e A. Bastos Júnior e encontravam-se a abrir uma vala para o saneamento de um hipermercado em Vila Nova de Gaia. Segundo uma informação da GNR, as identidades dos operários que pereceram no desabamento são as seguintes: Joaquim Alberto Fonseca e José Rodrigues Monteiro.

Suspeito de assassínio preso pela Judiciária

A Polícia Judiciária prendeu o autor do crime que vitimou a septuagenária Dilar da Silva. A senhora apareceu morta no passado dia 3 na sua residência, em MonteLutão-Martin Longo, Alcotim, vítima de violências sexuais e estrangulamento. Após as investigações, a PJ prendeu um indivíduo de 22 anos, de apelido Martins, desempregado, que confessou o crime, referindo que o seu objectivo era o roubo. O jovem confessou ainda ter sido o autor de outro crime de furto, seguido de incêndio, que ocorreu em Dezembro passado, na mesma localidade.

Táxi mergulhou no rio Douro

Um táxi mergulhou, na madrugada de hoje, nas águas do rio Douro, no Porto, causando ferimentos ligeiros ao condutor. O acidente registou-se por volta das 4 horas da manhã, na Avenida Gustavo Eifel, entre as pontes D. Maria e D. Luís, sendo a viatura retirada pelos bombeiros. Também, pelas 6.30 horas verificou-se uma colisão entre uma viatura ligeira e outra pesada, em Alhandra, de que resultou um ferido grave. Meia hora mais tarde, na Póvoa de Santa Iria de Azóia, na periferia de Lisboa, quatro automóveis colidiram.

Malas com droga abandonadas no aeroporto

Malas, frequentemente deixadas nos tapetes rolantes do aeroporto, com droga, têm sempre uma referência para que alguém as reconheça e as levante, revelou ontem um agente da Polícia Judiciária durante o julgamento de um processo no Tribunal de Monsanto, em Lisboa. Instrutor do processo de tráfico de droga, estruturado em duas redes - uma daÍndia e outra do Brasil - o elemento deu o exemplo de uma mala, semelhante à dos tripulantes, deixada «na passadeira» e que tinha autocolantes da revista «Playboy». Essa mala, vinda do Brasil, levou à detenção de três elementos alegadamente envolvidos no tráfico de droga em 1985. O processo em julgamento, que envolve vários apensos e 33 arguidos, reporta-se a factos ocorridos desde 1981. Estão envolvidos, entre outros, elementos das companhias aéreas TAP e VARIG, bem como da Guarda Fiscal.

Portugueses detidos em Espanha

Três portugueses foram detidos em Adanero (Espanha), com um cargamento de obras de arte de diversos estilos e épocas, anunciaram ontem fontes policiais espanholas. Os detidos - de 22, 44 e 55 anos, naturais de Monção - viajavam num camião de matrícula francesa e foram presos por elementos da «Guardia Civil». Foram encontrados, no interior do veículo, quadros, estatuetas de marfim, fragmentos do altar de uma igreja, mesas e cortinas bordadas e mais de um milhão de pesetas.

Aberto concurso para jovens cientistas

O secretário de Estado da Juventude anunciou, ontem, a realização de um concurso para jovens cientistas aberto a todos os estudantes portugueses não graduados, com idades compreendidas entre os 15 e os 21 anos. O concurso é uma das iniciativas do programa de ciência e tecnologia para a juventude, promovido pelas secretarias de Estado da Juventude e da Ciência e Tecnologia e pela Associação de Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento. Os candidatos, que terão de apresentar trabalhos na área da ciência e tecnológia, vão ser seleccionados por um júri cuja constituição é da responsabilidade da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.

Peritagem vai avaliar segurança na ponte de Faro

Uma comissão de peritagem, que deverá integrar representantes da Junta Autónoma dos Portos do Sotavento Algarvio, Parque Nacional da Ria Formosa e do Gabinete Técnico da Câmara Municipal de Faro, vai analisar as condições de segurança da ponte dailha que ruiu, parcialmente, na madrugada de ontem.

Não houve quaisquer danos pessoais ou materiais, mas a queda do resguardo lateral, numa extensão de 30 metros, vem confirmar o estado de debilidade da ponte. A estrutura encontra-se, de uma forma geral, bastante danificada, quer no tabuleiro - remendado de urgência em três zonas - quer nas protecções lateriais que ameaçam continuar a ruir. O estado da ponte agravou-se nos últimos dias em virtude da operação de emergência desencadeada para salvar a ilha. O peso máximo aconselhado para a estrutura é de 1.500 quilos, mas desde o passado dia 18 de Março a autarquia tem vindo a utilizá-la para a passagem de camiões carregados de pedra. Muitos dos pilares que suportam o tabuleiro da ponte encontram-se corruídos e com ferro à vista, encontrando-se mesmo alguns sem qualquer suporte.

Em Faro há a convicção de que este novo episódio em volta da ilha reflecte a urgência com que é preciso resolver o problema global da zona.

Solicitado apoio à CEE

Entretanto, o eurodeputado Mendes Bota disseà Lusa, que vai pedir ajuda à Comunidade Europeia para apoiar um programa que defenda da erosão toda a costa algarvia.

O pedido, a entregar na comissão especializada em Bruxelas, logo que reunidos todos os argumentos técnicos necessários, vem na sequência dos problemas de erosão e «avanços do mar», ao longo da Costa Algarvia, em particular na Ilha de Faro.

Para o efeito, Mendes Bota adiantou que vai solicitar pareceres técnicos à Direcção-Geral dos Portos e outras entidades. Para este eurodeputado, o problema da Ilha de Faro é mais vasto e prende-se com todo o processo de erosão da costa algarvia, erosão essa que grassou sem que se tenham tomado medidas atempadas para lhe fazer face.

As correntes na costa do Algarve são variáveis e transportam areias de um lado para o outro e o mar tem vindo a «comer» grandes extensões de praia, criando preocupações aos agentes turísticos e às autoridades responsáveis pelo sector.

Na opinião de Mendes Bota, a costa algarvia «é um bem precioso que tem de ser preservado sem olhar a custos, dada a importância vital do turismo para a região e do sistema lagunar da Ria Formosa, que representa no contexto ambiental e económico uma riqueza de grande valor, não só para o País, como para a Europa e o Mundo.

Nino Cerruti em Lisboa apresenta colecção

Com o fim de apresentar a sua colecção, nas componentes masculina e feminina, para o Outono/Inverno de 1990/91, bem como ainda um novo perfume, Nino Cerruti deslocou-se a Lisboa, acompanhado de Giuseppe Marelli, vice-presidente da sua firma e de Thirly, director-geral. Numa conferência de imprensa, que teve lugar ontem à tarde no hotel Meridiem, este costureiro italiano, fixado em Paris, desde meados da década de 60, manifestou-se esperançoso quanto às possibilidades oferecidas pelo mercado português. Tanto é assim que, muito brevemente, se propõe abrir uma loja de roupa destinada à mulher.

Questionado sobre a importância da moda, Cerruti declarou que o facto « de vivermos numa sociedade de imagens, determina a invenção de um estilo adequado às exigências da contemporaneidade». Daí que se imponha uma moda confortável, de acordo com o papel desempenhado pela mulher, no tecido social, onde são de excluir as extravangâncias e certas ousadias de desenho que acabam por se tornar gratuitas. A elegância, acrescenta, nada tem a ver com os artifícios forçados, é algo de natural. Cada um, deve criar a sua própria moda, de maneira a que se afirme o lado individual, sem se submeter à ditadura dos criadores. Define os novos códigos da moda como algo de flexível e de pessoal. Todavia, admite outros discursos, mais atrevidos e efémeros, cujas notas divertidas agradam «a uma sociedade que gosta de sorrir».

Nino Cerruti considera-se "um europeu típico", apesar da sua empresa estar implantada no continente americano e no Extremo Oriente. Trabalha com prazer, não lamenta as energias gastas no ofício escolhido. À frente de uma espécie de "império", que reúne para cima de mil funcionários, controla todo o processo de produção da sua marca, difundida pelo mundo. Isto é, sem dúvida, uma condição para garantir a autenticidade do nome Cerruti.

Lourdes Féria

Polícias europeus em Loures Manuel Ferreira Antunes, director da Escola de Polícia Judiciária, iniciou esta manhã, com um discurso de boas -vindas às delegações estrangeiras, a reunião do Conselho Europeu dos Sindicatos de Polícia (CESP). Durante dois dias, sindicalistas daPolícia da Grécia, Itália, França, RFA, Chipre, Bélgica, Espanha e Portugal analisam questões como «O CESP e a Europa de Leste», «Os acordos de Schengen», «A Polícia e os conflitos sociais», «A utilização de armas de fogo pelos funcionários dePolícia» e a «Segurança Social dos funcionários de polícia na Europa». O encontro é organizado pela Associação Sindical dos Funcionários de Investigação Criminal da Polícia Judiciária.

Análise desmente Sida em mãe de gémeas

As notícias vindas a público, a semana passada, de que uma madeirense deu à luz gémeas sendo portadora do vírus da Sida não se confirmam. O relatório do Instituto Ricardo Jorge, ontem divulgado no Funchal, revela que as análises do sangue daquela mãe, bem como das duas crianças, não detectaram a presença do referido vírus.

«O anticorpo detectado no sangue pode estar relacionado com alguma infecção, mas não éSida», afirmou o director do Banco de Sangue do Centro Hospitalar do Funchal, Adolfo Brazão.

Este caso, que agora parece ter um fim feliz, levantou grande celeuma. Implicou questões de ordem deontológica, sobretudo no respeitante ao chamado sigilo médico. Adolfo Brazão admitiu que as declarações do obstreta Faria Nunes «puseram em causa» o serviço que chefia.

Por seu turno, o secretário madeirense dos Assuntos Sociais, Rui Adriano, afirmou ontem que a divulgação precipitada do caso «é grave». Rui Adriano revelou que a mãe em questão, oriunda de um meio rural e com mais de cinco filhos, «está já a ser vítima de segregação, tal como a sua família».

Questionado sobre quem vai pagar os danos sofridos por esta família, o secretário de Estado madeirense frisou que «tanto, quanto se sabe, o marido daquela senhora não é nenhum patinho e não está de braços cruzados». Porém, a delegação regional da Madeira da Ordem dos Médicos desconhece, até ao momento, qualquer queixa contra o médico que divulgou o caso.

QUOTIDIANO

Ferroviários da UGT na estaca zero

A hegemonia exercida pelos três sindicatos sociais-democratas revoltou os dirigentes do sindicato socialista

A constituição de uma federação de ferroviários no âmbito da UGT está «seriamente comprometida», depois das críticas do Sindefer e do «não» da assembleia-geral do Sinafe, afirmou ao DL João Amoroso, dirigente do Sinfese, outra das estruturas da central na CP. E põe-se já a hipótese de voltar à estaca zero, ou seja, cada sindicato lutará por si.

Os quatro sindicatos da UGT com maior representatividade na empresa - Sinafe, Sindefer, Sinfese e Trens e Revisão - não conseguem entender-se quanto à formação da federação. A «guerra» entre as tendências socialista e social democrata no seio da central acaba por ser o problema de fundo que se coloca à sua criação.

As divergências começaram quando o Sindefer, maioritariamente socialista, criticou o projecto de estatutos elaborado por João Amoroso, do Sinfese (que tal como os outros dois sindicatos conta com uma maioria social democrata), considerando-o uma tentativa de «controlo e hegemonização dos social democratas de todo o movimento sindical da UGT na CP», segundo as palavras do seu dirigente, Francisco Fortunato.

Na reunião já efectuada, o Sindefer apresentou propostas de alteração aos estututos em discussão, que no entanto não foram aceites pelas restantes estruturas. Mas isso não seria razão suficiente para travar a criação da federação, tanto mais que ela conta com o apoio do presidente da UGT, Pereira Lopes, e do seu secretário-geral, Torres Couto.

No entanto um novo problema surgiu: a direcção do Sinafe, um dos sindicatos mais empenhados no projecto, não conseguiu, na última assembleia-geral, a necessária maioria de dois terços para a aprovação da sua integração na federação.

Assim, com dois sindicatos momentaneamente de fora, a federação deixa de ter razão de ser: «A situação está problemática, e neste momento não é possível dizer se o projecto vai ou não para a frente», afirmou ao DL João Amoroso.

A realização de nova reunião entre as direcções das quatro estruturas será o próximo passo. «Teremos que analisar a situação e refletir sobre se vale ou não a pena seguir com o projecto e sermos uma voz em uníssono, ou se é preferível continuarmos como estamos, cada um a agitar a sua bandeira», acrescentou o dirigente do Sinfese.

Falta, também, a prova do voto dos próprios associados do Sinfese, que só será concretizada em fins de Abril, numa assembleia geral em que será apreciada a proposta de formação da federação cujo projecto de estatutos foi elaborado pela direcção do sindicato.

Esclarecer até à aprovação

Cruz Luís, dirigente do Sinafe e um dos mais significativos elementos dos TSD (Trabalhadores Social Democratas), afirmou ao DL que o resultado da votação da assembleia geral do seu sindicato se ficou a dever a uma «falta de esclarecimento dos associados quanto ao que será a federação».

Para tornear a questão, aquele dirigente afirmou que a direcção, na reunião do próximo dia 9, «vai deliberar a convocação de nova assembleia geral, a ter lugar após a realização de um profundo esclarecimento dos associados».

«Não abandonaremos o projecto. Estamos empenhados nele e esclareceremos os nossos filiados quantas vezes forem necessárias até que os trabalhadores percebam o interesse que a federação tem», acrescentou.Cruz Luís faz já o prognóstico da acção de esclarecimento: «Tudo indica que iremos aprovar a adesão à federação por unanimidade, ou quase».

Nota interessante da assembleia geral do Sinafe foi o facto de não ter sido aprovada a integração na federação dos ferroviários, ao contrário do que aconteceu em relação à participação na federação dos transportes, que reuniu a necessária mairia de dois terços.

Pereira Lopes: uma luta com 10 anos

O presidente da UGT, que desde o princípio apareceu associado à constituição da federação e por isso foi alvo de várias críticas - o seu nome esteve na base das acusações de tentativa de hegemonização social democrata - nega qualquer envolvimento no projecto.

«Não apadrinhei a federação nem deixei de o fazer. O apadrinhamento foi feito pela UGT, tendo o seu secretário-geral reafirmado oficialmente o apoio do Secretariado Executivo à sua criação», afirmou ao DL Pereira Lopes.

«Há 10 anos que defendo a existência de uma federação no sector ferroviário, como forma coerente de zelar pelos interesses daqueles trabalhadores. O ideial seria um só sindicato, mas já que essa não é a realidade, então que se crie uma federação», acrescentou.

Para aquele dirigente, as divergências que existem quanto aos estatutos «têm que ser dirimidas entre os sindicatos e não deve ser o presidente ou o secretário-geral da central a intervir na questão ou a desvirtuar o seu sentido».

A visão que Pereira Lopes tem das guerras que se verificam relativamente à questão devem-se «não aos estatutos, mas às posições e lugares que as pessoas ocupam.

Quando há falta de coragem para assumir que o que está em causa é que não tiveram o lugar que queriam surge sempre um bode expiatório: os estatutos».

Quanto às críticas de partidarismo feitas à federação, o presidente da UGT afirma que elas são «falsas. Se o Sindefer diz isso, então é porque reconhece que os social democratas são a maioria na CP, uma vez que nos quatro sindicatos da UGT que existem, três têm direcções social democratas».

Perante as dificuldades que se estão a pôr à formação da federação dos ferroviários, o presidente da UGT deita água na fervura, dizendo que se ela não for para a frente «não é drama nenhum», posição em que é secundado por João Amoroso.

Elsa Andrade

Eurico Vasconcelos

Seis famílias tiveram de ir de malas e bagagens para o centro de alojamento da CML

Perigo na Calçada do Combro

Um prédio em perigo de derrocada, na Calçada do Combro, levou seis famílias a serem desalojadas e instaladas no centro de alojamento da Câmara Municipal de Lisboa.

O estado deste edifício de cinco andares é de tal forma grave, que o trânsito teve de ser encerrado na tarde de ontem, naquela via.

Os bombeiros requereram aos piquetes da EPAL e da EDP o corte de energia e água ao edifício.

Ao fim desta manhã a situação mantinha-se. Segundo uma fonte dos Sapadores de Bombeiros, o prédio ameaça ruir a qualquer momento e o trânsito permanecerá interrompido, enquanto o caso não for resolvido.

Queima das Fitas mantém Comissão

Os últimos desenvolvimentos levaram o Conselho de Veteranos, órgão de tutela da praxe académica, a manter a Comissão Central da Queima das Fitas em funções, com a particularidade de o «Dux» acompanhar mais de perto as actividades dos organizadores das festas académicas. No entanto tal decisão não encerrou o clima de 'paz podre' existente entre os dois órgãos, disse uma fonte académica. «Vivemos uma espécie de cessar-fogo, que pode ser quebrado a qualquer instante», disse Pedro Cabral, o «Dux» dos veteranos, enquanto os membros da Comissão Central se remetiam ao silêncio.Pedro Cabral declarou ainda que a decisão de manter em funções a comissão anteriormente exonerada obedeceu ao desejo de pôr os interesses da Queima da Fitas acima dos do conselho. O programa desportivo, foi já divulgado e deles se destaca: um *rally* de automóveis antigos nos dias 4 e 6, que levará os «Donas Elviras» de Coimbra à Figueira da Foz e volta; e, no mesmo percurso, um «*Raid* 2 cavalos» a realizar no dia 6; Torneio de ténis no Estádio da Universidade, regata internacional no Rio Mondego; cicloturismo entre Lousã e Coimbra; vela e *windsurf* na Figueira da Foz; a Légua da Academia, com partida junto à Porta Férrea e o V Torneio de Xadrez.

Escola Superior de Gestão de Santarém

A Escola Superior de Gestão de Santarém torna público nos termos do art.º 17.º do Decreto-Lei n.º 427/89, de 7/12, que se encontra aberto concurso externo de ingresso para admissão de pessoal em regime de contrato administrativo de provimento para preenchimento dos seguintes lugares:

N.º lugares	Categoria	Remuneração	Requisitos exigidos	Requisitos de preferência
1	Operador de registo de dados — estagiário	52 500$00	9.º ano	Prática de serviços administrativos
1	Fotocopista	42 500$00	Escolaridade obrigatória — habilitação profissional adequada	Maior experiência profissional adequada às funções a exercer
1	Empregado de Bar/Snack 3.ª classe	41 900$00	Escolaridade obrigatória Carteira profissional	Maior experiência profissional adequada às funções a exercer
3	Auxiliares da acção educativa	41 900$00	Escolaridade obrigatória	Experiência de apoio à actividade pedagógica, apoio social escolar e apoio geral

Foi consultada a Direcção-Geral de Administração Pública que comunicou a não existência de excedentes para as vagas a concurso e foi autorizado o concurso externo pelo Despacho Conjunto da Presidência do Conselho de Ministros e Ministério das Finanças publicado no D.R. n.º 290, II Série, de 19/12/89 e Despacho n.º 146/SEES/89, publicado no D.R. n.º 8, II Série, de 10/01/90, que fixa as quotas de descongelamento atribuídas ao Instituto Politécnico de Santarém.

As candidaturas devem ser dirigidas ao Presidente da Comissão Instaladora da Escola Superior de Gestão de Santarém — Complexo Andaluz — Apart. 295 — 2003 SANTARÉM CODEX, até ao dia 11 de Abril de 1990.

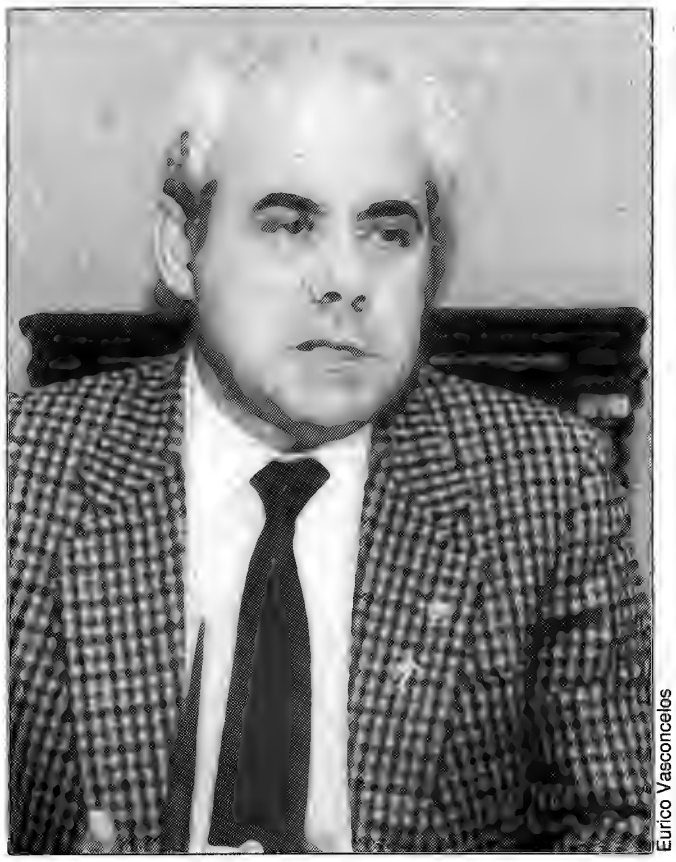
Santarém, 23 de Março de 1990.

A COMISSÃO INSTALADORA

Castanheira de Pêra

A paralisação determinada para amanhã pelas centrais sindica
em Castanheira de Pêra assume um carácter plebiscitário, qua
se confrontam duas vias para a sobrevivência do concelho

Reestruturação indust ou crescimento acelera



Eurico Vasconcelos

Graça Oliva: a salvação no turismo de luxo

Eurico Vasconcelos

Kalidas Barreto: incentivos financeiros para o relançamento industrial

A paralisação geral de uma hora, com concentração no maior largo da vila, marcada para a tarde de amanhã pelas delegações locais da CGTP e da UGT, está a dividir Castanheira de Pêra. Em que proporções, é coisa que só a adesão à iniciativa revelará. Mas o facto é que duas irredutíveis tendências se desenham com nitidez entre a população, uma de apoio às intenções das centrais sindicais, outra de seu repúdio, na linha da posição assumida pelo principal responsável da Câmara.

De um lado, este, o antigo árbitro internacional de futebol e próspero comerciante Viriato Graça Oliva, candidato independente das listas do PSD eleito por um só voto de diferença no último sufrágio para as autarquias; do outro, o destacado sindicalista Kalidás Barreto, dirigente nacional da CGTP, personificam um conflito cada vez mais notório entre duas perspectivas para o desenvolvimento daquele concelho, a braços com uma grave crise social, gerada pela decadência do seu grande suporte económico, a indústria de lanifícios.

Factor próximo do acentuar da crise, foi o agravamento da situação financeira da maior fábrica local do sector, a Fernandes Antunes, há três meses com salários em atraso e a laboração reduzida a menos de um terço.

Eurico Vasconcelos

Uma fábrica a laborar a trinta por cento

Para o chefe da edilidade, a situação de Castanheira de Pêra não se resolve com a insistência nos sectores tradicionais, mas sim com uma decidida aposta no turismo. É às belezas naturais do concelho, inscrito na verdejante serra da Lousã, que haverá que recorrer em alternativa à indústria têxtil, cujas unidades, desde há uma dezena de anos, vêm entrando, umas após outras, na falência.

Aeroporto, um campo de golfe com 17 buracos, um hotel de 150 quartos, piscinas, um estádio, um campo de tiro e um circuito de manutenção são algumas das obras constantes do Projecto de Desenvolvimento Turístico concebido por Graça Oliva, visando o aproveitamento dos «aspectos paisagísticos invulgares» e do «ambiente de grande pureza», que caracterizam a região.

«Cidade-fantasma»

Visão diferente é a de Kálidas Barreto, que não hesita em qualificar de «miríficos» estes planos, embora coincida na opinião de que os lanifícios, em Castanheira de Pêra, têm os dias contados. Para o sindicalista, natural da vila e empregado numa empresa do sector, há que tomar medidas concretas, nomeadamente criando incentivos financeiros, para que novas indústrias possam arrancar, além de outras actividades, como a apicultura e o turismo, este não de luxo, mas de habitação. Caso isso não aconteça, Kálidas Barreto não augura outra coisa a Castanheira de Pêra senão a conversão numa «cidade-fantasma».

«Para Graça Oliva» — ironiza — «eu sou um profeta da desgraça. Para mim, ele é um profeta... das farturas».

É entre o alinhamento com um destes dois homens que balança o coração da vila. Os apoiantes do presidente da Câmara recusam-se a aceitar que a situação seja a que os sindicatos descrevem. A reportagem do DL esteve em casa de um operário da Fernandes Antunes, que, como

Eurico Vasconcelos

Sessenta e cinco por cento do ordenado e muita fé na edilidade

A.M.A. ®
Auto Monumental de Aveiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

ndicais
, quando
o

lstrial
erado?

Eurico Vasconcelos

Lanifícios de Castanheira de Pêra: uma decadência irreversível?

e que os
nheira de
ontados.
, natural
do numa
, há que
oncretas,
ando in-
os, para
ias pos-
de outras
a apicul-
e não de
ção. Caso
Kálidas
ra outra
de Pêra
o numa

» — iron-
rofeta da
ele é um
as».
ento com
nens que
a vila. Os
dente da
a aceitar
a que os
vem. A
steve em
o da Fer-
ue, como

fez a maior parte dos trabalhadores da casa, ao cabo de dois meses sem receber, optou, em finais de Março, por se despedir e receber do Fundo de Desemprego. O operário, Fernando Henriques, foi à adega buscar morangueiro e chegou umas fatias de presunto às brasas.

«Aqui está a fome que se vive em Castanheira de Pêra» — foi o comentário sarcástico de Graça Oliva, também presente.

Fernando Henriques ganhava à roda de 35 mil escudos líquidos por mês como operador de máquinas, trabalhando 40 horas por semana. É o salário médio nas fábricas de têxteis de Castanheira. O Fundo de Desemprego pagar-lhe-á 65 por cento dessa verba, durante dois anos. Ele tem umas terras, e fará mais algum dinheiro, à tarefa. Diz não estar preocupado: confia na actual edilidade.

Eurico Vasconcelos

Este trabalho está condenado?

Mas nem todos são igualmente optimistas. No comércio, nomeadamente. Como frisou o proprietário de um pequeno café local, a passagem ao desemprego de 150 trabalhadores, tantos quantos foram os que se despediram da Fernandes Antunes, ao cabo de dois meses sem salários, num concelho de 5 mil almas, «é coisa que se sente». Ele, por exemplo, já notificou a distribuição de um jornal desportivo de que pode reduzir a remessa de exemplares «para metade, à vontadinha».

Acresce que a confiança na continuidade da fábrica parece já só residir entre os seus proprietários. Segundo estes, o problema que a empresa enfrenta é de ordem estritamente financeira, sendo a situação económica boa, pois dispõe de matéria-prima e de uma carteira de encomendas na ordem dos 170 milhões de contos. O facto é que a unidade, que garantia a subsistência a 21 por cento da população, está a laborar com apenas um quarto da maquinaria.

Erros de gestão

Que esta situação se deve a erros de gestão é argumento que recolhe unanimidade, tal como a recolhe o da sua irreversibilidade. Mas o caso é que não se trata da primeira fábrica do sector a ir á falência. Desde o 25 de Abril e da elevação do nível dos salários que ele ocasionou, que as empresas locais de lanifícios têm falido, uma atrás das outras.

O sócio-gerente da Albano Antunes Morgado, Lda., Isautino Rodrigues, nega que se trate de uma fatalidade. Esta fábrica, que emprega 120 operários, é considerada um modelo, na região, prosperando, apesar de o equipamento não ser mais moderno do que o da Fernandes Antunes. Alinhando com a interpretação da problemática de Castanheira de Pêra do presidente da Câmara, Isautino Rodrigues assinala que não lhe têm batido à porta quaisquer desempregados. Do seu ponto de vista, a jornada de protesto concebida pelos sindicatos tem como único objectivo proporcionar um balão de oxigénio a empresas do sector economicamente irrecuperáveis, numa política de adiamento de soluções de fundo que não interessa ao concelho.

Não é a perspectiva das centrais sindicais. Para estas, aquilo a que se está a assistir em Castanheira de Pêra é a um processo de debandada da «juventude, na busca, noutras terras, de alternativas que (ali) não encontram».

A formulação foi confirmada pela reportagem do DL com desempregados da vila, que aventaram a hipótese de mudarem o domicílio para Leiria, apesar da dificuldade em lá arranjarem habitação e, mesmo, do prejuízo decorrente do abandono das courelas de que muitos são proprietários.

A Comissão Promotora da Concentração de amanhã vai mais longe, ao denunuciar que «há, neste momento, crianças sem a alimentação necessária e famílias inteiras com dificuldades que só a rápida intervenção sindical impediu que tomassem proporções mais catastróficas». Esta situação atingirá particular dramatismo, segundo Kalidás Barreto, no caso das 24 famílias moradoras no Bairro Dórdio, uma urbanização camarária de habitações para trabalhadores, financiada pela Caixa Geral dos Depósitos, cuja capacidade de pagamento das rendas dependia dos salários nos têxteis.

Num apelo para a população, a mesma Comissão defende a necessidade de «Câmara, Empresários, Trabalhadores, Sindicatos, Partidos, todas as forças vivas» se aliarem, para pugnar, sem ser «isoladamente ou com atitudes voluntaristas», por determinados objectivos, nomeadamente a candidatura às acções previstas no PDR para a Zona do Pinhal Interior, a que Castanheira de Pêra pertence.

O apelo das centrais sindicais teve aliás eco nas estruturas locais do próprio partido maioritário no concelho, conforme transpareceu de um incidente com o qual o presidente da Câmara se manifestou melindrado. Tratou-se de uma intervenção durante a missa, viabilizada pelo padre celebrante, de um deputado municipal social-democrata, Porfírio Cepas, a apelar para a jornada reivindicativa de amanhã.

Nesta, será aprovada uma moção contendo um conjunto de medidas tidas por necessárias ao desenvolvimento económico do concelho, sendo certo que a integrará a reivindicação de apoio financeiro para a dinamização do miniparque industrial da vila, onde já operam lucrativamente fábricas de peúgas, olaria e tectos falsos, entre outras.

Um cepticismo recíproco

Kálidas Barreto, militante socialista, ostenta, relativamente aos projectos de Graça Oliva, um cepticismo nivelado pelo do autarca face às possibilidades por ele defendidas de reestruturação da indústria do concelho. Segundo o sindicalista, até mesmo um campo de golfe será inviável na região, dado que a frequência com que ali ocorrem geadas não permitirá uma cobertura vegetal tão carecida de rega como a relva.

O antigo árbitro, porém, parece depositar uma ilimitada confiança nas virtualidades turísticas da serra da Lousã, propondo-se arrancar com um conjunto de empreendimentos que vão do agigantado hotel de luxo ao parque de campismo, da venda de artesanato à reserva de caça, da aquacultura de trutas ao engarrafamento de águas minerais. Além dos valores naturais, Castanheira de Pêra beneficiará da construção em curso da auto-estrada entre Lisboa e o Porto e da projectada ligação rodoviária de Figueiora da Foz a Vilar Formoso.

Resta ver, como se verá amanhã, graças ao indicador fornecido pela concorrência à concentração determinada pelas centrais sindicais, quem merece mais crédito à reduzida população do concelho, se o sindicalista das modestas exigências de emprego, se o edil propugnador do desenvolvimento acelerado.

Fernando Brederode Santos

Os municípios da Margem Sul pretendem nova ponte sobre o Tejo e o aeroporto em Rio Frio

Outra Banda quer mais!

Uma nova ponte sobre o Tejo e uma decisão governamental definitiva quanto à localização do futuro aeroporto de Lisboa é exigida num documento ontem divulgado pela Associação de Municípios do distrito de Setúbal.

O Plano Integrado de Desenvolvimento do Distrito de Setúbal (PIDDS), encomendado por aquela Associação a um consórcio formado por três empresas especializadas, propõe a construção de um ponte rodo-ferroviária a ligar a parte oriental de Lisboa à zona Montijo-Alcochete. A sua construção, de acordo com o plano, « terá como finalidade aliviar a Ponte 25 de Abril e dar racionalidade ao conjunto de transportes entre o Sul e área metropolitana de Lisboa».

O documento acrescenta ser «urgente dar coerência a um conjunto urbano que cresceu na dependência exclusiva da capital e a que a ponte poderá dar solução».

Outro tema focado por aquele documento é o do futuro aeroporto de Lisboa. Para as municípios da margem Sul «é importante que o novo aeroporto de Lisboa venha a ficar localizado em Rio Frio e não deve haver protelamento da decisão». «Não há nenhum estudo que aponte para a superioridade das características da Ota em detrimento de Rio Frio. Os municípios do distrito devem reivindicar que se estabeleçam canais claros e explícitos que justifiquem a decisão da localização do aeropoprto, seja em Rio Frio, seja na Ota.»

Os preços já estão a crescer

O PIDDS chama a atenção dos ministérios responsáveis para a venda parcelar da Herdade de Rio Frio, que já está a decorrer. Esta situação, se acaso a decisão acabar por ser Rio Frio, vai dificultar o processo das expropriações e aumentar sensivelmente os preços dos terrenos.

O documento defende ainda « a construção de um aeródromo de utilização regional a sul da península, na zona de Sines» e a utilização parcial, para uso civil, da Base Aérea do Montijo.«É uma proposta controversa, pois certos sectores da opinião pública são contra. No entanto, as forças empresariais defenda-na, e é de atender, já que serve a região».

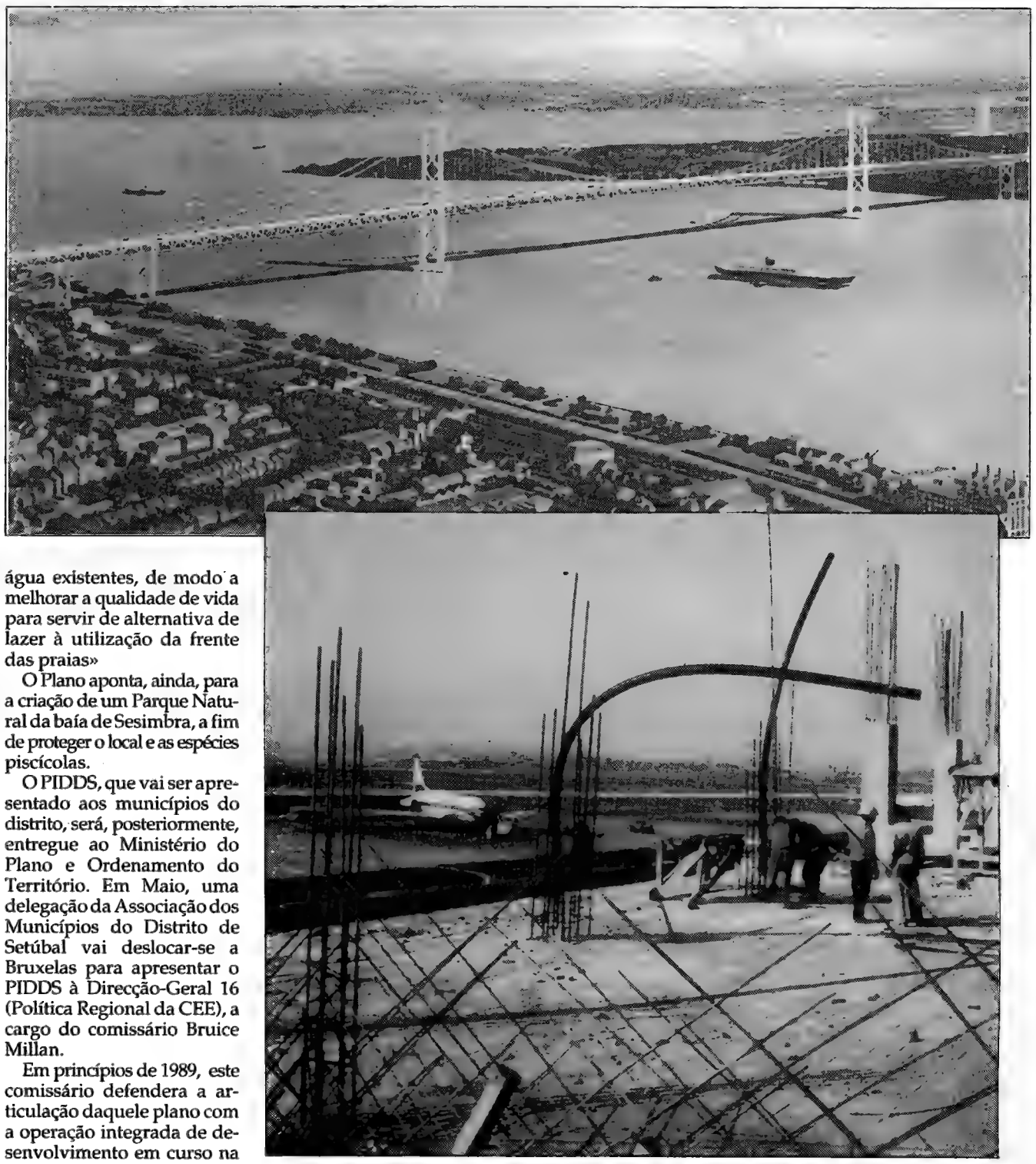
O documento refere ainda os problemas ambientais, apontando para a criação de um parque interurbano da área ribeirinha do Tejo, abrangendo os concelhos de Almada, Seixal, Barreiro, Moita, Montijo e Alcochete. «No meio da floresta de cimento, há que defender as zonas de sapais e espelhos de água existentes, de modo a melhorar a qualidade de vida para servir de alternativa de lazer à utilização da frente das praias»

O Plano aponta, ainda, para a criação de um Parque Natural da baía de Sesimbra, a fim de proteger o local e as espécies piscícolas.

O PIDDS, que vai ser apresentado aos municípios do distrito, será, posteriormente, entregue ao Ministério do Plano e Ordenamento do Território. Em Maio, uma delegação da Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal vai deslocar-se a Bruxelas para apresentar o PIDDS à Direcção-Geral 16 (Política Regional da CEE), a cargo do comissário Bruice Millan.

Em princípios de 1989, este comissário defendera a articulação daquele plano com a operação integrada de desenvolvimento em curso na península de Setúbal.

Redacção «DL»/Lusa



A construção de um novo aeroporto nos seus terrenos e de uma nova ponte sobre o Tejo é a proposta dos municípios da margem sul

DECRETOS E LEIS

Encontram-se já à venda:

- DETERMINAÇÃO DA MATÉRIA COLECTÁVEL DO IRC — 3.ª edição
  Henrique Quintino Ferreira
- ELEMENTOS DE CONTABILIDADE GERAL — 9.ª edição
  António Borges, Azevedo Rodrigues e Rogério Rodrigues
- O NOVO POC COMENTADO — 2.ª edição
  António Borges e Martins Ferrão
- MANUAL DE CASOS PRÁTICOS — 2.ª edição
  António Borges e Martins Ferrão
- REINTEGRAÇÕES E AMORTIZAÇÕES DO ACTIVO IMOBILIZADO DAS EMPRESAS
  Henrique Quintino Ferreira
- ESTATUTO DOS BENEFÍCIOS FISCAIS — NOTAS EXPLICATIVAS — 2.ª edição
  Maria Teresa Barbot Veiga Faria
- BENEFÍCIOS FISCAIS
  Pinto Fernandes e Cardoso dos Santos
- CÓDIGO DO IRS — ANOTADO E COMENTADO
  Herculano Curvelo, Ramos Costa, Vasco Guimarães e Gaspar Encarnação
- DA CESSAÇÃO DO CONTRATO DE TRABALHO E CONTRATOS A TERMO
  José da Castro Santos e Maria Teresa Rapoula
- LEGISLAÇÃO DAS FINANÇAS PÚBLICAS — ANOATADA
  Alves Cardoso e Simas Santos
- APOIO JUDICIÁRIO
  Salvador da Costa

REI DOS LIVROS
Rua dos Fanqueiros, 77/79, 1100 Lisboa
Telef. 879755 e 879188

A câmara municipal teme que se continuem a verificar os aluimentos, provocando novas mortes na praia. Um estudo encomendado pela edilidade recomenda uma solução com a maior brevidade

Falésias de Albufeira matam

Os aluimentos das falésias algarvias põem em risco a integridade física dos banhistas

As várias quedas de falésias verificadas em Albufeira desde 1988 já provocaram um morto e um ferido grave, preocupando gravemente a câmara municipal daquela localidade.

No último boletim da Câmara Municipal de Albufeira refere-se que, numa reunião efectuada no início deste ano com entidades responsáveis pelo domínio público marítimo, concluiu-se pela «extrema gravidade da situação», bem como pelo facto de que novos aluimentos poderem verificar-se a qualquer momento.

Naquele órgão municipal salienta-se, também, o facto de não terem sido efectuadas quaisquer obras de estabilização e reparação da falésia que ruiu em Agosto de 1989 (provocando o morto e o ferido grave já referidos), apesar dos esforços da câmara. No boletim é citado um relatório dos serviços técnicos da edilidade afirmando que, perante a gravidade da situação e da sua previsível evolução, os técnicos da Direcção Geral de Portos (DGP) prometeram estudar e apresentar superiormente, com a «brevidade possível», as soluções adequadas.

No entanto, a autarquia quer saber «para quando essa brevidade», realçando um estudo do Laboratório Nacional de Engenharia Civil que declara «zona muito sensível, toda a falésia entre a praia do Inatel e a da Baleeira».

O estudo foi mandado efectuar pela câmara municipal em 1985, e as suas conclusões foram dadas a conhecer, de imediato, à DGP, salienta o boletim municipal da câmara de Albufeira, acrescentando que, «desde então, as falésias continuam a cair pondo em risco a preservação da natureza, edificações e as próprias vidas humanas».

QUOTIDIANO

A construção civil é um sorvedouro de areia e cascalho. Mas os leitos dos nossos rios não dão, por mais desenfreada que seja a extracção, vazão às encomendas. Em causa, também está a protecção dos recursos naturais

Nem temos areia que chegue

As areias e o cascalho extraídos dos leitos dos nossos rios não chegam para as encomendas, disse uma fonte do Ministério do Ambiente e Recursos Naturais , acrescentando que esta situação de penúria vai continuar, dado que existem leis de defesa da rede hidográfica.

O problema, segundo aquela fonte, é que enquanto estabilizam as disponibilidades em inertes (areias e cascalho), a indústria de construção civil aumenta as suas necessidades em virtude da expansão económica do País.

Extracção abusiva

Sobre a extracção abusiva de inertes nas bacias dos rios Pônsul e Zêzere, a fonte do ministério afirmou que «a indústria de extracção de inertes terá de optar por outras fontes alternativas de matéria prima, como por exemplo a exploração em pedreiras ou em albufeiras de barragens».

Note-se que os materiais inertes (areias e cascalho) são, actualmente, utilizados em diversas actividades, mas predominantemente no sector da construção, e são extraídos de depósitos existentes nas zonas de escoamento e expansão das águas de superfície, das zonas dunares e praias do litoral, ou a partir de massas minerais.

Aliás, salienta a fonte daquele ministério, « a expansão económica do sector tem feito aumentar rapidamente, nos últimos anos, as necessidades destes recursos».

No caso das zonas fluviais, salientou, constatou-se que em resultado da pressão do mercado a extracção se estava a fazer com manifesto desrespeito pela legislação em vigor, afectando seriamente o regime hidrológico, o uso da água para diversos fins, a integridade dos leitos e das margens, bem ainda como o solo agrícola.

A mesma fonte afirmou que «há que referir, ainda, a deterioração das vias de comunicação, pontes, muros e, também, a alteração do bem estar das populações pelo ruído e pela não recuperação das zonas degradadas».

Disciplinar a actividade

A competência licenciadora de extracção de inertes nas zonas fluviais pertence à Direcção-Geral dos Recursos Naturais (DGRN), a partir de um conjunto de diplomas que situam o problema no quadro geral da conservação e utilização dos recursos naturais, e definindo normas que permitem disciplinar a extracção de inertes das áreas afectas à jurisdição hidráulica.

Essa legislação, disse a fonte do ministério, é muito explícita no que respeita aos critérios a que deve obedecer a extração de materiais inertes, impondo, por um lado, que esta actividade só possa ser realizada desde que não crie situações que possam afectar as condições das correntes, os lençóis de água subterrâneos e as áreas agrícolas envolventes. Outra das regras a observar, segundo aquela fonte ministerial, «é o uso da água para diversos fins, a integridade agrícola dos leitos e margens, a segurança das obras e a destruição da fauna e flora aquática e marginal e o incentivo da extracção nos locais em que, por razões de ordem técnica, seja vantajosa à sua remoção»

. Por último, e em relação às licenças outorgadas pela DGNR, aquela fonte acrescentou que elas são sempre emitidas a título precário, com a condição expressa de não prejudicarem os direitos do Estado ou de terceiros.

Extracção de areias nos rios: um negócio chorudo agora condicionado

Portugal tem nova campeã mundial

La Salette é a melhor a fazer cocktails

Beber e preparar bebidas são duas coisas que os portugueses sabem fazer, como provam as estatísticas e a alta cotação de alguns barmen, mas que constituíam até há pouco habilidades consentidas quase só aos homens.

A situação é hoje totalmente diferente, tanto pela relativamente maior participação das mulheres no consumo, como pelo facto de muitas delas se terem já passado para o outro lado do bar.Maria de La Salette Ramos Ribeiro, de Setúbal, fê-lo com tanto entusiasmo e competência que, apesar de trabalhar numa cidade europeisticamente um tanto periférica e de ter apenas 27 anos, acaba de conquistar a medalha de ouro do «International Barmaid Festival - Intergastra 90» realizado em Estugarda, na RFA..

A participação portuguesa foi ainda abrilhantada pela medalha de prata conferida a Maria Isabel Silva, de Portimão, e pelo primeiro lugar alcançado na classificação por equipas.

Maria de La Salette, que obteve a pontuação máxima (120 pontos) com o *long drink* «Lisa», não quer manter a actividade competitiva limitada ao âmbito feminino.

A sua próxima meta é vencer o 7º Concurso Nacional de Cocktails, para representar Portugal no Mundial do México, em Outubro, concorrendo com os mais famosos profissionais, que são, ainda hoje, quase exclusivamente homens. Se até lá não chegar, não será por falta de determinação.

Viana do Castelo censura RTP

A RTP e respectivos serviços técnicos foram censurados pela Assembleia Distrital de Viana do Castelo devido às más condições com que são recebidas as suas emissões.

Para agravar ainda mais a situação, um incêndio de leves proporções privou, durante a tarde de ontem, os contribuintes da programação televisiva do 1º e 2º canal, revelou ao «DL» o gabinete de imprensa da empresa.

Aquela assembleia aprovou um voto de censura por a televisão não ter satisfeito as reclamações dos contribuintes que se queixam de dificiências na recepção da programação televisiva. Caso a situação não seja resolvida urgentemente, as localidades com problemas deixarão de pagar a taxa.

Saliente-se que há dois anos os técnicos da RTP fizeram um estudo em alguns concelhos do distrito e até à data não foi dada nenhuma respostas às queixas dos autarcas.

CULTURA

Morreu Sarah Vaughan

«Body and Soul» perdeu a sua maior intérprete

Um cancro do pulmão levou Sarah Vaughan, aos 66 anos. A morte encontrou-a presumivelmente na noite de terça para ontem, em sua casa, mas as versões que correm andam desencontradas. Segundo a Reuter foi há dois dias, mas a France-Press anuncia que o passamento se verificou durante o dia de ontem.

Entre tais contradições, Leonard Feather, renomado crítico de jazz do «Los Angeles Times», disse apenas: «Tudo quanto posso dizer é que é verdade, Sarah Vaughan morreu.» A confirmação teve-a Feather junto da filha adoptiva da cantora, Deborah, e do seu agente, Harold Levy.

O jazz começou, para a grande intérprete de «Body and Soul» e «Misty», em 1942, num concurso destinado a amadores. A sério foi logo no ano seguinte, quando entrou para o grupo de Earl Hines. Três anos depois actuava já a solo ou acompanhando os gigantes, nomeadamente Billy Eckstine, Charlie Parker e Dizzy Gillespie.

«Ela tem aquela que bem pode ser a mais bela voz já aplicada ao jazz» escreveu no «New York Times», em 1957, o crítico John Wilson, a propósito da artista. «Sarah possui uma espantosa técnica vocal.

A sua grande amplitude de registo, o controlo perfeito da garganta e a beleza do seu timbre permitem-lhe interpretar tanto baladas sofisticadas como temas de jazz, lançando-se em improvisações audaciosas, por vezes no estilo *scat*», lê-se no dicionário do jazz da Larousse.

Mais recentemente, entrou nos domínios da pop, para desagrado geral dos seus fãs. «Brokenhearted Melody», em 1958, foi uma desilusão, repetida mais tarde com «Send in the Clowns». O que não impediu a cantora, que habitualmente também se apresentava em palco sob o nome de Della Reese, de continuar a ser uma luminária do jazz vocalizado.

Em 82 ganhou um Grammy para a melhor interpretação feminina de jazz. Vimo-la em Portugal num dos primeiros e saudosos Cascais-Jazz de Villas-Boas.

Portugal não tem o direito de usar o nome de Camões em vão. A opinião é de Sophia de Mello Breyner Andresen, poetisa, que, ontem, ganhou mais um grande prémio de poesia

Sophia por unanimidade

Sophia de Mello Breyner Andresen foi ontem a vencedora do Grande Prémio de Poesia INASSET/INAPA de 1990, com o seu último livro, *Ilhas*, «o seu preferido», conforme declarou ao «DL».

Ilhas, onde o quotidiano e o tempo feitos universais nos apresentam uma poética depurada e de excelente contenção rítmica, «é um livro de que não se pode falar», porque «o livro é que se diz». Estando a reunir poemas para a edição de uma nova antologia da sua poesia, Sophia confessou ao «DL» que, deste livro, «escolheu mais poemas do que de qualquer outro». *Ilhas*, cuja primeira edição data de 1989, encontra-se esgotado, estando já preparada a segunda edição do livro, que estará nas bancas dentro de uma semana.

Sophia Andresen foi escolhida por unanimidade, por um júri composto por António Alçada Baptista, Pedro Tamen e José Saramago.

Nas palavras da autora, sente-se sobretudo contente com a atribuição deste prémio por vir de um júri sério, que respeita, porque os prémios dependem sempre da qualidade dos júris. «Especialmente», disse-nos, «gosto que essas pessoas gostem da minha poesia».

Este prémio, no valor de 750 mil escudos, representa também uma dupla satisfação. Para além do reconhecimento de uma obra, segundo a escritora, «os prémios de poesia são importantes, porque os escritores ganham vergonhosamente mal e a poesia é um dos trabalhos intelectuais mais mal pagos».

Contra «o leve sabor a podre que fazia parte da natureza das coisas» (pode ler-se em *Ilhas*), que ainda vive hoje na cidade, nas pessoas, no comércio, Sophia diria um dia: «Hoje faz-se a Literatura dos Editores e não a Literatura dos Escritores.» E, em poesia, a falsidade sabe a mentira descarada. «O nosso país não tem o direito de fazer seu dia nacional o Dia de Camões», afirmou. «É um abuso, porque não está de acordo com a realidade das coisas, porque o trabalho do poeta é dos mais miserabilizados da sociedade actual». E concluiu, citando Octavio Paz: a mais genuína cultura da nossa época está na poesia, que é a «mendiga profética» do nosso tempo.

O Grande Prémio de Poesia INASSET/INAPA, que distingue alternadamente uma obra individual e uma obra completa, foi atribuído, pela primeira vez, em 1988, a Fiama Hasse Pais Brandão, com o livro *Âmago, Nova Arte*, tendo, em 1989, distinguido a obra poética de David-Mourão Ferreira.

O mesmo júri, que galardoou Sophia, escolheu também, por unanimidade, a obra *Na Escrita e no Rosto*, de Fernando Esteves Pinto, para o Prémio Revelação de Poesia 1990, no valor de 150 mil escudos.

De igual valor, o Prémio Inédito de Literatura Infantil foi atribuído ao livro *As Meninas de La Mancha*, de Maria Sara Horta Monteiro, por um júri composto por Alberto Vaz da Silva, Agustina Bessa Luís e Jorge Listopad. António Mega Ferreira, Eduardo Prado Coelho e Almeida Faria, por seu turno, não atribuíram o Prémio INASSET/INAPA Revelação de Ficção, por considerarem que os trabalhos apresentados a concurso eram de fraca qualidade.

M.B.

SPA: como lhe compete em defesa de «sua dama»

A assembleia geral da Sociedade Portuguesa de Autores, reunida há dias, aprovou por unanimidade e aclamação duas moções, a enviar aos vários grupos parlamentares com assento na Assembleia da República, referentes a assuntos tão importantes como são as alterações do código do direito de autor e à situação fiscal dos autores. Na primeira das moções a SPA, tendo sido informada da apresentação no Parlamento de três propostas de alterações a introduzir no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos anexo à Lei nº 45/85, «manifesta o seu expresso apoio a essas propostas, fazendo o voto de que as mesmas sejam aprovadas, consciente de que resultará daí um reforço da protecção do direito de autor, condição indispensável para a defesa e valorização do património cultural».

Relativamente à segunda das moções aprovadas em assembleia geral, a Sociedade Portuguesa de Autores «exprime a sua preocupação face a recentes declarações do secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, que anunciou a supressão de antigos benefícios fiscais concedidos a alguns criadores intelectuais, nomeadamente os compositores musicais, realizadores de cinema e de televisão, encenadores, coreógrafos e fotógrafos, mantendo esses mesmos benefícios apenas a escritores, pintores e escultores».

Francisco Paraíso

Dias de Melo deu a conhecer na Casa dos Açores o seu último livro, com o sugestivo título «Das velas de lona às asas de alumínio» e etiqueta da editorial Salamandra. «Tratar-se-á porventura de uma crónica única, repartida por algumas partes e cada parte por vários capítulos, apenas por comodidade metodológica. Não é um livro de contos ou de impressões, e muito menos um relato de viagem. De quando em quando utilizo uma técnica próxima da do romance, em que sobressaem duas figuras. Uma delas é o meu pai, que me acompanhou sempre», disse o escritor açoriano no decorrer da sessão. Mário Mesquita, director do DL, fez a apresentação da obra, recordando a importância literária de Dias de Melo nos Açores e «num contexto de grande conformismo cultural que ele contribuiu para romper».

CRÓNICA DE TOUROS

A tourada vai continuar

Já lá vão seis décadas, Don Bernardo da Costa abria o livro «Festa Brava», em que recolhia as suas crónicas da temporada de 1931, afirmando que havia cem anos que a tauromaquia estava em crise em Portugal. «Desde que se acabou com o touro lidado em hastes limpas e morto na arena» - escrevia a implacável pena de Don Bernardo - «a lide passou a ser a intrujice do touro embolado; a luta entre o homem e a fera, perdendo o seu significado, o seu simbolismo, perdeu beleza, e cedo se transformou nessa palhaçada ignóbil que é a tourada à portuguesa, em que os toureiros são uma espécie de funcionários públicos que só assinam o ponto, e os touros umas pobres criaturas alugadas para fazer o ridículo, perante o gáudio avinhado de uma multidão ignorante e imbecil».

Eu bem queria que fosse mais optimista o panorama, nestas primícias da temporada de 1990, em que nem sequer existe o senhor João Núncio, que com a maravilha do seu toureio abria um clarão no desconsolo de Don Bernardo. É certo que algumas coisas mudaram: os bandarilheiros não terão o tom afadistado e pelintra em que os via o escritor, não aparecem com os trajos remendados nos fundilhos; e os forcados não trazem grossas bigodeiras, nem cheiram a vinhaça à distância dos camarotes de segunda ordem. Mas noutras não teria Don Bernardo que rectificar: as cortesias, os cavalos correspondendo às saudações do público alçando o rabo e borrando a arena, e os cavaleiros a andarem para a frente, e para trás, e para o lado, agradecendo as palmas que o público dá sem saber porquê; e o intervalo, que divide cada tourada em duas touradas, quando uma já custa tanto a aturar; e a respeito dos touros, se deixou de ser regra a sua condição de corridos, continua a haver os que não querem recolher, e lá vem o fadário dos cabrestos atrás do touro, e os campinos atrás dos cabrestos, e o touro atrás dos campinos, todos a correrem uns atrás dos outros, por entre umas gaitadas que o inteligente manda tocar o clarim, não se sabe para quê; e por outro lado o touro deixou de ser touro, passou a ser novilho, sem deixar por isso de sair embolado, salvo nos casos da lide dita à espanhola, em que o embolado é trocado pelo serrado.

Portanto Don Bernardo, defensor indómito da corrida de touros, continuaria hoje a entender que a tourada tem defeito de nascença e não acreditar que possam modificá-la num sentido progressista, a concluir que a única forma de levantar em Portugal a tauromaquia, e o gosto pela Festa Brava, seria acabar definitivamente com ela. Aliás foi essa a solução extrema que, embora por razões opostas, um deputado, o inefável doutor António Maria Pereira, preconizou há umas semanas na Assembleia da República, em que a propósito de um projecto de lei de protecção dos animais, a tourada teve honras de polémica, falaram os jornais dessa sessão histórica que dividiu até o grupo parlamentar da maioria PSD: enquanto o referido doutor Pereira apresentou os touros como «uma barbárie, variante dos sanguinários espectáculos das arenas romanas em que os cristãos eram devorados pelas feras e os gladiadores se assassinavam mutuamente para gáudio de uma multidão ansiosa por prazeres fortes em que o sangue corre a jorros», saltou à arena, à arena é como quem diz, o seu colega de bancada, o doutor Leonardo Ribeiro de Almeida, e em defesa das touradas desafiou o doutor Pereira a indicar-lhe o caso de um homem, um só, que tenha sido lançado na criminalidade ou que mostre propensão para a violência ou para qualquer espécie de comportamento socialmente anómalo, por ter sido aficionado ou amador da corrida. E foi mais longe: se o doutor Pereira se sentia altamente pesaroso por um boi levar um par de bandarilhas, «então e certas pessoas, que estão no conhecimento de todos nós, autênticos Petróneos que vivem a sua vida como árbitros de elegância no maior requinte e num *way of life*, e não sofrem nada na sua consciência quando o seu *chef de cuisine* agarra numa lagosta viva e pesca, a amarra, a ata e a lança viva numa panela de água a ferver, para que depois possa ter os seus requintados medalhões de lagosta?»

O debate alargou-se, houve mais risos quando a deputada Natália Correia advogou que «não se transforme a zoofilia em fanatismo, senão cairemos no exagero de se prestar o homem a ser o dócil repasto do repulsivo percevejo e da massacrante pulga». E o deputado independente Corregedor da Fonseca evocou o episódio que lhe aconteceu, numa das duas vezes em que na sua vida foi à tourada, quando um touro deu uma cornada num pegador e ele exclamou: «Ah, grande touro!», e levou logo com uma garrafa de cerveja em cima, porque apoiou o touro e devia ter apoiado o toureiro» (houve na bancada uma voz que perguntou se a garrafa se partiu).

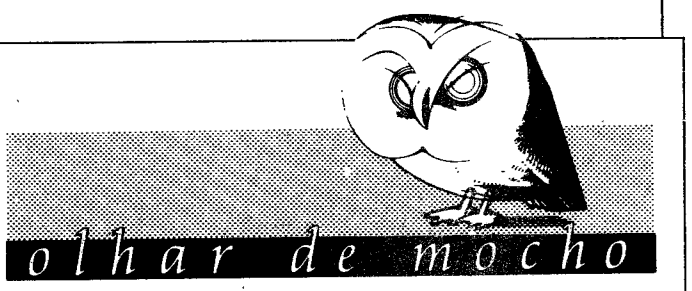
Enfim, neste debate de grande elevação e profundidade, o tema dos touros de morte esteve fora de causa, e o rei da festa, o touro bravo, apareceu misturado com osgas e pulgas, percevejos e ratos, o doutor Pereira acha que os ratos se podem matar à vontade, são animais daninhos. Podemos pois dizer que, no hemiciclo de São Bento, aconteceu a abertura simbólica da temporada taurina portuguesa, a condizer com o estilo galhofeiro da tourada nacional, onde quando um peão sai em apuros perseguido, em vez do grito de susto que em Espanha se levanta, o que acontece é uma gargalhada, dos cornos embolados o que pode sair é uma nódoa negra, quando muito um osso quebrado. Na verdade, os deputados eleitos pelo povo apenas fingiam discutir a extinção da tourada, como se ela não fosse, no seu espírito, uma coisa para ficar como está, ser apesar da CEE uma expressão do nosso eterno meio termo, um testemunho da brandura irremediável dos nossos costumes.

Mais uma temporada que chega. Corridas de touros, essas continuarão reservadas aos portugueses com bilhete de identidade e pesetas em regra para ao outro lado da fronteira se abalançarem. Por cá, nas praças da nossa santa terrinha, a tourada vai continuar.

Solilóquio

«Pécora»: mais 4 dias em cena

A pedido do público, a Comuna prolonga, até ao fim desta semana (domingo dia 8), a carreira da peça que há 5 meses consecutivos tem vindo a ser representada, com lotações esgotadas, constituindo um dos maiores êxitos deste grupo, em 18 anos de actividade. «A Pécora», uma peça original de Natália Correia encenada por João Mota, tem música de José Mário Branco e figurinos de Carlos Paulo, e é interpretada pelo elenco habitual da Comuna.



As estrelas que não caem

Em relação ao cinema americano também a história reza de revolucionários, de iconoclastas e de «ateus» militantes. Passaram-lhe certidões de óbito inúmeras vezes. A primeiro, quando a televisão surgiu a sugar à escala mundial o mercado das imagens. Depois, quando a cultura europeia pensou - ingenuamente - poder aniquilar a «invencível armada». Quanto aos revolucionários, ou morreram ou aterraram em Hollywood, e quanto aos detentores de pretensos monopólios culturais, repete-se o fenómeno já anteriormente observado: depois de Picasso já não seria possível pintar mais; depois de Beckett, ninguém ousaria meter-se nos campos da dramaturgia; depois de James Joyce, o género literário romance ter-se-ia esgotado. O certo é, que tudo voltou ao mesmo, ao ponto de partida, os génios foram sendo esquecidos e os ídolos substituídos por outros.

O George Lucas, em 1977, foi dos primeiros e dos mais notáveis realizadores a ressuscitar o cinema de Hollywood. O seu filme «Guerra das Estrelas» ocupa hoje ainda um lugar cimeiro nos detentores de recordes de bilheteira de todos os tempos. Visto à distância de mais de uma década, parece a reedição do ovo de Colombo, mas o certo é que, antes de o tema das «estrelas» ser abordado, qualquer crítico profético cairia no ridículo supremo se prognosticasse ao tema das guerras espaciais sorte e ventura.

Estamos a abordar o tema do filme «O Caminho das Estrelas» ontem exibido tardiamente. E a primeira conclusão a tirar diz respeito à mitologia: afinal também ela tem direito a uma Renascença, a italiana do século XV e seguintes não esgotou a fórmula. Depois, é a atracção do espaço cósmico, e também aqui, as «urbanizações» destinadas a deuses e mistérios voltam a aliciar o consumidor normal. As guerras clássicas cederam o lugar às fantásticas, mitológicas e de pura evasão. E talvez seja lícito acrescentar um terceiro aspecto: a genuína fé *made* in USA, não pode dar-se ao luxo de ser esquecida. Se políticos e economistas fazem periclitar a taxa do dólar, se existem ameaças económicas vindas doutras bandas, o único caminho que resta é em direcção às estrelas - seja o que Deus quiser, mas é deles que nos virá a salvação. Seria relativamente fácil fulanizar o problema, americanizando-o: o sonho americano, a realidade americana na disputa do lugar cimeiro. Mas não podemos ser tão ingénuos. Primeiro, porque os americanos também já chegaram ao sonho, e quem diz sonho, pode perfeitamente escrever Lua. Depois, porque as estrelas do espaço não têm fronteiras nacionais. E finalmente, porque o público europeu goza que se farta e consome que se farta as estrelas vindas de Hollywood. São estrelas que não caem - o mercado é que manda -, estrelas da nostalgia, onde as guerras são lícitas, estrelas onde não é pecado acreditar.

José Sousa Monteiro

Quem quiser que os procure, porque tocar cá eles não vêm. São grupos e solistas ligados à Knitting Factory, nome de um bar com sala para concertos situado em Nova Iorque que, estranhamente, se tornou num empório das alternativas. Os discos que os revelam estão aí, em dois volumes de antologia que importa conhecer

DISCOS

As músicas de Gomorra

Agora que se anuncia a digressão de um programa da Knitting Factory pela Europa (atenção aos nomes, que Lisboa não verá: os Rootless Cosmopolitans de Marc Ribot, Jazz Passengers, Curlew, Myra Melford, a Sonny Sharrock Band, Miracle Room e Bosho, ou seja, uma fatia razoável do *underground* de Nova Iorque), chegam aos nossos escaparates alternativos os dois volumes já editados da colectânea que aquele bar *downtown* se resolveu a produzir em continuado, mediante um acordo com a A&M. Intitulam-se, simplesmente, «Live at the Knitting Factory» e esclarecem-nos bastante sobre o que se passa por aqueles lados.

Não poderemos assistir aos concertos, mas os discos aí estão, em versões CD e vinil, importados pela Contraverso. Da Knitting Factory já se falou nestas páginas, quando se aventava a hipótese de alguns grupos que foram projectados no seu palco virem até cá no contexto de um ciclo. Apontámos, na altura, quão extraordinário se revelou o sucesso desse pequeno local com vocação para divulgar as experiências musicais «fora do circuito».

Tanto assim que no curto período de dois anos a Knitting Factory conseguiu criar o seu próprio mundo, impor-se como a imagem de marca de um magma de músicas que actualmente explodem na *big apple*, lançar-se em cavalgadas maiores que a fizeram incluir nas programações do rei dos festivais de *jazz*, George Wein, ou abrir uma estação de rádio para divulgação do que acontece todas as noites no número 47 da East Houston Street, gravar em disco algumas selecções e, como se não bastasse, encetar um projecto de exportação, com espectáculos além-Atlântico. Coisa rara, única mesmo.

Michael Dorf e Bob Appel, dois cidadãos da Babilónia

Assim se prova que não ter dinheiro não obriga à inércia. Michael Dorf e Bob Appel, os mentores da Knitting Factory, são os responsáveis pelo fenómeno, já com repercussões portuguesas: foi lá que os «novos» Telectu gravaram o seu último trabalho, durante um concerto bem recebido.

Ora bem, os volumes em questão têm a vantagem de todos os «samplers», são multifacetados, variam, congregam, elucidam-nos sobre o leque de práticas que caracterizam a presente cena nova-iorquina. E como os temas e músicos contemplados não se encontram dispostos ao acaso, mas em blocos cujas associações se tornam evidentes, dir-se-ia que se trata de uma antologia, e uma antologia, necessariamente, sobre a cidade de Nova Iorque.

Nenhum texto acompanha as duas produções, com certeza porque não se pretendeu conceptualizar algo que é mais cativante deixar no estado natural em que se encontra. Não há outra intencionalidade senão a que resulta óbvia, designadamente documentar e ilustrar uma função e uma realidade musical específica. As unidades, nestes volumes de «Live at the Knitting Factory», não são construídas; se as confluências existem dão o contorno à actualidade musical, e se algumas originalidades são declaradas é porque, ao contrário dos pessimismos vigentes, ainda há espaço para a inventividade.

Estes são objectos imprescindíveis a qualquer estudo musicológico sobre as tendências contemporâneas, constituindo o exemplo mais cabal de uma determinada condição da música enquanto elemento da cultura urbana.

O eclectismo deste tempo musical, a relativização dos géneros, a equivalência estilística perante os critérios do gosto, indícios - diz-se - da pós-modernidade, estão aqui representados por inteiro. Cabem com toda a justificação o *jazz* meio *funky* dos Curlew, não muito particularmente arrojados mas com a calibragem que parece normalizar muitos dos sons de Nova Iorque, como também a irreverência *off-off* dos Bosho, banda influenciada pela imagética nipónica (a vocalista, aliás, é japonesa, Kumiko Kimoto).

No primeiro volume tem uma importância maior, porém, uma «Decomposer by a Neck», peça dos Jazz Passengers em que o *bop* tocado tem uma aura hipnótica e surrealizante, sendo o grupo, adiante-se a quem não sabe, os Lounge Lizards sem John Lurie. «Harkening», do excelente trio constituído pelo violinista Mark Feldman, o contrabaixista Mark Dresser e Nels Cline, na guitarra, apresentando uma sonoridade muito próxima da música de câmara, é outro dos momentos notáveis, assim como o tema incluído dos Hansundtom, em que são intervenientes uns exploratórios e ágeis Tom Cora e Hans Reichel.

Os Scanners de Elliott Sharp (já uma legenda, este guitarrista), David Linton e o ex-Brand X Percy Jones são igualmente interessantes, com referências ao *thrash*, batida rítmica que parece ser a última tentação dos «vanguardistas» americanos. Menos satisfatórios parecem os Miracle Room em «Open Heart» e a festa da pizza de Alva Rogers, elos fracos que o segundo volume, mais satisfatório no seu acabamento, não repete.

Se o modelo fora antes o das *guitar bands*, a heterodoxia torna-se maior, com o recurso a outro tipo de instrumentos, da percussão electrónica à flauta bansuri: as consequências são ainda mais gratificantes, é menor a polarização em determinados dados que temos como adquiridos, e os objectivos mudam da simples divulgação para a mostra de propostas de peso.

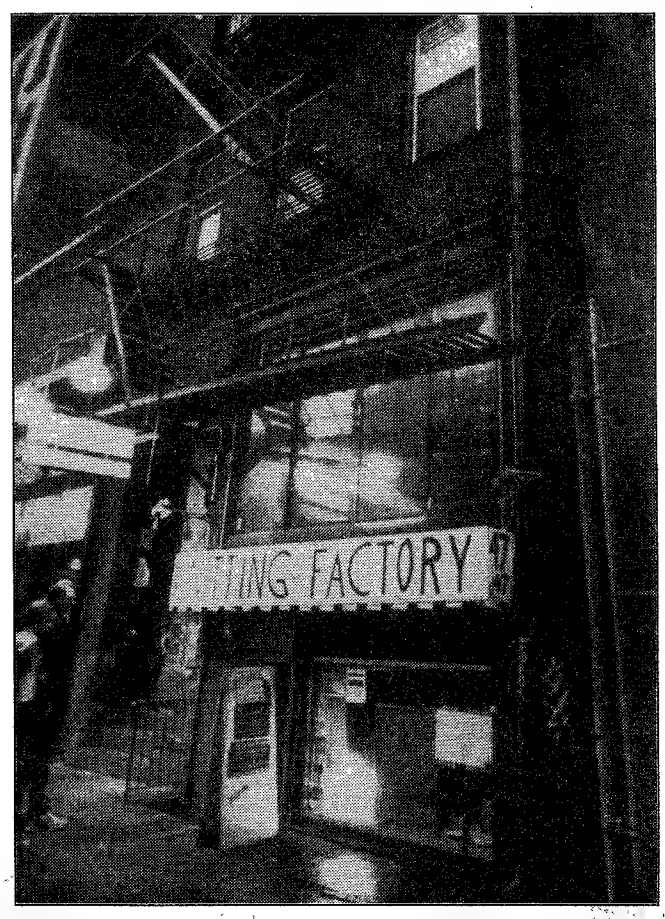
Agrada sobremaneira a interpretação que Gary Lucas faz com inteligência, interventivamente, numa americaníssima «national steel guitar», em versão *country blues*, de «Ghosts», composição de Albert Ayler. Ouvimos o tema transformar-se em algo de diverso, capacidade metamorfoseante que também se repete em «Some Kind of Blues», com o piano de Myra Melford. Fundamental é a participação de Ikue Mori (mais uma japonesa), Fred Frith e Mark Dresser, que podemos classificar como maneirista, no bom sentido. Não muito mais, porém, do que a do duo entre Christian Marclay, o génio das manipulações com giradiscos, e Samm Bennett em «Silver Lining», chegando a efeitos indubitavelmente mais felizes do que a inclusão deste baterista na faixa com o grupo Chunk, audível, positiva, mas sem rasgos. Adiante, o solo absoluto de Joey Baron, conectando a electrónica à percussão, é provocatório, ambíguo, cativante, mas falta-lhe alguma substância.

E se a utilização de uma velha canção de Hendrix, «Foxy Lady», pelos Odd Job, óptimo colectivo orientado para o *avant-rock* em que mais uma vez aparece Bennett, é a desculpa para uma sua recriação e remontagem com aquele extra de próprio e perspectivo, já Sonny Sharrock se afoita a um *rock* banal e fácil que não merece outras considerações para além daquelas que a emocionalidade do instante da audição faz, efusivamente, manifestar, mas que é, também, uma faceta da música que vai parar à Knitting Factory.

A grande surpresa da colectânea vem no fim, com um quarteto liderado por Glen Velez dedicado às expressões étnicas. As raízes não as vislumbramos, dados os cruzamentos vagamente sugeridos que nos remetem para o Norte de África, o Pacífico e o Oriente, mas a autenticidade não é menor por isso - são as músicas do mundo, para mais, que fazem o cosmopolitismo.

Aliás, é de cosmopolitismo que se trata. A Knitting Factory é uma casa implantada bem a meio da Babilónia. Ou de Gomorra, porque o que ouvimos nestes dezassete temas é bem uma bacanal de música. Se hora e meia depois do início da operação que é ouvir estes dois discos fica, ainda, uma dose de insatisfação, é porque a tarefa não foi completada. Até ao volume três...

Rui Eduardo Paes



A Knitting Factory: como se vê não é uma fábrica, mas um barzinho

VESTUÁRIO EM CABEDAL

COM AS MELHORES PELES

CONFECÇÕES STAHL, LDA.
AV. MARQUÊS DE TOMAR, 68-1.º, ESQ.
☎ 77 11 58 – 1000 LISBOA

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
1.º Juízo
AVISO

O Doutor Jorge Paixão Pires, Juiz de Direito da 3.ª secção do 1.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa.

FAZ SABER que nos autos de Acção especial de Reforma de títulos, com o n.º 4768 em que é autor — Alexandre Marques Alegria, casado, reformado, residente na Av. dos Bombeiros Voluntários, 39-6.º — Dt.º — Lisboa e requeridas a Sociedade Gestora do Fundo de Investimento Imobiliário — FUNDIMO, SA, e Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, a primeira com sede na Av. Casal Ribeiro, 12-5.º e a segunda no Largo do Calhariz, 20, ambas em Lisboa, foi designado o dia 14 de Maio próximo pelas 14.30 horas, para a conferência a que alude o art. 1069.º n.º do C.P.C., convidando-se, por este meio, qualquer pessoa que esteja na posse dos títulos que abaixo se descrevem a vir apresentá-los neste Juízo até ao dia designado para a conferência.

TÍTULOS EXTRAVIADOS

Título ao portador n.º 190208-3 de 1000 unidades de participação no Fundo de Investimento Imobiliário «FUNDIMO».

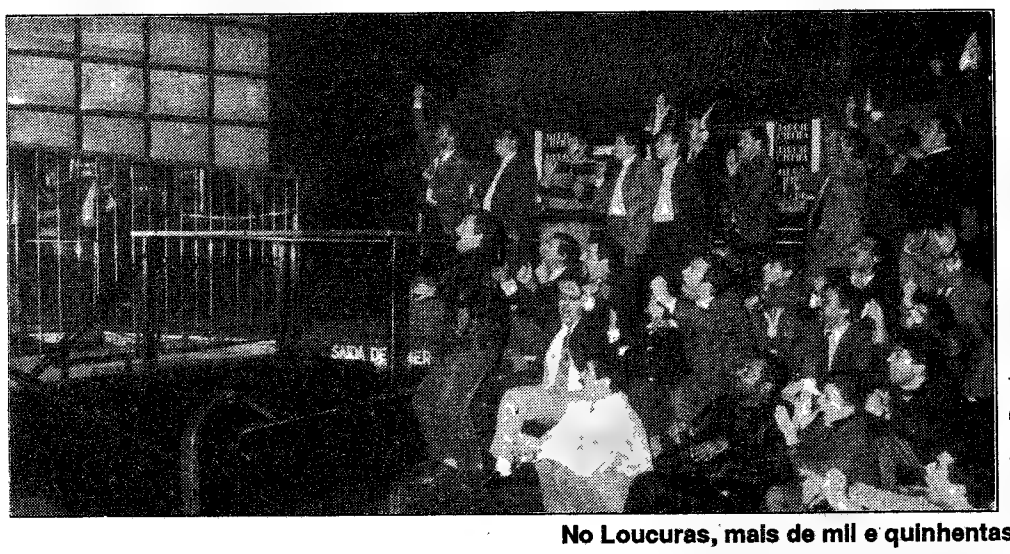
Lisboa, 2 de Abril de 1990.

O Juiz de Direito,
Jorge Paixão Pires

O Escrivão adjunto,
Vítor Fernandes Dias

DL 1.ª Pub. 5/4/90

DESPORTO



Francisco Paraíso

No Loucuras, mais de mil e quinhentas pessoas loucas com o golo do Benfica

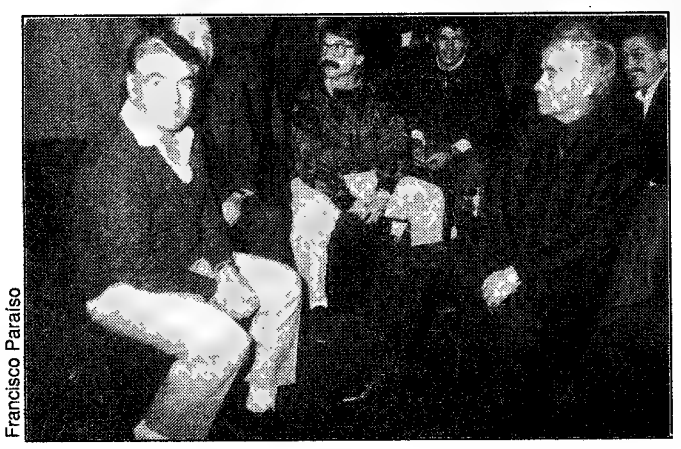
Chiu ! Está o Benfica a jogar!

Uma hora antes da coisa começar, a Rua Sésamo e o Nicolau Breyner serviam de aperitivo. A um canto da sala, os matraquilhos propunham um desactualizado Benfica-Sporting de que os presentes ainda se mostravam menos interessados do que daquilo que a televisão ia mostrando.

Era o «Loucuras», a meias com a TSF, a criarem um «pequeno terceiro anel». Um anel repleto meia hora antes do jogo começar.

Na primeira vez que a iniciativa ocorrera, as bancadas de S. Bento tinham ficado vazias. Ontem, os políticos escasseavam, embora houvesse gente conhecida. Dos jornais e da rádio, velhas glórias da bola: Juca Jordão, José Henriques, outros que fizeram várias épocas, mas não marcaram época.

Surpreendentemente, quase ninguém (com excepção notória para o repórter fotográfico do «DL») aparece de encarnado. Um ou dois cachecóis emblemáticos, toda a gente preocupada com o que fazer às gabardinas e aos chapéus de chuva e uma criancinha, provocatoriamente vestida de camisola verde, a necessitar de ir à casa de banho de cinco em cinco minutos... As mulheres escasseiam, o que é normal até mesmo na Assembleia da República.



Francisco Paraíso

Roda de benfiquistas: Mário João, Vítor Martins e Ângelo

Na rádio, os locutores esfalfam-se a dramatizar o que ainda nem sequer chegou a acontecer. A TSF voltou a furar as determinações ministeriais e está a transmitir em cadeia com não sei quantos postos até à África do Sul. A Televisão, agora passa imagens de uns bichinhos como euro-aperitivo. Lamentavelmente, falta a águia.

Francisco Paraíso

Um terceiro anel na rua, diante de uma montra com televisor

Francisco Paraíso

Ambiente tenso na sede encarnada

Vocabulário escasso

Do lado de cá do ecran, o desafio decorre com uma grande monotonia de expressões: um ah a significar esperança; um eh a querer dizer que alguém (o adversário) está a exagerar; um ih a manifestar despeito; um oh de desespero perante um golo falhado; um uh de apupo, normalmente ao árbitro. Fora disso, uns aplausos e uns assobios, que, nos tempos que vão correndo, tanto servem de aplauso como de pateada.

Já lá vão uns dez minutos, quando a sala estoira em aplausos, o bar esvazia-se (as bebidas eram por conta da casa) e volta-se a aplaudir, segundos depois, quando a RTP passa o *replay* do golo do Benfica.

A emoção vai alta. Até se houve nos altifalantes o pedido habitual. «Há algum médico na sala?» Meia dúzia de minutos depois, o esfuziante ambiente «baixa a bola». Os outros tinham marcado e ainda iriam repetir a proeza. Os outros, provavelmente, têm nome e são onze à mesma, como os nossos, mas os locutores parecem só saber os nomes dos «bons», dos nossos. Respeitosamente, como convém, o árbitro é sempre o senhor qualquer coisa, enquanto que às vedetas que fazem o espectáculo se trata familiarmente pelos nomes próprios, até pelas alcunhas.

Ambiente crítico

A segunda parte do encontro, vimo-la na sede do Benfica. Uma centenas de pessoas, contra o milhar e meio que enchia o Loucuras. Inesperadamente, muito menos emotivos. Silenciosos, quase. Abertamente críticos. Comentários de ordem técncica: «A nossa defesa está distraída.» «A defesa, não, é aquele gajo que não dá uma para a caixa!» «Não conseguem segurá-los, pá !» «Eles também estão a marcar em cima.» «Bolas, não aproveitam sequer as desatenções dos outros.» Um ambiente muito crítico. No final do jogo, menos severo: «Não foi mau, mas podia ter sido melhor.»

E a Lisboa que estivera suspensa até quase às 9, precipitou-se para beber uma cerveja, a correr para casa a apanhar os restos do jantar, a buzinar nas ruas, até então vazias para grande prazer de Jorge Sampaio.

Roby Amorim

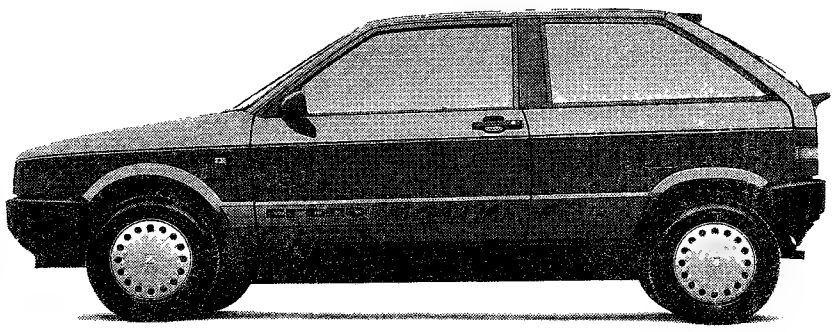
Finais à porta

Taça dos Campeões
Marselha (França)-Benfica (Portugal) 2-1
Milan (Itália)-Bayern (RFA) 1-0

Taça das Taças
Mónaco (França)-Sampdoria (Itália) 2-2
Anderlecht (Bélgica)-D. Bucareste (Roménia) 1-0

Taça UEFA
Werder Bremen (RFA)-Fiorentina (Itália) 1-1
Juventus (Itália)-Colónia (RFA) 3-2

SEAT IBIZA
DESDE
1.099.000 ESC.*



* Versão Ibiza Street

MAIS POR MENOS
SEAT
Grupo Volkswagen
Importador exclusivo: SOCIEDADE HISPÂNICA DE AUTOMÓVEIS, S.A.
Encargos anuais globais de 97.363 a 195.183 Esc. Base: 15.000 Km/ano Janeiro 1990
Ayer
RECOMENDAMOS PRODUTOS

GARAGEM VICTÓRIA, Automóveis, Lda.
Lisboa • Rua Nova de S. Mamede, 38-A • 1200 LISBOA
Telefs. 65 81 31/2/3/4/5/6 • Fax 60 34 12 • Telex 13371 GARVIT P
Cascais • Av. 25 de Abril, 901, R/C Esq. • 2750 CASCAIS
Telefs. 284 73 92 – 284 74 17 • Fax 284 74 42

Marselha, 2-Benfica, 1

Sorte em França traz esperança para a Luz

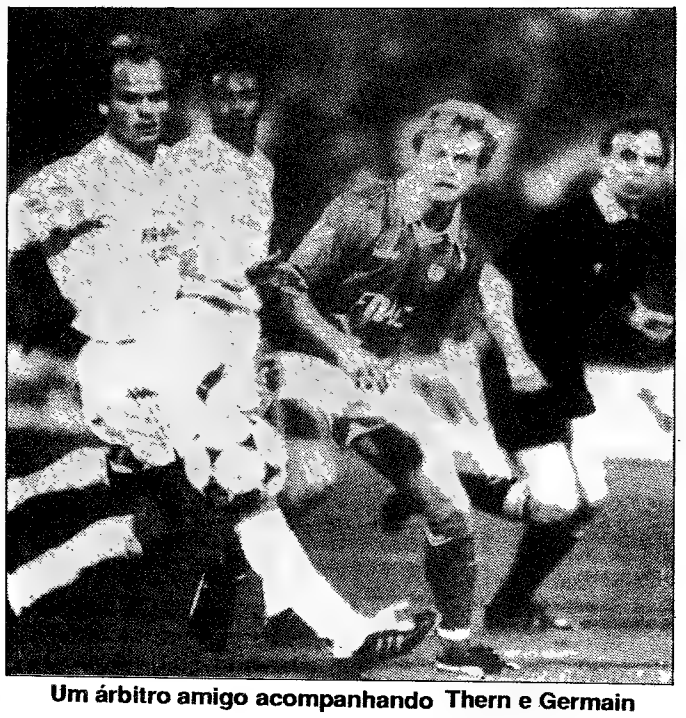
Do nosso enviado especial

Se o Deus benfiquista não é português, mora em Inglaterra. Ou, pelo menos, veio na noite de ontem até Marselha, para evitar aquilo que poderia ser tremendo descalabro rubro na esgrima com o Olympique. É que, juntando um chuto de Waddle que esbarrou na trave superior e um disparo de Papin que voltou perto do remetente depois de ter sido afastado pelo poste, veio a benévola e altamente encorajante arbitragem de George Courtney que, fazendo vista distraída a uma dupla de faltas rubras na área de extremo rigor (mais evidente a de José Carlos que a de Ricardo), ainda teve tempo para emendar a mão e, depois de ter mostrado *o cartão ictericia* a Veloso, ainda mal se cumprira a fase de apresentação dos artistas, num instante em que nada ainda o admitia, poupou mais tarde o «capitão» português a uma expulsão, quando os nervos já comandavam mais que a sensatez e a serenidade, o entrechocar de emoções. Portanto e para começar: Courtney pode vir passar férias a Portugal. A confraria paga a despesa.

Ora bem: se o árbitro foi amiguinho, se a velha ligação com a loura Albion vai resistindo aos tempos e, como na noite marselhesa, acertando o passo, porque é que o Benfica retirou de terras francesas derrotado pelo tal Olympique que (como se escreveu) *«não tinha fio de jogo e vivia de iniciativas pessoais dos melhores intérpretes»?* Apenas e só porque o jogo foi esquisito, de tantas faces divergentes, com tais alternantes de flutuação, que (para quem viu o somatório de oportunidades para desvirtuamento das virtudes dos dois guarda-metas) bem podia ser hoje espanto para os amadores de estatísticas. Isto porque, assim e de uma assentada, não apenas o bloco que defende Marselha podia ter feito quatro ou cinco golos como, do mesmo modo, esse «placard» poderia ser português se bem anotarmos as duas incríveis perdidas pelo ainda menino Hernâni (que não conseguiu juntar remates de erguer arquibancada ao belíssimo trabalho rubricado no Estádio Velódromo) mais aquele outro momento em que a bola, perfeitamente ao alcance de Valdo, com dois benfiquistas esperando o passe que seria mortal para os tricolores, foi displicentemente atirada para corte pela cabeceira.

Assim, fica imediatamente feito o espelho da partida: golos perdidos em série, árbitro espantosamente nada caseiro, dois castigos máximos que ficaram por assinalar contra os portugueses, a esfera preferindo mordiscar o arco de Silvino sem procurar o exacto caminho para a mina, três ou quatro vezes mais o corredor escancarado porque é notória a falta de condição de José Carlos e, subitamente, nem o trivial de Aldair ou o comum de Ricardo tiveram ganas para acompanhar Veloso, soberbo e impressionante em todo o trabalho que firmou com indómita vontade de bem cumprir e dar o exemplo aos seus comandados.

Numa síntese: não fora Silvino a redimir-se de um possível golpe de confiança anterior e Veloso ter continuado em plano de tão alto conceito que ninguém o desdenharia na sua melhor equipa e, com um pouco de calibragem, os



Um árbitro amigo acompanhando Thern e Germain

marselheses conseguiriam um «score» que faria espantar a Europa. Todavia, se, do mesmo modo formos recordar os três instantes em que Hernâni e Valdo não nos deram alegria suficiente para alinharmos em ovação de luxo, fica feita a leitura do duelo: com um guardião (Castaneda) que é do mais medíocre que se possa encontrar em alta competição, o Benfica não chegou aos píncaulos da glória porque (francamente) esteve desastrado, talvez ainda deslumbrado porque muito cedo colou o couro ao fundo das malhas francesas e, vendo que o *camisola* um dos outros parceiros era um bombom, dos que só aparecem na cesta natalícia, esperou que o calendário fosse disparando para os céus porque tempo para mais golos viria pela frente.

O tal canal

Todavia, aconteceu que os marselheses não deram tempo para se saborear o petisquinho de Lima e, ainda antes da ida ao balneário, fizeram dois tentos: se, ainda a malta estava a acomodar-se na plateia, o pontapé de canto marcado por Valdo reduziu a cisco Castañeda e foi convenientemente aproveitado pelo companheiro amante do violão, vieram duas assarapantantes falhas da tal defensiva rubra que estava de candeias às avessas com a sua validade e foi um virar de moeda. Simplesmente, assim mesmo e em talhe de foice, aconteceram tantas «chances» para novos tentos nas duas bandeiras que nada espantaria acorrentar para a memória dos tempos um desfecho histórico. Coisa como 5-4, 6-5, números de apenas espantarem quem não viu o espectáculo que determinada rádio de âmbito regional pretendeu circunscerever ao seu alvedrio, para depois ter de enfiar a conversa no saco e, para além de uma promoção que lhe pode custar os olhos da cara em matéria apreciativa de quem futuramente for tentato pela «exclusividade» de serviços e notar que está a ser embarrilado sem sequer uma palavra para disfarce de terreno cheio de covas, ainda granjear a antipatia dos colegas.

Adiante, porque o leitor sabe o que aconteceu:» uma emissora da cintura da capital resolveu, de um instante para o outro, apresentar carta de alforria ou gritar o seu Ipiranga, talvez porque conta nas suas hostes servidores da **da banda di lá. Ninguém mais pode relatar para Lisboa e sua cintura o Marselha-Benfica sem nossa expressa autorização,** foi proclamado aos ventos. Contudo, quando a poeira aterrou, todo o conclave foi forçado a rir à gargalhada: não apenas o «show» foi atirado para os ares por 21 emissoras (de cá até viajou para Marselha a estação de Almeirim) como, para cúmulo e enquanto as mais credenciadas tiveram direito a cabine e apoio técnico, a citada Rádio que se erguia em bicos de pés foi obrigada a alinhhar numa esplanada, sem qualquer tratamento de vipe e, fatalmente, encolhendo as garras que se transformaram em pedaços de seda.

O tal fax

Aliás, foi fértil em casos estranhos, este confronto uefeiro que reuniu campeões futebolísticos de França e Portugal. Se não bastasse ter ficado colocada em circulação a bandeira de uma estação que se apregoava dona dos direitos de transmissão, também aconteceu aquela do forjado fax supostamente assinado pelo expresidente portista Alexandre Magalhães ter sido endereçado ao chefe do executivo benfiquista exortando os seus atletas e criticando *a divisão do país entre Norte e Sul.* Apenas um sujeito minimamente informado poderia, após cuidada análise do documento, imaginar que uma personalidade que está em litígio aberto com os comandantes da nau portista se atreveria a deitar achas numa fogueira feita dentro da sua casa. Certo que a Comunicação Social, recebendo a fotocópia do fax que tinha sido remetido ao Benfica, fez o seu dever: transmitiu-o aos companheiros de leitura. Contudo, o desmentido veio rápido: Alexandre Magalhães nada teve a ver com um texto remetido da Maia para Marselha em que, quase fora do capote, se salpicava de picardia um palco onde muita coisa ainda estará para serpentear à luz do dia. Logo e de imediato: quem forjou as maquiavélicas doze linhas que voaram de Portugal para França pode considerar-se (desde já) numa posição pouco cómoda perante o olhar público.

A tal forcinha

Mas o que mais interessa agora é lembrar que o joguinho no Velódromo teve um tempo inicial que fez ondular pelos dois esquadrões o sinal de vitória, o toque de clarim que não permitia entorpecimentos ou sonecas. E quando se chegou ao interregno, quando as duas formações foram até ao arquivo refrescar a memória e se soube que não haveria controlo antidoping, pareceu que até os mortos ressuscitaram. Esta madrugada, no avião que nos trouxe de volta a casa, dizia-nos Hernâni:

— O Tigana, que deve ter mil quilómetros de futebol em cada perna, passou a desfilar por mim como se andasse de moto!

Foi mesmo: que estranha força foi inoculada nos empregados do multimilionário Bernard Tapie, que espantosa revitalidade a medicina autori-

assim vai o totobola

Penalti: 22X 112 121 2121; Jornal da Beira: 22X 11X 11X 11X1; Cardeal Saraiva: 222 21X 122 X12X; Algarve Desporto: XX1 211 12X 12X1; Ronda Desportiva: 2XX 111 12X 1XX1; Correio de Coimbra: 221 X1X 1X2 X1X1; Correio do Vouga: 22 1XX 1X2 X111; A Defesa: 2XX X1X 1XX 12X1; Defesa de Espinho: 221 11X 11X 11X1; Diário de Coimbra: 22X 11X 1XX 1X11; O Diário: 221 11X 11X 1X11; Diário de Viseu: 221 112 1XX X121; Nova Antena: 2X2 X11 X2X X112; Folha do Domingo: 22X X11 112 2X11; Ecos de Cacia: 221 1X1 1X2 1X11; Eu Sei Tudo: 22X 111 112 XX21; O Jornal de Felgueiras: 22X X1X 1XX XX11; Jornal do Fundão: 22X X1X 1X2 1X11; Jornal de Gaia: X21 112 1XX XX11; Rádio Guarda: 221 11X 1XX XXX2; Jornal da Graça: 221 111 1X1 X1X2; Rádio Totobola: 22X X1X 1XX X1XX; Linhas de Elvas: 221 11X 112 1111; Maria da Fonte: 221 X1X 1XX X121; O Mensageiro: 221 X12 121 XX12; No Estúdio e no Estádio: X21 X1X 1XX 111X; Notícias de Chaves: 21X 1XX 122 12X2; Notícias de Felgueiras: 22X X1X 1XX XX11; Notícias de Gouveia: XX1 111 122 1221; Notícias de Guimarães: 222 X1X 1XX 1X21; Notícias de Viseu: 22X 11X 121 2121; Quadrante Norte: 22X X1X 1XX 1111; Bom Dia: 22X 11X 1XX 2121; Resenha Desportiva: 221 11X 11X X1XX; RR/Desporto: 221 111 111 2XX1; Bola Branca: 22X 111 1X1 X12X; Frente Desportiva: 2X1 X1X 112 X1X1; A Voz do Domingo: 221 X1X 1XX X111; Voz de Lamego: 22X X11 11X 2121; A Voz dos Ridículos: 2XX 1XX 11X 1111; Desporto/Rádio Guarda: 221 1X2 X1X 111X; Contacto: 22X 11X 222 2XX1; Encontro Com a Manhã: 221 1X1 1XX XX12; Meia Tarde: 22X X12 XX1 X121; Convidámos Para Lanchar: 222 2XX 111 1XXX; Tarde Desportiva: 22X 1X1 122 XX2X; Livre e Directo: 2X2 11X 1X1 X121; Um Caso Por Semana: 221 1XX 2XX 1X2X; Foi Notícia: X21 11X 12X 2221; Desporto e Música/Rádio Covilhã: 222 212 112 X221; Cultura e Recreio: X22 11X XX2 1221; De Tudo Um Pouco/Rádio Covilhã: 22X X1X 1XX 1211; Alvo Suplemento: XX2 2XX 1X1 22X1; Rádio Alvo: XXX X11 122 12X1; Alvo Desportivo: 211 11X 1XX 1111; Alvo: 221 11X 111 XX11; Diário de Lisboa: 221 X12 11X 211X; Semanário da Região Bairradina: 221 X1X 122 1XX1; Litoral: 22X XX2 112 2X21; O Algarve: 221 X1X 1X1 2221; Jornal de Sintra: 22X X12 121 X1X1; O Almonda: X2X 21X 112 X22X; O Comércio de Leixões: 111 X1X 11X 2X2X; O Comércio de Leixões/Desporto: 111 X1X 11X 2X2X; Jornal de Notícias: 22X 11X 11X X1X1.

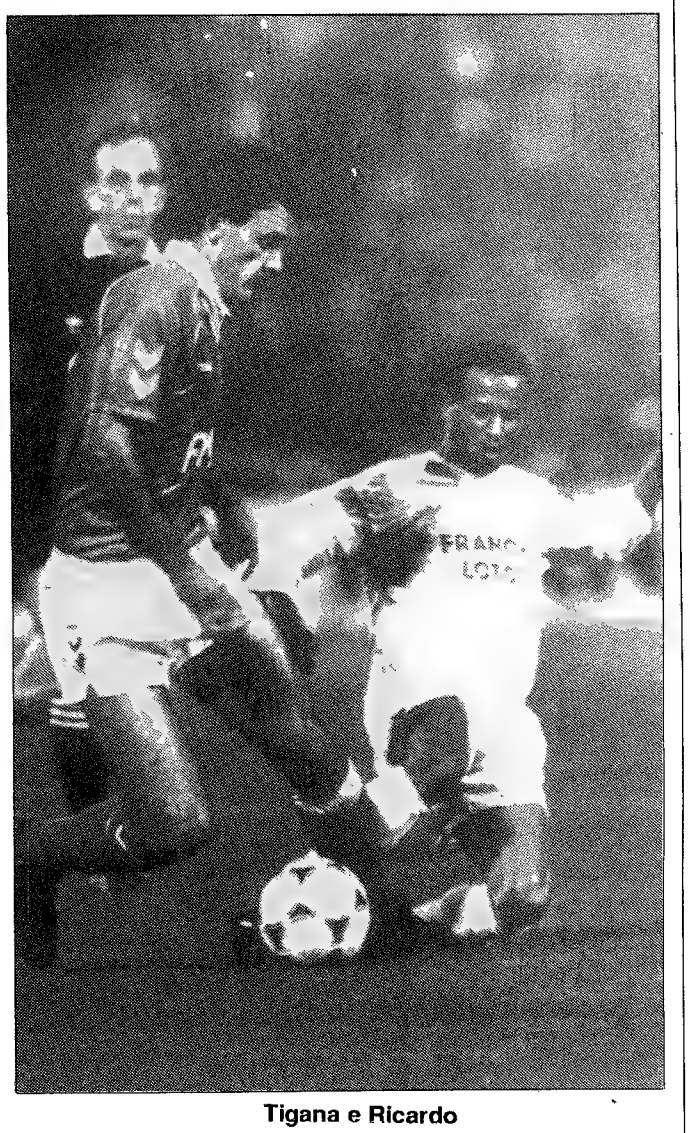
PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 14/90 DE 8 DE ABRIL DE 1990

	RESUMO 1	X	2	BOLAS (a) 1	X	2
1. Tirsense - Porto	2	9	54	1	1	10
2. Marítimo - Benfica	4	10	51	1	2	9
3. Belenenses - Guimarães	30	27	8	6	5	1
4. Chaves - Setúbal	33	26	6	6	5	1
5. E. Amadora - Beira Mar	54	11	0	10	2	0
6. U. Madeira - Nacional	14	41	10	3	7	2
7. Boavista - Penafiel	59	4	2	10	1	1
8. Feirense - Portimon.	21	29	15	4	6	2
9. Braga - Sporting	13	33	19	2	6	4
10. Rio Ave - G. Vicente	24	27	14	4	5	3
11. Águeda - Académica	30	24	11	6	4	2
12. Caldas - A. Viseu	12	20	23	2	5	5
13. Louletano - Torreense	46	13	6	9	2	1

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ: 221 11X 1XX X121

Golo do Benfica: a alegria durou pouco



Tigana e Ricardo

zada e competente já consegue que (de um instante oara o outro) dá vida e energia a um trôpego ou a um atleta em queda no tapete? Essa é a incógnita que, esperamos, um dia as competentes fontes analisantes nos poderiam fornecer.

Para uso local, é evidente.

O tal sujeito

Falámos de Bernard Tapie e importa dizer de quem se trata. O cidadão que não terá mais que 40 anos, é o todo poderoso de Marselha, porto de mar com permanentes entradas e saídas das mais desvairadas gentes. Não interessará saber como construiu o seu império: apenas se sabe que, para além de se declarar potencial candidato ao Eliseu, é patrão, chefão e sherife do Olympique de Marselha, o clube em que alinhou o bem querido ex-leão Hector Yazalde, que detém ainda o recorde de golos europeus num só campeonato, desses tempos em que o Sporting escrevia proezas bonitas.

Pois monsieur Tapie, que tem quarteirões de casas, mil e um negócios de todas as cores, poderosas e tentaculares ligações a diferentes mundos, quando veste a pele de presidente do Olympique continua a ser demasiado dono do seu nariz e funcionar em outra galáxia elevada milhões de anos do vulgar consumo de luz. Vejam só esta: proprietário de um fabuloso iate, que, na marina de Marselha é permanente espectáculo de deleite para o olhar, um barquinho branco com perto de 60 metros de comprimento e todas as comodidades e luxos, não levou para aí o tradicional jantar que as direcções dos clubes costumam realizar na véspera dos diálogos entre os seus emblemas. Evidentemente que ninguém pode discutir essa atitude: cada um é senhor de melhor agir como bem entender. Porém, ao enviar os homens do Benfica para um restaurante, não teve qualquer pejo em dizer a toda a gente: *só entra no meu barco quem eu quero. E lá só têm lugar os que movimentam tanto dinheiro como eu!*

Embatucou o auditório (imagine-se, por exemplo, as caras de Jorge de Brito e Marcel d'Almeida) mas o pior estaria para acontecer depois: não apenas Bernard Tapie chutou os directores benfiquistas para o anonimato da vulgar bancada como persiste em fazer a transmissão do jogo da 2.ª mão para a Europa apenas no francês Canal Plus (de que é dono absoluto), perturbando as lógicas e naturais negociações que o símbolo da Luz está fazendo com entidades desejosas de se difundirem na hora e meia de televisão que vai sentar-se na poltrona da sala de muitos milhões de europeus. Tapie, que não se furta a apresentar, na quotidiana programação televisiva do seu Canal Plus filmes da mais arrepiante e vergonhosa pornografia, de um inconcebível teor imoral, ainda quer chegar a presidente da República francesa à custa do Olympique de Marselha, não enveredando por atalhos. Por isso também contrapõe, ao anunciado prémio benfiquista (1750 contos para cada jogador em caso de triunfo na eliminatória) a módica quantia de 7800 continhos que podem individualmente contemplar os colegas de Waddle se atingirem a final uefeira.

Quanto ao espectáculo em Lisboa, a ver vamos: ou Tapie entra com 70 e tal mil para o Benfica ou terá de preencher o horário nobre da sua Plus com um filme sobre o modo como se atinge a fortuna. Falando (por exemplo) do tráfico de droga. O que pode ter a certeza está antecipadamente escrito: na Luz, toda a sua «entourage» ficará dispersa, um aqui, outro acolá, tal e qual como fez ontem, em Marselha, aos dirigentes benfiquistas.

O tal rapaz

Viram? Exactamente: o moço chama-se Waddle, tem 29 anos, corre como um gamo, tem futebol da cabeça aos pés, tão depressa finta e ilude como galopa em estilo de seta por aí fora. Foi ele quem abasteceu Jean-Pierre Papin de um lote de bolinhas a pedirem sossego e repouso na caixinha das angústias. Endoideceu toda a falange que lhe apareceu pela frente e, não fora Eriksson ter (uma vez mais...) feito apelo de última instância a Diamantino para entrar em cena e fechar aquele corredor e estaria o Benfica de monco mais caído.

Mas, além do fabuloso Waddle, o Olympique tem outras autênticas e indesmentíveis estrelas: Papin é um ratão que está sempre roubando o queijo nas barbichas do gato, Francescoli é do melhor que se encontra no mercado, Amorós e Tigana vão resistindo à corrosão do tempo, Mozer exerce o patronato e, bem vistas as coisas, apenas Castañeda é um funcionário menor naquela repartição, um guarda-redes que não guarda coisíssima nenhuma, edição ainda mais ampliada daquele mocetão do Honved que deu uma casa de todo o tamanho quando esteve defronte do terceiro anel.

O tal quarteto

Ora, se a equipa do Marselha mostrou qualidade e valia, adiantando que será muito difícil de ultrapassar, o Benfica (do mesmo modo) deixou vincado o talento de quatro pedras: Veloso, Hernâni, Paneira e Silvino, que estiveram muitos furos acima de um Valdo estranhamente sonhador com os ares mundialistas que o esperam em Itália, com um Thern que não tem mais que meio compromisso horário nas pernas, de um José Carlos ainda demasiado verde para as altas impulsividades, de um Aldair que (na nocturnaconversa de ontem) nem sequer foi capaz de contar uma boa anedota.

De facto, general Veloso, marechal Hernâni, almirante Paneira e comandante Silvino foram as traves-mestras que sustentaram um edifício onde Magnusson se ficou pela vulgaridade, Lima muito prometeu para adiar até segundas núpcias, Pacheco se mostrou afastado do raide-relâmpago que é a sua respecialidade, Ricardo andou aos altos e baixos, como que flutuando em ondas alterosas. Quer dizer: numa equipa com muitos pontos débeis, veja-se que Valdo se resignou à condição de coadjuvante do fiscal de linha (não arrancando da algibeira de Germain nem por um decreto) e Magnusson aceitou tacticamente o poderio que sobre si exerceu o valente Sauzée) num «onze» fragmentado no dorso, sofreu-se a bom sofrer quando daquele cataclismo marselhês presidiu a um sufoco que quase ía matando na arquibancada lusitana, sempre (e cada vez mais) vendo a frontaria do prédio a rasgar-se ante os estilhaços de uma granada de espoleta nada retardada.

O tal árbitro

Evidentemente que o jogo, embora durando apenas 90 minutos e tal, dava pano para mangas e larga conversação. Iria falar-se de Mozer não ter visto o rectângulo amarelo quando entrou de joelhada nas costas de Hernâni (tão amigos que eles eram...), de como corre por essa Europa que Valdo está comprometido com o Lazio romano, de como Courtney (lá porque gosta da gente) só não conseguiu marcar o tento da igualdade. Contudo, saltamos para a frente: daqui a duas semanas se saberá quem veste galas, ao cair da noite europeia, nesse infernínho rubro onde todos vamos ter no coração a palavra Benfica, a sorte de ontem é esperança de hoje.

Neves de Sousa

Ricardo não joga na 2.ª mão

Com arbitragem do britânico George Courtney, alinharam:

OLYMPIQUE DE MARSELHA: Castaneda; Amorós, Mozer, Sauzée e Di Meco (Vercruysse, 58); Tigana; Germain e Deschamps; Waddle, Papin e Francescoli.

BENFICA: Silvino; José Carlos, Aldair, Ricardo e Veloso; Hernâni, Paneira, Thern (Diamantino, 74) e Valdo; Lima (Pacheco, 64) e Magnusson.

Golos: Lima (10), Sauzée (13) e Papin (44). Cartão amarelo: Veloso, Thern e Ricardo, que, na 2.ª mão, não pode alinhar, muito provavelmente cedendo o lugar a Samuel, ficando Paulo Madeira como suplente de emergência.

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES
SOS CTC
OS PROFISSIONAIS DO SOM, TELEVISÃO E DO VÍDEO

Trabalhamos hoje com a tecnologia do amanhã, 27 anos ao serviço da Electrónica

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES, 24 h de atendimento

*Reparamos hoje, em sua casa, o seu **TV** ou **VIDEO***
Frota equipada com rádio-telefone, para maior RAPIDEZ e EFICIÊNCIA

☎ 899762 - 899826 - 8482786

Av. S. João de Deus, 13-B
R. de Macau, 8
LISBOA

Aconteceu em Portugal, no ano de 1989

Cerca de trezentos árbitros agredidos

Numa nota informativa emitida pela Repartição de Relações Públicas da Guarda Nacional Republicana, chegam-nos números preocupantes: no ano de 1989 foram registados 1342 incidentes ocorridos em recintos desportivos, apenas na área de jurisdição daquela corporação, dos quais resultou a agressão a 285 árbitros de futebol. A violência no desporto deixou de ser exclusiva dos países sul-americanos, da Holanda ou da Inglaterra. Porque vai galgando todas as fronteiras e a GNR revela que Portugal se encontra integrado nessa confrangedora realidade. Naturalmente que as principais vítimas do desvario selvático de uns tantos fanáticos do futebol são os árbitros, e a brandura com que os tribunais julgam este tipo de crime está longe de impedir o alargamento do caudal que vai alastrando um pouco por todo o País, com maior incidência no distrito do Porto (165 incidentes) logo seguido de Aveiro (84).

Os árbitros também não se isentam de culpas, não pelos erros de julgamento que cometem, mas porque, na maioria dos casos, declaram aos agentes da autoridade que não desejam procedimento criminal contra os seus agressores, num propósito que identificamos com o tempo ocupado com a tramitação processual.

Uma situação de «benefício ao infractor» e que constitui apetência para que o prevaricador venha a reincidir. Culpas também para os conselhos de arbitragem que deveriam decretar, junto dos seus filiados, a obrigatoriedade de, em caso algum e contra qualquer pretexto, deixarem os seus agressores fora da teia da justiça.

A informação dada pela GNR não deverá ser mandada arquivar.

Futebol nocturno poderá regressar

O presidente-adjunto da FPF, Ribeiro de Magalhães, revelou, no final de uma reunião de direcção, que será enviada esta semana para apreciação do Conselho de Justiça uma proposta de alteração ao regulamento sobre a realização de jogos nocturnos.

Caso a proposta de alteração ao regulamento mereça parecer favorável do Conselho de Justiça da Federação, entrará de imediato em vigor, interrompendo-se assim a proibição da realização de jogos nocturnos imposta na passada semana pela Direcção da Federação Portuguesa de Futebol.

Posteriormente a alteração ao número 103-09 do Regulamento de Provas Oficiais de FPF deverá ser votada pela assembleia geral da federação, sendo incluída nos estatutos caso mereça aprovação daquele órgão federativo.

Recorda-se que os jogos nocturnos foram suspensos após a «polémica» interrupção do encontro Vitória de Setúbal - Belenenses, referente aos quartos-de-final da Taça de Portugal, devido a uma falha de energia.

Ribeiro de Magalhães, que presidiu à reunião, informou ainda que durante o encontro da direcção da FPF, foi analisada a próxima visita a Portugal de João Havelange, presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA). Havelange deverá chegar a Portugal na manhã de sábado, tendo previsto durante a sua estadia, encontros com o Presidente da República, Mário Soares, o Primeiro-Ministro, Cavaco Silva e com o ministro da Educação, Roberto Carneiro.

Na próxima segunda-feira João Havelange deverá ainda almoçar com os presidentes das associações nacionais de futebol, encontro ao qual estará presente a direcção da federação e os presidentes de todos os órgãos federativos.

Sporting reorganiza-se

O projecto de estruturação e a reorganização do Sporting foi o tema em destaque numa conferência de Imprensa realizada ontem no Estádio de Alvalade.

Durante a conferência de Imprensa foi ainda revelada a criação de um gabinete de reestruturação e racionalização administrativa do clube, que funcinará sob dependência directa do vice-presidente para a área jurídica do Sporting, Soares Machado, tendo para ele sido nomeados José Manuel Roseiro, José Silvino Ruivo e Caldeira Santos.

Silvino Ruivo, representando a «Euro-Praxis», empresa autora do projecto de reestruturação, afirmou durante a conferência de Imprensa que «o Sporting possui recursos humanos e engenho para retomar a dianteira da actividade desportiva em Portugal».

Silvino Ruivo fez uma detalhada exposição do projecto, totalmente gratuito para o Sporting, e que aponta o aspecto da reorganização do clube, apontando soluções para a optimização de funcionalidade das várias secções e áreas de acção da colectividade «leonina».

A proposta prevê uma redução de apenas dois funcionários da área administrativa, expondo ainda a forma e a organização dos 76 trabalhadores dos sectores administrativos do clube.

O estudo apresentado por Silvino Ruivo consta ainda de um exaustivo relatório, elaborado por métodos científicos, e que indicam análises detalhadas do perfil dos funcionários administrativos do clube, elaborados a partir de testes de personalidade e comunicação efectuados aos trabalhadores.

Por seu turno, Sousa Cintra congratulou-se com o projecto, e apontou a «falta de imaginação e competência da anterior direcção do clube», que não soube aproveitar os serviços que já então a empresa lhe oferecia.

Valdo: aumento da procura

O Lazio, da Primeira Divisão do futebol italiano, confirmou o seu interesse no brasileiro Valdo, médio do Benfica e da selecção brasileira.

Segundo o jornal «Gazzeta dello Sport», as negociações para a contratação de Valdo estão de tal modo adiantadas que a concretização da transferência poderá acontecer ainda esta semana. Apesar dos dirigentes do Lazio haverem recusado comentar esta notícia, a verdade é que o jornal italiano cita fontes de informação bem relacionadas com o presidente do clube.

Valdo é igualmente pretendido pelo Bayern de Munique, Nápoles e Fiorentina.

Jogos de Almada: projecto em evolução

Com organização do Pelouro de Desporto, agora liderado pelo vereador António Matos (transitado de igual cargo que durante vários anos desempenhou na autarquia do Seixal sendo o grande dinamizador da Seixalíada) a Câmara Municipal de Almada vai realizar a 2.ª edição dos Jogos Desportivos do Concelho cujo começo (fase de cidade) está marcada para o próximo dia 20 prolongando-se até Junho, importante acontecimento, por alguns designado «Almada Sport», movimentará cerca de dez mil jovens na prática de 20 modalidades desportivas e conta com o patrocínio das 10 freguesias do concelho e de dezenas de colectividades e outras estruturas colectivas.

Os Jogos de Almada fundamentam-se no «*sentido de aprofundar o relacionamento entre os agentes desportivos e as autarquias do concelho, permitindo deste modo, rentabilizar os meios disponíveis e promover os apoios necessários ao desenvolvimento desportivo concelhio e promover a sistematização da prática do desporto, procurando ao mesmo tempo, harmonizar todas as formas da sua organização-desporto federado, popular e escolar — assegurando a importância do desporto para as condições de vida das populações*». No entendimento dos autarcas de Almada, esta iniciativa «*é de extrema importância para o desenvolvimento desportivo concelhio, através do qual as potencialidades desportivas serão testadas, o diálogo e convívio das populações será estabelecido e o espírito colectivo sairá reforçado*».

O vereador António Matos acompanhado do técnico Joaquim Marreiros mostrou ao «DL» o local onde começou a ser erguido o Complexo Desportivo, no Bairro Bento Gonçalves (Laranjeiro) o qual está orçado em 730 mil contos. A primeira fase que compreenderá um pavilhão (com capacidade para 3000 pessoas) e ginásios de apoio deverá estar concluído até Dezembro de 1991, seguindo-se, a execução das restantes estruturas com destaque para a piscina olímpica, tanques de aprendizagem, polidesportivos, «courts» de ténis, restaurante e outras instalações de apoio.

Segundo nos foi referido pelo vereador António Matos o concelho de Almada tem, neste momento, uma população de 270 mil habitantes distribuídos pelas freguesias de Almada, Cacilhas, Cova da Piedade, Laranjeiro, Costa de Caparica, Trafaria, Charneca, Sobreda Monte da Caparica e Pragal. No domínio das colectividades existem 110 (encontram-se licenciadas cerca de 300 associações voacionadas para dinamizar a actividade desportiva e cultural) e quanto a estruturas há muito que investir dada a insuficiência dos 25 polidesportivos e das duas piscinas existentes no concelho.

Apostar no desporto escolar, criar infra-estruturas, apoios às colectividades, promover acções de formação, sensibilizar os clubes para a livre iniciativa, são, entre outras, as prioridades «agendadas» no Pelouro de Desporto da CMA e o seu principal responsável (António Matos) defende que a autarquia «*deverá liderar o processo desportivo no sentido nobre*».

Almada pretende ser um «concelho de ponta» no domínio desportivo pelo que a questão se deverá colocar: para quando a construção do Estádio Municipal?

Alves Henriques

Curso de auditores desportivos

Curso de auditores desportivos — o ministro da Educação, presidiu à sessão de abertura do I Curso de Auditores da Informação Desportiva que ocorreu na Sala Artur Portela da Casa da Imprensa. Roberto Carneiro considerou que o curso «*pretende estimular a criação de um espaço alargado de reflexão e diálogo sistemáticos acerca da problemática do desenvolvimento do desporto*» e considerou que «*aos jornalistas cabe uma indeclinável responsabilidade no sentido de difundir o verdadeiro ideal desportivo, realizar grandes sínteses culturais e integradoras, analisar, no melhor propósito as pressões sociais, integrar processos de mudança e estabelecer pontes com futuro*».

«Dom Henrique» em vela

Entre 28 de Julho e 3 de Agosto, vai disputar-se o 3.º Troféu «Infante Dom Henrique», em vela: quatro regatas, numa iniciativa da Associação Naval de Lisboa, da Comissão para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, da Marinha Portuguesa, Clubes Navais de Cascais e Sesimbra, e do nosso prezado colega «Diário de Notícias». A prova foi instituída em 1986, quando ocorria o 130.º aniversário da ANL e a partir daí, processa-se de dois em dois anos, em cada edição reunimos mais de 50 concorrentes, de quatro classes: IOR, CHS, APVC e AVC.

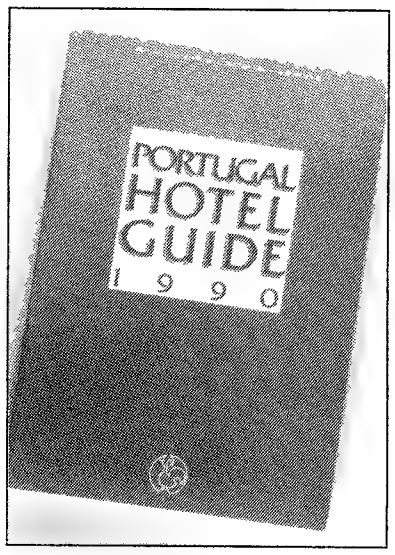
A competição com a Regata-Lisboa, a disputar num percurso de 30 milhas, entre Belém, Cascais e Belém, prosseguindo com a Taça Tróia, no dia seguinte, a decorrer na rota Lisboa-Carcavelos-Sesimbra, na distância de cerca de 25 milhas.

Após um dia de repouso, na península de Tróia, os concorrentes partem no dia 1 de Agosto para a derradeira etapa. Nesta estão previstos dois itinerários: um oceânico, com cerca de 95 milhas de extensão, reservado para as classes IOR e CHS, com um percurso de navegação compreendido entre Tróia, Sines e Cascais, e outro para embarcações menores (APVC e AVC) que percorrerão aproximadamente 30 milhas, entre Tróia e a baía de Cascais.

AGENDA

PESSOAS & FACTOS

Edição de «Portugal Hotel Guide 1990»



Editado pela empresa 'Maisturismo', está a ser distribuida a edição em inglês de «Portugal Hotel Guide 1990», um indispensável manual de trabalho para técnicos de turismo, nacionais e estrangeiros.

De excelente aspecto gráfico, a publicação contém informação completa sobre as unidades hoteleiras nacionais, as várias regiões de turismo, as instalações disponíveis para reuniões e congressos, os casinos e, ainda, calendários de todas as feiras comerciais e industriais.

Grande número de exemplares são enviados directamente para o estrangeiro, o que faz de «Portugal Hotel Guide» um excelente veículo de promoção da hotelaria e turismo nacionais.

Robialac em congresso de marketing

Um aspecto do congresso da Robialac

A Robialac promoveu, na Figueira da Foz, o seu I Congresso de Marketing/Vendas para Armazenistas/Distribuidores.

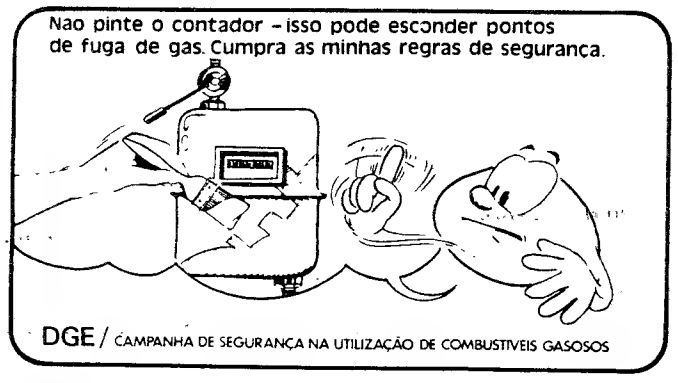
A iniciativa, organizada pela Divisão de Marketing da empresa, teve como objectivo analisar, com os armazenistas/distribuidores, os resultados de 1989 e apresentar o Plano de Marketing para o ano em curso.

Além dos armazenistas, das chefias do marketing, o congresso contou com a presença de membros da direcção da Robialac e do seu director-geral, engenheiro Carlos Pacheco.

Lufthansa liga Portugal a Duesseldorf

No horário de Verão de 1990, que entrou em vigor a partir de 25 de Março, foram introduzidas mais cinco ligações directas para a República Federal da Alemanha, entre as quais contam-se três voos 'non-stop' Lisboa-Duesseldorf e um Faro-Duesseldorf, que terá lugar uma vez por semana, aos sábados.

As ligações directas. recentemente introduzidas no novo horário, entre Lisboa e Duesseldorf, são às terças, quintas e domingos.



HOJE

CONTINENTE

Em todo o território: - Céu geralmente muito nublado e vento fraco a moderado. Períodos de chuva.

Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros na Costa Ocidental e ondulação Sudoeste de 1 a 2 metros na Costa Sul.

Amanhã: - Céu muito nublado e vento Sudoeste fraco ou moderado. Períodos de chuva, por vezes forte.

Depois de amanhã: - Céu muito nublado. Vento Sul fraco ou moderado e períodos de chuva, por vezes forte.

MADEIRA

Céu geralmente muito nublado. Vento Sudoeste moderado. Aguaceiros.

Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Norte de 1 a 2 metros e ondulação Sudoeste de 1 a 2 metros na Costa Sul.

No Funchal: - Céu geralmente muito nublado. Vento geralmente fraco ou moderado de Sudoeste.

Amanhã: - Céu geralmente muito nublado. Vento Sudoeste moderado. Aguaceiros.. Depois de amanhã: - Céu geralmente muito nublado. Vento Sudoeste moderado. Aguaceiros e condições favoráveis à ocorrência de trovoadas. Pequena descida da temperatura.

AÇORES

Grupo Ocidental: - Períodos de céu muito nublado vento de Nordeste moderado a . Aguaceiros fracos. Mar grosso a alteroso com ondulação Nordeste de 4 a 5 metros.

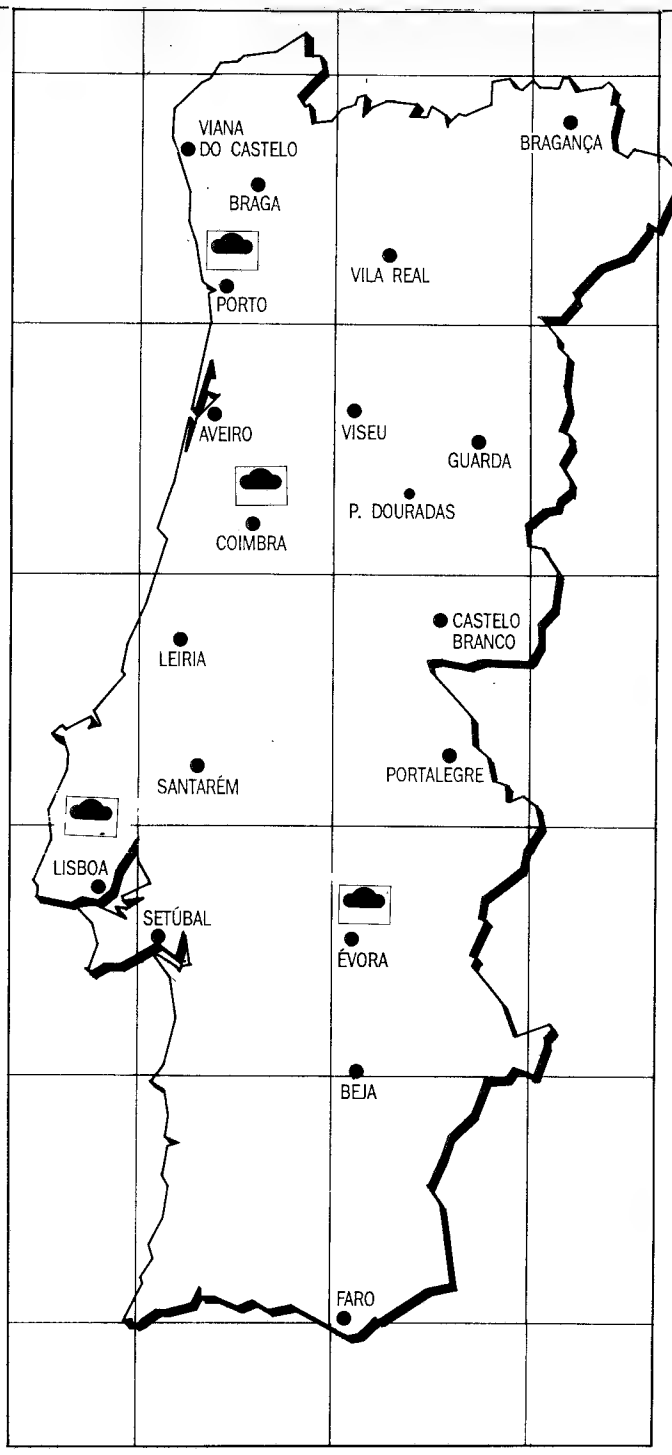
Grupo Central: - Céu geralmente muito nublado. Vento forte de Nordeste, soprando por vazes muito forte. Aguaceiros fracos. Mar alteroso com ondulação Nordeste de 4 a 5 metros.

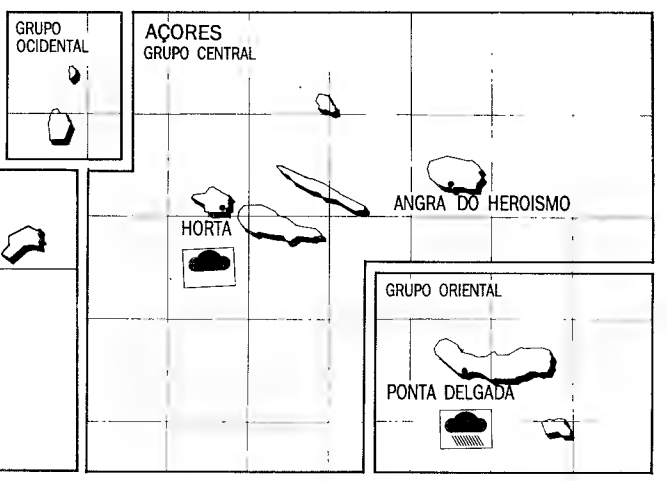
Grupo Oriental: - Céu geralmente muito nublado e vento forte ou muito forte de Nordeste. Aguaceiros. Mar alteroso com ondulação Nordeste de 4 a 5 metros.

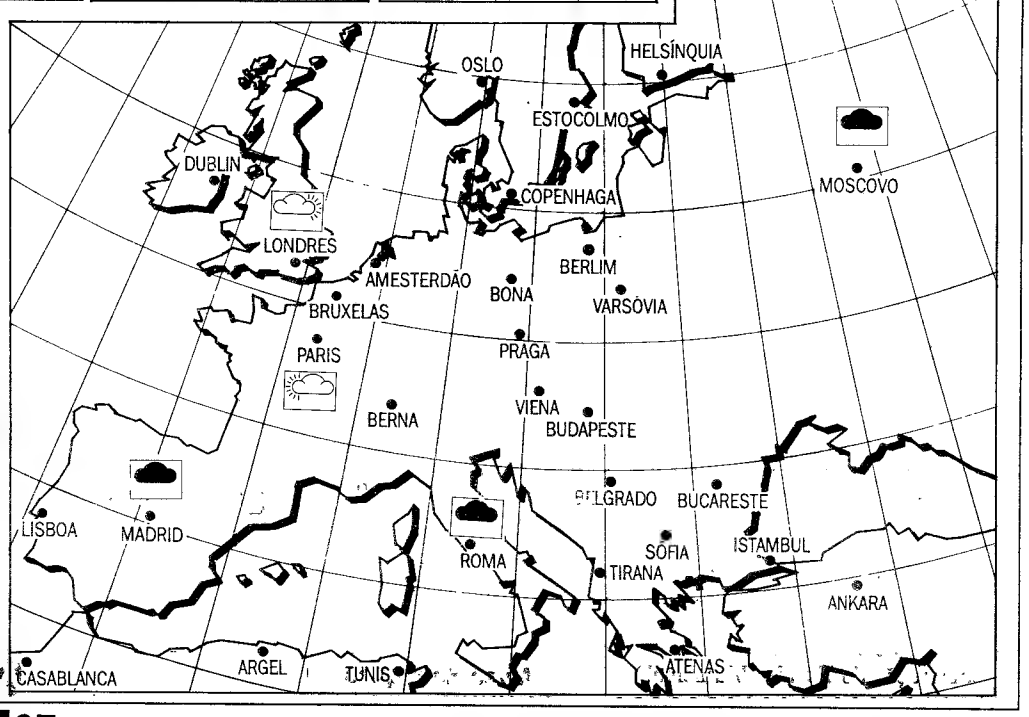
Amanhã: - Períodos de Céu muito nublado vento Norte moderado a forte. Aguaceiros, em especial no Grupo Oriental. Pequena descida da temperatura.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

O ESTADO DO TEMPO







Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
--	--	06.58	1,1m
13.16	3,1m	19.07	1,3m

Amanhã

01.34	3,4m	07.44	1,0m
14.04	3,4m	19.50	1,3m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	5	5	Chuva
V. Castelo	9	10	Chuva
Vila Real	6	7	Chuva
Porto	9	9	Encoberto
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	10	11	Chuva
C. Carvoeiro	12	12	Bruma
C. Branco	9	10	Aguaceiros
Portalegre	8	8	Neblina
Lisboa	12	12	Ag. fortes
Évora	11	11	Neblina
Beja	10	12	Ag. fortes
Sines	-	-	-
Faro	14	16	Chuva
Sagres	14	14	Ag. fortes
P. Delgada	10	10	Aguaceiros
Horta	10	11	Aguaceiros
Funchal	13	14	Limpo

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 17; Porto, 15; Faro, 18; P. Delgada, 14; Funchal, 19.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	9	9	Chuvisco
Londres	-1	-1	Nevoeiro
Paris	1	1	P. nub.
Bruxelas	-2	-2	Limpo
Amesterdão	-2	-1	P. nub.
Genebra	1	3	M. nub.
Roma	10	11	Neblina
Oslo	-3	-1	M. nub.
Copenhaga	0	2	P. nub.
Estocolmo	-5	-3	Limpo
Berlim	0	0	P. nub.
Viena	2	5	M. nub.
Varsóvia	-2	3	P. nub.
Atenas	12	15	M. nub.
Moscovo	6	6	Aguaceiros

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	1	6	Limpo
Houston	15	26	Aguaceiros
Los Angeles	14	24	M. nub.
Montreal	-2	2	Neve
Nova Iorque	4	13	Limpo
S. Francisco	10	20	P. nub.
Toronto	0	5	M. nub.
Vancover	4	15	Limpo
Washington	4	15	Limpo
Hong Kong	18	23	Chuviscos
Melbourne	14	22	Limpo
Pequim	3	10	Limpo
Perth	18	26	Limpo
Singapura	26	33	Trovoada
Sydney	16	22	Aguaceiros
Tóquio	12	20	Limpo
Wellington	12	18	Limpo

AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO PERMANENTE

Baixa - Largo São Domingos: Americana, Calçada de Santana, 1-3, Tel. 863964; **Campo Grande - Av. Brasil:** Rainha Santa, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B, Tel. 765262; **Chile - Alto São João:** Veral, Rua Morais Soares, 109-111, Tel. 821732; **Escola Pol. - São Bento:** São Marçal, Rua São Marçal, 100-102, Tel. 325318; **À Av. Estados Unidos N.º 39:** Celta, Rua Moura Girão, 3-B, Tel. 890621; **Lumiar:** Nicolau, Calçada de Carriche, Lote 4 - Loja Esq.ª, Tel. 7588727; **Madre de Deus:** Romana, Rua Actor Augusto Melo, 7-A, Tel. 383800; **Prazeres:** União, Rua Saraiva Carvalho, 145-F, Tel. 663640; **Rego:** Prates & Mota, Rua Beneficência, 91-93, Tel. 773340; **Saldanha:** Avenidas, Av. da República, 27-A, Tel. 533688; **Vale Santo António:** Santo António, Rua Leite Vasconcelos, 72-C, Tel. 862333; **Brandoa - Amadora:** Tavares Matos, Rua Irene Lisboa, Lote 108, Tel. 993220; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Pedro Gomes, Praceta 25 de Abril, Lote 13 - Loja B, Tel. 2518520; **Odivelas:** Joleni, Rua Dr. Alexandre Braga, 3-B, Tel. 9310812; **Pontinha:** Flora, Azinhaga dos Besouros, Lote R8.

REFORÇO

Alfama - São Tomé: Ziler, Rua São Tomé, 54-56, Tel. 862835; **Areeiro:** Lusitana, Av. Roma, 18-A, Tel. 885443; **Av. D. Rodrigo da Cunha:** Aeroporto, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D, Tel. 882384; **Benfica - 2.ª Circular:** Benfiluz, Estrada Benfica, 444-A, Tel. 7141206; **Calvário:** Monge, Rua Lusíadas, 30-32, Tel. 363704; **Campolide - Águas Livres:** Rualto, Lda., Rua Alto Carvalhão, 5, Tel. 651721; **Janelas Verdes:** Reis Garrido, Rua das Janelas Verdes, 90, Tel. 662327; **Jardim dos Anjos:** Jaime de Matos, Rua Álvaro Coutinho, 8-10; **Jardim Constantino:** Portugal, Rua Rebelo da Silva, 11-13, Tel. 543340; **Olivais Sul:** Lemos, Rua Cidade da Beira, 46-C, Tel. 331692; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Saldanha - Hotel Sheraton:** Oliveira Viegas, Rua Viriato, 29 - 29-A, Tel. 548966; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64, Tel. 2112070. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Pargana, Av. Eng.º Bonneville Franco, Tel. 2435147. Permanente; **Oeiras:** Ribeiro, R. Dr. Flávio Resende, 9-A, Tel. 4466066. Permanente; **Parede:** Macau, R. J. Elias Garcia, 42, Tel. 2471785. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** Nova, Est. Alvite - Fontainhas, Tel. 281044. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Campos, R. Elias Garcia, 185, Tel. 4930072. Permanente; Amadora, P. 25 Abril, 3-A, Tel. 4935518. Até às 22 h; **Damaia:** Damaia, P. Alex. Gusmão, 9-A, Tel. 970523. Até às 22 h; **Queluz:** Correia, L. Mercado, 3, Tel. 4350905. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Garcia, Av. Missionários, 2, Tel. 9242181. Permanente; **Mem Martins:** Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 173, Tel. 9214103. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 5, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Sintra:** Simões, R. Heliodoro Salgado, 26, Tel. 9230832. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Macedo Henriques, R. Bern. Francisco Costa, Lote 1, Tel. 2751297. Permanente; **Cova da Piedade:** Morgado, R. Cabo Boa Esperança, 25-A, Tel. 2767356. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, Q. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Carlos, Av. Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B, Tel. 2532324. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Avenida, Av. Alfredo Silva, 88, Tel. 2073212. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A, Tel. 2040141. Até às 19 h; **Corroios:** Abreu Cardoso, B.º Cidade Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. Até às 19 h; **Amora:** Moura Carneiro, P. General Humberto Delgado, 16-C, Tel. 2243729. Permanente; **Torre da Marinha:** Alves Velho, L. Camões, 27, Tel. 2211132. Até

MÉDICO DE URGÊNCIA ☎ 766 171 / 766 178 / 766 179

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

EM WASHINGTON

Marcha da vitória

Pyongyang: Tratados como «trotskistas» os «piratas do ar» japoneses

Marcha da vitória em Washington

Desfilaram ontem em Washington entre dez a quinze mil partidários de uma vitória militar dos Estados Unidos no Vietnam que brandiam bíblias, bandeiras americanas e letreiros com frases patrióticas. O objectivo da manifestação foi dar réplica à grande marcha da paz que reuniu naquela cidade à volta de 250 mil pacifistas.

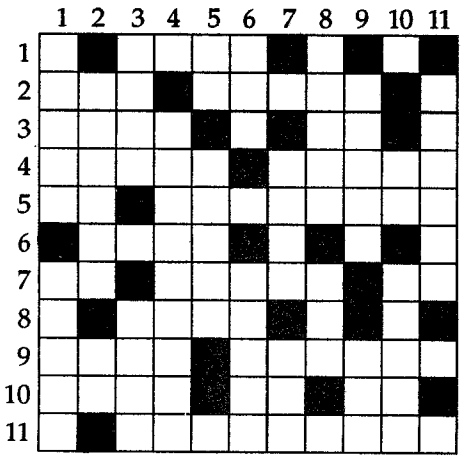
Belfast: tiroteio entre católicos e protestantes

Um homem foi ferido a tiro numa perna, na zona em que há uma semana se registam recontros, em Belfast, entre protestantes e católicos. (...) Por outro lado, a Polícia recebeu uma informação sobre a existência de bombas em cinco locais (três cinemas, um teatro e um edifício público). Alarme falso, no entanto.

Arafat define os objectivos palestinianos

O dirigente da organização Al Fata, Yasser Arafat, afirma que os guerrilheiros palestinianos não deporão as armas até que tenham estabelecido na Palestina um Estado democrático, onde possam coexistir todas as religiões em pé de igualdade.

PALAVRAS CRUZADAS



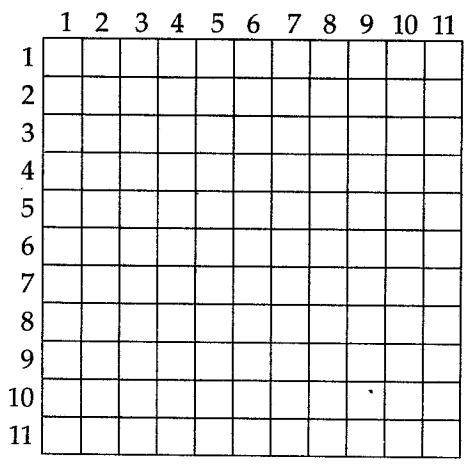
PROBLEMA N.º 17893

HORIZONTAIS:

1 - Artigo definido. Paixão. Conjunção. Artigo definido.
2 - Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Torna pior.
3 - Raera. Abreviatura de radiano, unidade de ângulo.
4 - Esclarece com comentários. Romance de Eça de Queirós.
5 - Sentidas condolências. Induzes.
6 - Catafalco.
7 - Milímetro. Zelosa. Frâncio (s.q.).
8 - Morada.
9 - Sair frequentemente à rua. Cidade do México.
10 - Falha. Seguia. Item.
11 - Misturares.

VERTICAIS:

1 - Dás oiro a. Homicídio.
2 - Dominam. O mesmo que uma (ant. e pop.).
3 - Ilha do Pequeno Belt. Rosto.
4 - Comprometeram seriamente.
5 - Abreviatura que se usa em música. Lavrais.
6 - Víscera dupla. Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto.
7 - Artigo definido. Além disso. Colina na Suécia.
8 - Vagueias. Armaria.
9 - Torna ditoso. Curso de água natural e abundante (inv.).
10 - Autores. Valente.
11 - Percorrer.



PROBLEMA N.º 16603

HORIZONTAIS:

1 - Rangíferes. Aliada.
2 - Profeta judeu no tempo de Acab e de Jezabel. Nome de frutos.
3 - Sufixo que designa estado. Educo.
4 - Serra de Portugal. Rente. Basta!
5 - Solitário. Prefixo de negação. Suspiros.
6 - Possui. Embriaguez (pop. e pl.).
7 - Praia. Agarrei.
8 - Ordinário. Grande quantidade.
9 - Guarnecei de asas. Corsário.
10 - Duas consoantes iguais. Pequeno símio do Brasil. Brisa.
11 - Grande desordem. O Arão da Bíblia.

VERTICAIS:

1 - Apoiaram.
2 - Artigo definido (ant.). Costumaras.
3 - Ninhos. Mensalidade.
4 - Irmão de Moisés. Azedo.
5 - Abreviatura de Santíssimo. Grei.
6 - Educa. Post scriptum.
7 - Alugarias.
8 - Trituras. Rezai.
9 - Íntimo. Içara.
10 - Gálio (s.q.). Irmãs da mãe. Rio da Escócia.
11 - Matara de surpresa ou com premeditação.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 892

HORIZONTAIS: 1 - A. MORTE. Dar. 2 - Faria. Aaro. 3 - Parassem. Al. 4 - Omar. Uai! 5 - Ras. Safem. 6 - Ma. Sé. Aio. 7 - Acolá. Ina. 8 - Am. Há. Vi. 9 - Diapasão. 10 - ABRE. Tejo. 11 - Sasão. Au.
VERTICAIS: 1 - A. PORTA. DA. 2 - FAMA. Caibo. 3 - Marasmo. Ar. 4 - Orar. Alapes. 5 - Ris. Ama. 6 - Tascas. SSS. 7 - É. FECHA. A. 8 - Amue. Aoto. 9 - Da. Amai. 10 - Arai. INVEJA. 11 - Rol. Coai. Ou.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 702

HORIZONTAIS: 1 - Sumo. Lãs. Rã. 2 - Ora. Rimarem. 3 - Ca. Cá. Arada. 4 - Ana. Sare. ER. 5 - Roma. Ma. Ma. 6 - Ora. MC. 7 Trigo. Aspa. 8 - Re. Aa. Crer. 9 - Aras. Mat. Im. 10 - Mar. Reparou. 11 - Ao. Casara.
VERTICAIS: 1 - Socara. Rama. 2 - Urano. Terá. 3 - Má. Amor. Ara. 4 - Árias. 5 - Rãs. Agá. 6 - Li. Am. Mec. 7 - Amaram. Capa. 8 - Sare. Cartas. 9 - Rã. Se. Ra. 10 - Rédea. Prior. 11 - Amar. Ba. Mua.

PROVÉRBIO: A MORTE ABRE A PORTA DA FAMA E FECHA A DA INVEJA.

EFEMÉRIDES

1768

• É criada, em Lisboa, a real mesa censória, iniciativa do Marquês de Pombal, que retira, deste modo, à Inquisição os poderes da censura dos livros.

1896

• É inaugurado o túnel do Rossio, em Lisboa, com a chegada, às 18 horas, da primeira locomotiva a vapor.

1919

• Morre Francisco Marto, um dos videntes de Fátima.

1951

• Julius e Ethel Rosenberg são condenados à morte por um tribunal nova-iorquino, acusados de espionagem atómica a favor da URSS.

1975

• Morre, em Taipé, o marechal Chiang-Kai-Chek, 89 anos, presidente da Formosa.

1981

• Morre, em Baltimore (EUA), Leo Kanner, conhecido como o pai da psiquiatria infantil.

1984

• Nuno Rodrigues dos Santos, presidente honorário do PSD, morre aos 74 anos em Lisboa.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Avenida Almirante
Gago Coutinho - Telef. 806496
UM AMOR INEVITÁVEL
Filme de Rob Reiner
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 2
NASCIDO A 4 DE JULHO
Filme de Oliver Stone
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.35 horas.

ALFA 3
MISS DAISY
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4
A GUERRA DAS ROSAS
Filme de Danny DeVito
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA CLUBE
Avenida Almirante
Gago Coutinho - Telef. 806496
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Filme de Steve Kloves
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2
MISS DAISY
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 4
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30 horas.

AMOREIRAS 5
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 6
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas

AMOREIRAS 7
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões ás 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 9
TEMPO DE GLÓRIA
Filme de Edward Zwick
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.30 horas

CAPITÓLIO
Parque Mayer
O VALE DAS ORGIAS
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 horas.

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
BIG BOSS - O IMPLACÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
ACADEMIA DE POLÍCIA VI
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
CYBORG
Maiores de 18 anos
às 24.00 horas.

CINE PORTELA ESTÚDIO ANUSHA
Telefone 9434762
VAREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

ESTÚDIO SHEZA
CORRUPÇÃO NA CIDADE
Filme de Nick Nolte
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
SEXO NA PRAIA
Hard-core-1ºescalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 horas.

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - Telef. 546085
O COLEGIAL
Filme de Buster Keaton e James V. Horne, às 18.30 horas
AS NOITES LOUCAS DO DR. JERRYL
Filme de Jerry Levis, às 21.30 horas.

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
NOVE SEMANAS E MEIA
Filme de Adrian Lyne
Maires de 18 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

O MEU PÉ ESQUERDO
Em exibição Quarteto Sala 1 — Qualidade — **PUB** Maiores 12 anos

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
ALVOS HUMANOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
QUERIDA, EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
TEMPO DE GLÓRIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.45, 16.30 18.45 e 21.15 horas.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
O FILÓSOFO
Filme de Rudolf Thome
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

FORUM PICOAS
AUDITÓRIO 2
O COZINHEIRO, O LADRÃO, SUA MULHER E O AMANTE
Filme de Peter Greenaway
Maiores de 18 anos
Sessões às 14.00, 16.30 19.15 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 3525133
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.3 e 21.30 horas.

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
O RIO DA MORTE
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
TEMPOS DE GLÓRIA
Maiores de 18 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

KING TRIPLEX 3
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.3 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.4 e 21.45 horas.

LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 1 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 16.30 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OVAR
ANÚNCIO

Pela 1.ª Secção do 2.º Juízo do Tribunal Judicial de Ovar desta Comarca, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado CRISPIM CORREIA PINHO, casado, comerciante, residente em Badoucos — Souto — Santa Maria da Feira, para no prazo de DEZ DIAS, posterior àquele dos éditos, reclamarem o pagamento dos seus créditos pelos produtos dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na Execução Sumária n.º 97/89 movida por TITOI — REPRESENTAÇÕES, LD.ª, com sede em Milagres — Leiria.

Ovar, 28.3.1990
O Juiz de Direito,
João Alberto Antunes Cláudio da Silva
A Escriturária Judicial,
Maria Irene Duarte Pinto Guerra
«DL» — 2.ª Pub. 5/4/90

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA
ANÚNCIO

Doutora Maria Amélia Alves Ribeiro
Juíza do 1.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa:

Faz saber que pelo 1.º Juízo, 1.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de execução de Sentença, com o n.º de registo 117-B/85, em que é exequente Isabel Maria da Cruz Pereira Sena Brito e executado RODRIMP — Indústrias de Cosméticos, Lda.ª com sede na Av.ª 5 de Outubro, n.º 204 em Lisboa, e neles correm éditos de vinte dias, citando os credores desconhecidos para, no prazo de dez dias, findo o dos éditos, ou a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, deduzirem os seus direitos, nos termos dos artigos 864.º e seguintes do Cód. de Processo Civil.

Para constar se passou o presente que será devidamente anuncido.

Lisboa, 27 de Março de 1990
O Juiz de Direito
Maria Amélia Alves Ribeiro

O Escrivão de Direito
José António Carvalhal

«DL» 5/4/90 — 2.ª Pub.

JOAQUIM MARIA CARRELHA & JOSÉ FERREIRA, LDA.

Certifico que, por escritura de 16 de Janeiro de 1933, lavrada de fl. 33 v.º a fl. 35 do livro de notas para escrituras diversas n.º 21-B do 5.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da notária licenciada Maria Adília Borges Tristão, Joaquim Maria da Silva Carrelha, casado, e José Ferreira, casado, constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas que se rege pelo pacto constante dos artigos seguintes:

ARTIGO 1.º

A sociedade adopta a firma de Joaquim Maria Carrelha & José Ferreira, Ld.ª, e a sua sede é nesta cidade, na Rua de São Bento, 116 e 118.

ARTIGO 2.º

O seu objecto é o comércio de venda de ovos, criação e legumes ou qualquer outro que a sociedade entenda dever explorar, excepto o bancário.

ARTIGO 3.º

A sua duração é por tempo indeterminado e tem o seu começo nesta data.

ARTIGO 4.º

O capital social é de 10 000$, inteiramente realizado, em dinheiro, e dividido em duas quotas de 5000$, uma de cada sócio.

ARTIGO 5.º

Fica dependente do consentimento dos sócios a cessão de quotas a estranhos.

ARTIGO 6.º

Ambos os sócios são gerentes, com dispensa de caução, bastando para que a sociedade fique validamente obrigada que um deles assine os respectivos actos ou contratos.

ARTIGO 7.º

As assembleias gerais, salvo determinação da lei em contrário, serão convocadas com a antecedência mínima de cinco dias por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios.

ARTIGO 8.º

Os balanços serão anuais e encerrados em 31 de Dezembro.

ARTIGO 9.º

Os lucros líquidos resultantes dos balanços serão distribuídos pelos sócios em partes iguais. Da mesma forma serão suportadas as perdas, se as houver.

ARTIGO 10.º

No caso de morte ou interdição de qualquer dos sócios, a sociedade não se dissolve e continuará com os seus herdeiros ou representantes.

ARTIGO 11.º

Dissolvendo-se a sociedade em vida dos sócios, será obrigatória a licitação em globo de todos os haveres sociais, sendo adjudicados àquele que maiores vantagens oferecer.

ARTIGO 12.º

Todo o omisso será regulado pela legislação aplicável.

Vai conforme.

5.º Cartório Notarial de Lisboa, 14 de Novembro de 1989
A Ajudante,
Sara Conceição Rodrigues Santos

CARTAZ

MUNDIAL 3
SHIRLEY VALENTINE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
AS LOUCURAS DO MEU FANTASMA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30 19.00 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
FOGO INFERNAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30 horas

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
SUPER GIRLS IN 3-D
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

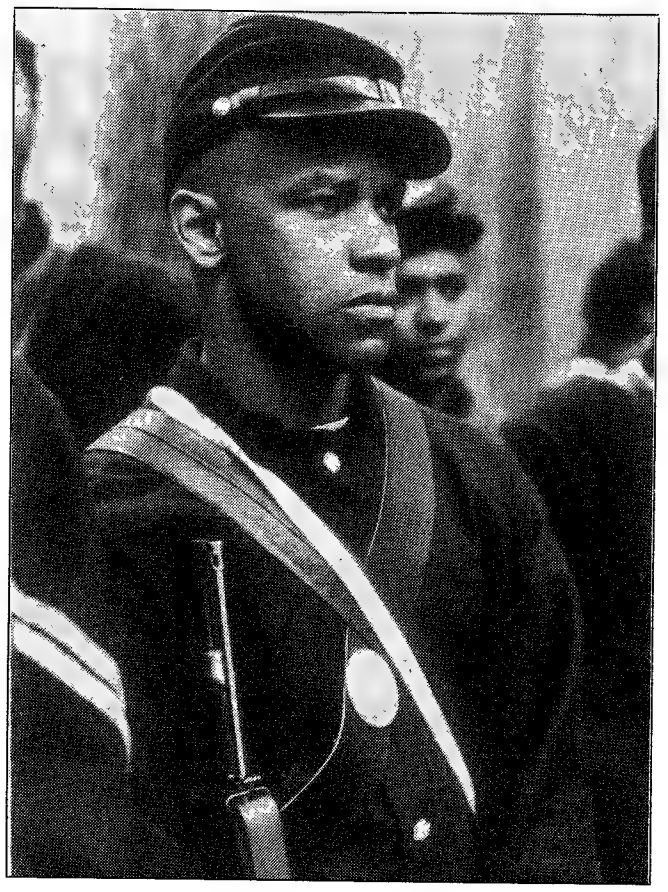
POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
A NOIVA QUE VEIO DO INFERNO
Filme de Daniel M. Peterson
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
MEU PÉ ESQUERDO
Filme de Jim Sheridani
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3
TEMPO DE GLÓRIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4
O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE
Maiores de 18 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.



Denzel Washington, em «Tempo de Glória»

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.16 horas.

SÃO JORGE 2
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 10.00 e 21.45 horas.

SÃO JORGE 3
MISS DAISY
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
AS LOUCURAS DO MEU FANTASMA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.45 horas.

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19 .00 e 21.30 horas.

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
AS LOUCURAS DO MEU FANTASMA
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 horas

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 17.30 e 21.30 horas.

XENON
Av. da Liberdade,9
Telef. 3468446
SEM PRESSA PARA VIVER
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DE CAPARICA CINEMA PESCADOR
Telef. 2905350
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CASCAIS

CARCAVELOS ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas
REGRESSO AO RIO KWAI
Sábado e Domingo às 24.00 horas.

CASCAIS MIRAMAR 1
Telef. 2841744
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

MIRAMAR 2
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD
Avb. 25 de Abril - Telef. 2865027
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Maiores de 12 anos
Sessões às 16.00 e 21.30 horas.

NOVA OEIRAS CINE PALMEIRAS 1
Telef. 2479144
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

CINE PALMEIRAS 2
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

OEIRAS ALTO DA BARRA 1
Av. das Descobertas - Telef. 4439759
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.45 Horas.

ALTO DA BARRA 2
TEMPO DE GLÓRIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

CACÉM- ESTÚDIO FLORES
Telef. 9247570
O EMBATE
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas.

QUELUZ - KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
NASCIDO A 4 DE JULHO
Mairoes de 16 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15 horas.
SALA 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.1 e 21.30 horas.
SALA 3
RIO DA MORTE
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.3 e 21,45 horas.

TEATRO LISBOA

A BARRACA (Cinearte)
Largo de Santos, 2 - Telef. 665360
De 5º a sáb. às 21.30, dom. às 16.00 horas
MARGARIDA DO MONTE
De Marcelino Mesquita.

CHAPITÔ
R. da Costa do Castelo, 7 - Telef. 878225
5ª, 6ª e Sáb. às 21.30 horas
KLASSIKUS KABARET
De Fernando Gomes.

CINE - TEATRO DA ENCARNAÇÃO
Telef. 8510203
De 4ª a 6ª às 21.30, sáb. às 15.00 horas.
O MONTE
Pelo grupo de teatro amador «O Culto da Máscara»

COMUNA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
De 2ª a Sáb. às 21.30 horas. Dom. às 17.00 horas, descanso à 4ª feira
SALA NOVA
PÉCORA de Natália Correia.
CAFÉ TEATRO
FESTIVAL DA OTITE
De Carlos Paulo
Em cena aos Sábados às 24 horas.

MARIA MATOS
Av. Frei Miguel Contreiras, nº 52 - Telf. 897017
3ª, 4ª e 5ª, às 21.30, 6ª e Sáb às 20.30 e 22.45. Dom. às 15.00 e 18.00 horas
SEVERA
De Júlio Dantas. Encenação de Nicolau Breyner

MARIA VITÓRIA
Parque Mayer - Telef. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 23.00 horas
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

PRIMEIRO ACTO
R. Eduardo Pedroso, 16-A - Algés - Telef. 2115033
De 3ª a Sáb. às 21.30. Sáb. e Dom. às 17.00 horas
AS PULGAS
De Cunha Leiradella, pela Comp. Persona.

TRINDADE
R. Nova da Trindade - Telef. 320000
De 5ª a Sáb. às 21.45, Dom. às 16.00 horas
AUTO DA ÍNDIA - VIAGEM A CALECUTE
De Gil Vicente, pelo Teatro de Todos os Tempos - Comp. Vicentina

VARIEDADES
Parque Mayer - Telef. 320000
De 3ª a Domingo às 21.30. Domingos e Feriados também às 16.00 horas
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana.

«Klassikus Kabaret», em cena no Chapitô

OUTRAS LOCALIDADES

ESTORIL CASINO ESTORIL
Telef. 2684521
De 4ª a 6ª às 21.30, sáb. às 18.00 e 21.30, dom. às 17.00 horas
SOMENTE ENTRE NÓS
De Reginaldo Faria.

ODIVELAS TEATRO DA MAL-APOSTA
Telef. 9873299
De 3ª a Sáb. às 21.30, dom. às 16.00 horas
A FLORESTA
De Alexander Ostrowsky

PORTO TEATRO SÁ DA BANDEIRA
Telef. 2003595
5ª às 21.30, 6ª e sáb. às 20.30 e 22.45, domingos e feriados às 16.00 e 20.30 horas
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas.

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 73 976, para: «PROCESSO DE PREPARAÇÃO DE COMPOSIÇÕES DE POLIPROPILENO COM ELEVADA RESISTÊNCIA AO CHOQUE».
Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 - 3.º - Esq.º
1000 LISBOA
Telefs. 651339-654613-692815

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 80 827, para: «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE UMA COMPOSIÇÃO POLIMÉRICA RETICULÁVEL.»
Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 - 3.º - Esq.º
1000 LISBOA
Telefs.
651339-654613-692815

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 73 975, para: «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE COMPOSIÇÕES DE POLIPROPILENO DE RESISTÊNCIA AO CHOQUE MELHORADA.»
Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 - 3.º - Esq.º
1000 LISBOA
Telefs.
651339-654613-692815

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 80 826, para: «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE COMPOSIÇÕES POLIMÉRICAS TERMOPLÁSTICAS RETICULÁVEIS» Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 - 3.º - Esq.º
1000 LISBOA
Telefs. 651339-654613-692815

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 73 977, para: «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE COMPOSIÇÕES DE POLIETILENO APERFEIÇOADAS, PARA EXTRUSÃO E PRINCIPALMENTE PARA EXTRUSÃO -SOPRAGEM.»
Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 - 3.º - Esq.º
1000 LISBOA
Telefs.
651339-654613-692815

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 81 133, para: «PROCESSO PARA A POLIMERAÇÃO DE ETILENO OU A COPOLIMERIZAÇÃO DE ETILENO E @-OLEFINAS NUM LEITO FLUIDIZADO NA PRESENÇA DUM CATALISADOR À BASE DE CRÓMIO.»
Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 - 3.º - Esq.º
1000 LISBOA
Telefs.
651339-654613-692815

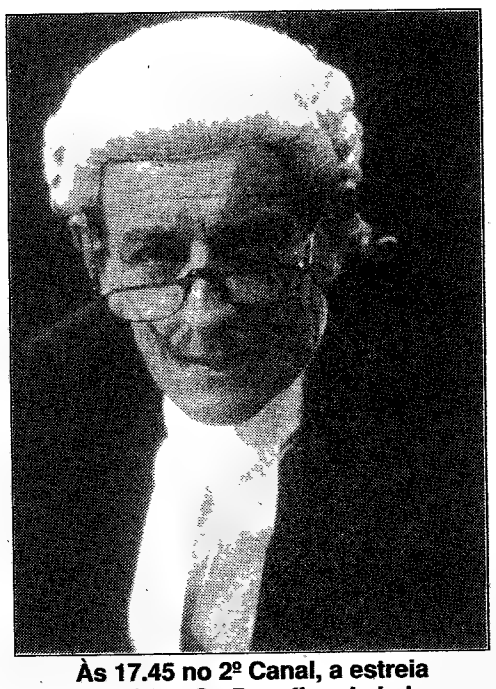
SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

16.40 - CLÍNICA GERAL
1º episódio:
esta série de 26 episódios centra-se na vida profissional e privada de um grupo de homens e mulheres num consultório médico suburbano, pequeno e com muito trabalho; personalidades diversas unidas por uma placa e uma vocação. A peça de ligação entre eles é a recepcionista, uma enfermeira diplomada prática e eficiente...
17.35 - A HORA DO LECAS
18.05 - RUA SÉSAMO
18.30 - JOGO DE CARTAS
18.55 - REAL MADRID-BARCELONA EM FUTEBOL
Final da Taça de Espanha
20.50 - VALE TUDO
21.55 - TELEJORNAL
22.15 - BOLSA DIA A DIA
22.20 - O TEMPO
22.23 - BOLETIM AGRÁRIO
22.25 - SOFIA E CONSTANÇA



Às 17.45 no 2º Canal, a estreia da série «Os Desafios da Lei»

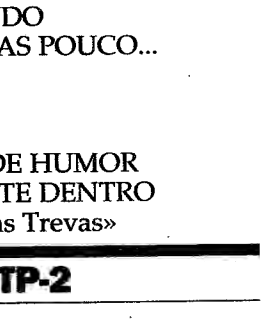
O 1º episódio de Murphy Brown, às 23.50 no 1º canal

23.25 - CONVERSAS VADIAS
O Prof. Agostinho da Silva com Baptista-Bastos
23.50 - MURPHY BROWN
1º episódio de uma série realizada por Barnet Kellman, com Candice Bergen, Charles Kimbrough, Joe Pergarbuto, Faith Ford e Grant Shaud, entre outros. Murphy Brown, de 40 anos, é uma bela, famosa e controversa personalidade de um programa televisivo de informação. Entrevistadora conhecida por descobrir e aprofundar histórias polémicas, Murphy Brown, com problemas de saúde, recolhe a uma clínica, durante um mês, para se tratar. Porém, ao voltar à televisão, é confrontada com uma nova situação...
00.25 - 24 HORAS
00.30 - UM DIA...
00.40 - REMATE
00.50 - CARTAS DE HUMOR

RTP-2

16.45 - OS CENTURIÕES
1º episódio
17.15 - NOVO ELUCIDÁRIO MADEIRENSE
1º episódio
17.45 - OS DESAFIOS DA LEI
1º episódio: no mundo competitivo e agitado dos tribunais, há muita retórica e vaidade, à mistura com princípios éticos e egos poderosos. Neste primeiro episódio, vamos conhecer Penelope, uma advogada mais habituada ao Direito Familiar do que ao Criminal. Robbie aconselha Penelope, e logo começam a surgir boatos de um romance entre os dois.
18.35 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
76º episódio
19.10 - ESPAÇO INFANTIL
19.50 - CLÁSSICOS DA TV
«Estrada 66»
20.45 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - EMOÇÕES
21.55 - SINAIS DO TEMPO
22.55 - QUINTA DIMENSÃO

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.23 - BOLSA
13.25 - VILA FAIA
14.20 - OPEN DO ESTORIL-TÉNIS
15.45 - PONTO POR PONTO
16.35 - CLÍNICA GERAL
17.30 - A HORA DO LECAS
18.30 - RUA SÉSAMO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.15 - MISSÃO IMPOSSÍVEL
22.10 - TELEMUNDO
22.40 - CHEFE, MAS POUCO...
23.10 - 24 HORAS
23.40 - UM DIA
23.50 - REMATE
24.00 - CARTAS DE HUMOR
00.05 - PELA NOITE DENTRO
«Cidade nas Trevas»

RTP-2

11.02 - TENIS: OPEN DO ESTORIL
14.00 - TELEMERCADO
14.30 - PRIMEIRO JORNAL
14.45 - ESPAÇO INFANTIL
15.00 - FILHOS E FILHAS
15.25 - AGORA ESCOLHA
16.50- 3, 2, 1 CONTACTO
17.20 - AS GRANDES VIAGENS DE COMBOIO
18.20 - MAGAZINE MUSICAL
18.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.25 - ESPAÇO INFANTIL
19.55 - AS CIDADES E AS TERRAS
20.20 - BUCHA E ESTICA
20.40 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DONA BEIJA
22.55 - ROTAÇÕES
00.05 - HAJA MÚSICA

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...

BLAUPUNKT
Grupo **BOSCH**
Um pequeno ponto faz a diferença

«A possível candidatura de Lucas Pires à Presidência da República (...) irá condicionar de forma marcante a evolução dos eventos políticos determinantes, daqui para a frente»
José Ribeiro e Castro, «Diário de Notícias», 4.04.90

A PERGUNTA DO DIA

Simões Cortez presidente da Ordem dos Engenheiros

Quais são as grandes linhas de mudança das duas propostas de alteração dos estatutos da Ordem dos Engenheiros que vão hoje a votação?

«A Lista A propõe uns estatutos mais modernos, mais virados para o futuro e que poderão levar a Ordem a dar um grande salto em frente.A sua grande inovação consiste na criação de colégios de especialidades, à semelhança do que já existe nos outros países europeus, e que permitirá desenvolver uma maior acção cultural a nível das especialidades, uma intensificação da defesa de cada um delas e um maior diálogo com os parceiros internacionais. Esta lista tem ainda a vantagem de ser apoiada pelos conselhos directivos do Norte, Centro, Açores e Madeira.

A lista B não levará a grandes progressos, uma vez que propõe o simples remendo dos actuais estatutos. Além disso, propõe um domínio de Lisboa sobre os resto do País, o que representa um retrocesso face ao equilíbrio actualmente existente. Esta lista foi proposta pelo Conselho Directivo do Sul e nunca se mostrou aberta a modificações.»

Sexta-feira no
Diário de Lisboa
Edição de aniversário com 112 páginas
Empresários portugueses: que imagem?
Marcelo Caetano e o assassinato de Delgado
Um artigo de Guilherme d'Oliveira Martins

ENTREVISTA

João Queiroz e Melo. Talvez poucos se lembrem quem é, mas há uns anos aparecia quase diariamente na televisão. Razão: foi o primeiro médico, em Portugal, a fazer uma transplantação de coração. Hoje, seis anos e 40 operações mais tarde, a sua actividade já caiu na rotina. Felizmente...

«Há falta de condições para os médicos trabalharem»

D.L. - Onde vai buscar os corações que utiliza nas transplantações?

Q.M. - Onde os há...

D.L. - E onde é que os há?

Q.M. - Sempre que há um doente com morte cerebral e as equipas médicas decidem que ele possui todos os quesitos para a transplantação, avisam os centros onde essas operações se realizam. Estes, por sua vez, examinam o candidato a dador de órgãos para ver se ele está em condições de o fazer e, se a conclusão for positiva, avisam-se os centros que os implantam, e que fazem as colheitas.

D.L. - Em Portugal existe legislação para a colheita de órgãos?

Q.M. - Com certeza. Há vários anos atrás existiam algumas lacunas mas actualmente a lei é totalmente positiva.

D.L. - A primeira transplantação do coração feita em Portugal ocorreu em 1986, enquanto na África do Sul, por exemplo, este tipo de operaçãos já se praticava há vinte anos. Será que a medicina portuguesa está assim tão atrasada?

Q.M. - A medicina portuguesa não está mais nem menos atrasada do que o resto do País. Em termos de transplantações, a verdade é que, mesmo a nível internacional, elas estiveram paradas durante muito tempo e só em 1981 é que recomeçaram, portanto o nosso atraso acaba por ser só de cinco anos.

D.L. - Quantas transplantações é que já fez?

Q.M. - Perto de quarenta.

D.L. - Com muito sucesso?

Q.M. - A taxa de sucesso tem directamente a ver com a situação do doente antes da transplantação. A taxa de sucesso de um doente que é operado quando já está ligado a um coração artificial é significativamente mais baixa do que a de um doente operado sem ser em desespero de causa. De um modo geral, o que nós costumamos dizer a um doente é que as perspectivas que ele tem de estar vivo dois ou três anos depois de ser operado são de 60 a 70 por cento.

D.L. - Quanto é que uma operação destas custa?

Q.M. - O custo da operação em si não é superior ao de qualquer outra operação complicada ao coração. O que é caro é depois todo o apoio após a transplantação. Os doentes precisam de fazer muitas análises, de tomar muitos medicamentos, de virem muitas vezes ao hospital e isso é que é caro.

D.L. - Ultimamente, não se tem ouvido falar de transplantações do coração. Isso significa que não tem havido publicidade ou que não têm havido operações?

Q.M. - Quando uma coisa é nova é natural que haja entusiasmo e interesse e até é bom que elas sejam divulgadas. De facto, ao princípio falou-se muito disso, porque houve as transplantações, houve o coração artificial... Felizmente, hoje em dia isso é rotina, é feito não só por mim, mas por outras equipas, e por isso é que se deixou de falar.

D.L. - Mas as operações continuam...

Q.M. - As operações continuam, não ao ritmo que nós desejaríamos, mas continuam.

D.L. - Pôr uma pessoa a viver com o coração de outra não levanta problemas éticos?

Q.M. - Problemas éticos, não vejo porquê. Problemas afectivos, sim, acho que se pode e se deve falar deles. Embora aqui em Portugal não tenhamos uma vivência que nos permita pensar que esse é um problema preocupante, há países do mundo em que são graves, sobretudo ao nível rácico. Há muitas pessoas que levantam objecções relacionadas com questões de raça, religião, sexo, e isso leva muitas vezes a problemas psicológicos importantes. Nós, na nossa experiência, não os temos tido.

D.L. - Uma das críticas que se fazia às transplantações é que se estava a investir muito dinheiro numa cirurgia de ponta, quando não estavam ainda assegurados os cuidados primários de saúde.

Q.M. - Isso é uma discussão eterna, mas tem que se fazer opções. Se os problemas básicos de uma sociedade tiverem que estar resolvidos para haver desenvolvimento, então nenhum país de mundo se desenvolve. Se toda a gente pensasse assim, ainda estaríamos para ir à lua, ainda não tínhamos descoberto a cura de algumas formas de cancro, pois até nos Estados Unidos ainda há pessoas que morrem de diarreia. É um problema de opção filosófica.

D.L. - A formação médica em Portugal é suficiente para preparar cirurgiões para operações tão complicadas?

Q.M. - O que falha em Portugal não é a falta de médicos é a falta de condições para os médicos trabalharem.

D.L. - Sente-se uma estrela da medicina portuguesa?

Q.M. - Não, não me sinto.

D.S.

meteorologia

As chamadas

A Prova Geral de Acesso ao Ensino Superior, dita PGA, nas duas chamadas, foi procurar autores do passado recente para a reflexão actual. Interessante, por duas ou mais razões: até que ponto textos relativamente datados - um de 1961, outro de 1960 - têm ainda alguma coisa a dizer, provocar, interrogar, ou, dito por outras palavras, até que ponto a captação do pensamento actual não se cirscunscreve aos autores francamente contemporâneos, numa época acelerada, a nossa; o outro, passo interessante, o de fazer descobrir aos milhares de candidatos e familiares dois autores no momento mais perigoso, o do primeiro esquecimento, ou, dito por outras palavras, fazer sair do congelamento temporário José Régio e Delfim Santos, dois vultos da cultura portuguesa nos meados deste século que ainda é o nosso.

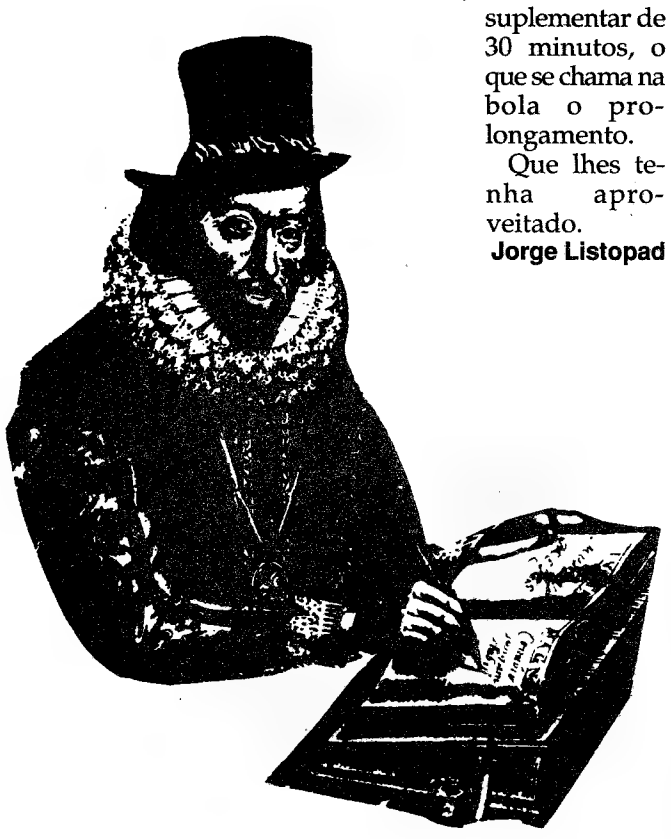
A dupla intenção é clara. No entanto, um pouco forçada. Nem José Régio, poeta, dramaturgo, romancista, mas aqui ensaísta (faceta admirável da sua obra), nem o discreto e ímpar filósofo, mais no sentido «Sprachphilosoph» e não filósofo profissonal, Delfim Santos, se ocuparam muito dos temas expostos. Os textos transcritos para o exame da PGA são ocasionais: o de Régio exclusivamente pedagógico, escrito a insistência de última hora dos seus alunos do liceu de Portalegre, enquanto Delfim Santos responde a um inquérito genérico sobre a guerra fria, que o então director do «Jornal de Artes e Letras», da sua mini-redacção de Campolide, enviou aos conhecidos intelectuais do seu ficheiro.

Nem um nem outro texto é representativo do modo de pensar, do modo de se preocupar, nem como escrita, nem como um levantamento do véu sobre as generosas oficinas de ambos, embora seja sempre agradável encontrarmo-nos com eles em qualquer ocasião. Excepto...

... excepto quando suam as estopinhas durante 2 horas e 30 minutos, com tolerância suplementar de 30 minutos, o que se chama na bola o prolongamento.

Que lhes tenha aproveitado.

Jorge Listopad



A.M.A. Auto Monumental do Arcuro S.A.
CONCESSIONÁRIOS VW Audi
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO Diário de Lisboa 5 DE ABRIL DE 1990. NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

O anão como figura do imaginário, pág, 3; o anão visto pelas batutas poéticas de Mário Cesariny e Nuno Pimentel, págs. 4 e 5; Ideias e leituras, págs. 6 e 7; Endocrinologia do anão e o **bufão** *na política, pág. 8*

SMALL IS BEAUTIFUL

Estou à beira de um crime, padre. Eu sei, passo a vida a dizer que o que conta é não ser lorpa, mas sabe o que é viver com a sensação de que nos estão a avaliar pelas peúgas?, eu nunca acerto com o tom das peúgas. Como é que lhe hei-de dizer? Nunca fui homem de desabafar, um homem não é toda a vida um carregador de pianos para se pôr de repente a assobiar...mas desta vez precisava. Se um gajo se debruça na varanda há-de haver alguém que nos dá uma ajuda, não? Paz de espírito? Não brinque, padre, fora daquela porta todos os valores tropeçam na altura a que o primeiro idiota julga ter o nariz.

Acha que a vontade pode mudar as coisas? Nem sempre padre, olhe, uma vez fui à casa de banho, fiz o que tinha a fazer e quando fui a meter o papel...o senhor sabe, fui a limpar-me e encontrei um cordel. Que faz um cordel num sítio daqueles? Puxei e era uma ponta, desatou a sair guita de dentro de mim. Donde vinha aquilo, mais de meio metro de guita? E saiu toda ou partiu-se? Alguém mexe os cordéis desta meada. Eu não, que nem sequer acerto com as peúgas. Tem que me ouvir padre, estou à beira de um crime ... Tenho um amigo que costuma dizer que entre o céu e o inferno não há que ter dúvidas, "no inferno", diz ele, "ia encontrar todos os amigos". Desculpe se sou inconveniente, falar por falar alivia-me. Mas estava a dizer que o meu amigo quer ir para o céu não é pelo medo de ter muito a pagar que nisso a culpa para ele é como os impostos, há sempre um lorpa a pagar por nós. Ele só quer ir para o céu porque se quer dar à vida e um homem rodeado só de coisas e pessoas que conhece é já um morto, um nado-anjo, se me permite a graça. Compreendo vou tentar ir mais direito ao assunto.

Começou tudo na minha terra, tinha eu dezasseis anos, um desses lugarejos à beira da estrada que são pousio de camionistas e com duas ou três vendas de loiças, decoração de jardins, essas coisas, já deve ter visto, com os meninos que fazem chichi para a fonte. O dono era um rapaz a quem os pais, emigrantes, tinham montado o negócio. A venda era mesmo no terreno da casa e à frente havia um pequeno pinhal. Um dia parou um idiota que queria quatro cães de porcelana, pretos, para meter numa quinta, a imitar, ele dizia que punha um gravador com cães a ladrar à noite, um parvo, e queria um desconto pela série. Tinha que perguntar e fui a casa acordar o dono. Ele não estava, às vezes saia pelas traseiras para eu não dar por nada, e não estava, a cama estava desalinhada mas dele nada. Foi então que notei o cheiro. Vinha dos lençois. Aquilo entontecia-me. Mas ainda não foi dessa vez. Foi só, isto tem que ir cada coisa na sua vez padre... Era noite e eu fui lá buscar um isqueiro de alabastro para dar a um tio que fazia anos e como tinha chave de casa não bati. Entrei e senti o mesmo cheiro. A casa ressumava a sexo para ser preciso, e ouvi uns gemidos. Aproximei-me devagarinho, sem acender qualquer luz e o meu amigo estava no sofá da sala a fazer amor com uma mulher, nem deram pela minha presença...eu nunca tinha visto nada daquilo, entre **nós** há certas coisas de que não se fala, e os amigos, os **outros**, não nos querem ferir, e aquilo ao vivo entrava-me pelo nariz e deixava-me pelo avesso. O cheiro tomava conta de mim. Padre, está-me a ouvir? Foi então que fiz aquilo. Eu não estava em mim. Sai de casa, sem que eles dessem por isso e dei de chapa com a encomenda de chaminés que tinham chegado nessa tarde, trinta chaminés plantadas no quintal. Fui ao pinhal da frente buscar caruma, fiz montinhos no interior de cada lareira, depois juntei papel, troncos, e reguei tudo com gasolina. Eles não deram por nada, estavam lá entretidos, como uma fábrica daquele cheiro que me enlouquecia. Depois foi acender os fósforos e ir para o pinhal espreitar aquele luzeiro, a beleza daqueles fogos desiguais. O pior foi quando às duas por três o vento fez a coisa alastrar. Os cães de porcelana até ficavam mais bonitos, incandescentes antes de rebentarem. Daí a pouco estava na casa. Se alguém veio a saber? Não, aquilo fica na estrada, ninguém repara, e ninguém acusa um...você sabe. Não. É a primeira vez que o conto. É porque estou à beira de um crime padre.

Há dois anos casei-me. A minha mulher não é muito bonita mas é minha mulher e aceitou-me. Eu passava a vida a dizer-lhe "small is beautiful", mas nem seria preciso porque ela é daquelas pessoas convencidas de que têm uma missão na vida, deve ser porque não tem familia. Se casei pela igreja? Não padre, não éramos crentes...com ela foi a perdição. É que não consegui realizar o **acto** com ela. Nunca consumámos o casamento, ou lá como é que se diz. Continua virgem, ou continuava...comigo não. O problema é meu. Fazemos tudo mas eu não consigo penetrá-la. Por causa do cheiro. Assim que me cheira eu ejaculo...vem-me à cabeça a cena do fogo e ardo, é a expressão. Dois anos nisto. Ela é infeliz. às vezes â noite acordo e lá está ela a fazer daqueles joguinhos manuais ,electrónicos, passa horas nisso, é infeliz, ténis ou lá o que é, comprámos por graça e...agora dorme mais porque arranjou um amante...porque é coisa que conheço, os cheiros...Mas como posso eu condená-la? Um homem na minha situação só tem que sentir-se grato se alguém põe feliz a mulher que compartilha com ele os dias, "small is beautiful"....a minha única saída para não enlouquecer era virar-me para deus...mas agora vou cometer o meu primeiro crime.

Não descanso, padre, já vai ver. Eu não queria que a minha conversão fosse uma coisa leviana, e estudei a diferença entre religiões para não me enganar. Quando escolhi a minha congregação religiosa e a ela fui conduzido, baptizando-me, ia convicto das minhas opções e da da prática justa dos seus fiéis.

Durante algum tempo não ouve problema até que no outro dia aconteceu aquilo. O templo da minha congregação fica num andar moderno, são duas salas amplas devolutas onde os irmãos fazem o culto. Eu sempre tinha ido acompanhado e nunca houve problemas. No outro dia entrei sózinho no elevador e então dei-me conta, o templo fica no décimo andar e eu não chegava ao botão do elevador .Deus ria na minha cara. Deus não permitia que eu chegasse a ele. "Small is beautiful", o anão não está em graça. Está a ver porque não posso deixar de matar o meu confessor? Tem alguma a pedir-me antes que eu dispare?

José Dias Neves

CAMINHO

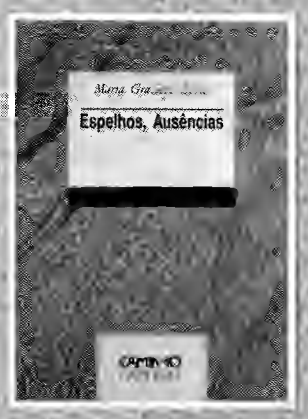
NOVIDADES

Os Conspiradores é um muito especial romance histórico, cuja trama se desenrola em 1810, no México, Nova Espanha, quando a ideia de independência nasce e as ilusões se enredam na realidade. O México e um escritor autêntico é o que está patente na obra de Jorge Ibargüengoitia, que *Os Conspiradores* exemplifica perfeitamente.

ISBN 972-21-0493-4/ 200 p.p/ 1400$00

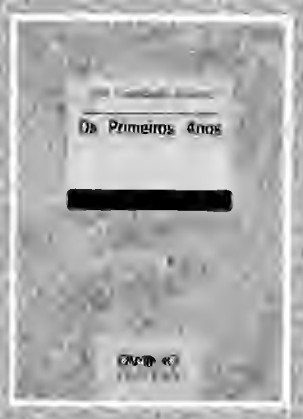
«Emerge subitamente nas nossas letras com um ímpeto pouco comum». Eis a frase reveladora da receptividade encontrada pelo anterior livro de Ana Teresa Pereira, *Matar a Imagem*, Prémio Caminho de Literatura Policial. Quase no mesmo dia em que era atribuído este prémio, o júri do Prémio Revelação da APE recomendava a publicação de *As Personagens*. Em *As Personagens* a capacidade de fascinar e de intrigar o leitor, de o fazer perder-se em labirintos subtis que parecem multiplicar-se ou desdobrar-se, volta a estar bem patente.

ISBN 972-21-0469-1/ 174 p.p./ 1300$00



Para além da intimidade do caos, o percurso através de palavras organizadoras de um mundo partilhado entre sombras e reflexos de ausência. Escrita de jubilação e de silêncios, em busca de uma transparência feroz onde o fazer poético se funde, dinamicamente, nas malhas da identidade e nos sobressaltos da alteridade.

ISBN 972-21-0476-4/ 92 p.p./ 1500$00



Tendo ganho em 1985 o Prémio de Teatro da APE, Rádio Comercial, com a sua peça *Trakhoma*, José Guardado Moreira publica agora o seu primeiro livro de poemas. Chama-se *Os Primeiros Anos* e é um livro de que o fulgor e a maturidade assinalam desde logo mais do que uma estreia. *Os Primeiros Anos* está certamente destinado a deixar rastro na memória dos seus leitores.

ISBN 972-21-0500-0 / 44 p.p. / 1100$00

Damon Knight é uma personalidade decisiva na grande eclosão da ficção científica. Crítico atento, organizador de antologias famosas, fundador da Science Fiction Writers of America (que esteve na origem do Prémio Nebula), Damon Knight oferece-nos um romance como este *De Boas Intenções... (Hell´s Pavement)*, que fervilha de ideias e de cor, de sarcasmo e emoção.

ISNB 972-21-0481-0/ 200 p.p./ 380$00

As histórias de espiões exercem sempre uma atracção muito especial. *Epitáfio para um Espião*, é um clássico do género, que se mantém inovador e premente, com as suas personagens convincentes, mas dúbias, as pistas que se perdem ou se cruzam, a atmosfera de claro-escuro, o herói que nada predispõe a sê-lo, e um ritmo que se acelera devidamente até ao desfecho revelador.

ISBN 972-21-0480-2/ 192 p.p./ 380$00

O reconhecimento da existência objectiva da crise não tem sido uma questão fácil para a teoria económica dominante. Entre o domínio do princípio da impossibilidade da crise, na linha das posições de Say e de Walras, e o domínio do princípio da sua evitabilidade, na linha das posições de Keynes, produziu-se historicamente um movimento de vaivém, que teve nos dois grandes momentos de crise, o de 1929 e o de 1974-1975, os seus pontos de viragem. Sempre presente esteve, todavia, a negação da crise como um fenómeno inerente ao funcionamento da economia capitalista.

ISBN 972-21-0451-9/ 451 p.p./ 3700$00

Em Bordéus, a História prendeu Sousa Mendes nas suas garras. O seu destino passou a estar inelutavelmente ligado ao destino colectivo de dezenas de milhares de pessoas desesperadas. Ele foi o homem certo no lugar certo no momento certo. Aquilo que alguns podiam considerar como defeitos de personalidade num diplomata — a sua natureza demasiado emotiva e o seu carácter impulsivo — tornaram-se forças motoras do seu heroísmo. Salvou milhares de pessoas de um destino trágico. E pagou isso com a sua tragédia pessoal.

ISBN 972-21-0471-3/ 200p.p./ 1400$00

CAMINHO

O prazer de ter bons livros para ler

CDL a distribuição

DL 2L

literário

«ANÃO NAS VIRTUDES GIGANTE NOS VÍCIOS»

O «Dictionnaire des Simboles» — Robert Laffont Jupiter — refere-se a eles (os anões) como sendo génios da Terra e do Sol. Nascidos entre germânicos, eles acompanham frequentemente as fadas, nas tradições dos povos do Norte. Mas se as fadas habitam o ether os anões confinam-se às grutas, às cavernas, nos flancos das montanhas, onde escondem as suas forjas de ilusões e fantasias. É aí que eles fabricam com as ajudas dos elfos, as maravilhosas espadas como Dunannoac ou a lança mágica de Doin, que ninguém pode desviar do seu caminho. O chefe dos anões da Bretanha, Gwidi, vigia (vela) o vaso místico, o Graal.

— Como os fenícios e os gregos, eles fazem parte das «Divindades Ctónicas». Vindos do mundo subterrâneo, simbolizam as forças obscuras que estão dentro de nós e assumem facilmente aparência monstruosa.

— Pela liberdade de linguagem e de gestos, que lhes são característicos, entre os reis e as rainhas e os grandes deste Mundo, os anões personificam as manifestações incontroladas do inconsciente. São considerados irresponsáveis e invulneráveis e compadecem-se sorridentemente deles catalogando-os no Mundo subjectivo dos alienados. Eles são a imagem do tolo e do bufão, mas ao mesmo tempo partilham da malícia do inconsciente e fazem prova de uma lógica que ultrapassa o nacionalismo. Uma lógica que é a força do instinto e da intuição.

— Defensores dos segredos de alcova onde o seu pequeno tamanho naturalmente os introduz, são seres cheios de mistério e a sua palavra aguçada significa clarividência. Eles são dardos endereçados às consciências que se crêem seguras.

— À memória do seu anão preferido, Augusto mandou erguer uma estátua onde os olhos eram diamantes: ele ouve, ele vê, ele sente o tudo e o todo.

— O simbolismo do anão como guardião de um segredo, explica-se, não porque ele cala mas porque ele diz, é um falador. E segundo a tradição o verdadeiro falador é aquele que se exprime por enigmas.

— Se ele renuncia ao amor é porque penetra nas profundezas da natureza de quem conhece todos os segredos íntimos.

— O anão por tudo isto é também um guia, um mestre, que participa nos poderes telúricos e nos mistérios do Mundo. Deram-lhes, os deuses, virtudes mágicas como aos seus congéneres demónicos e génios. O seu corpo desproporcionado tomou muitas vezes na vivência medieval o epiteto de corcunda, e corcunda cheira a enxofre, é Barrabás, Belzebu, Marafado.

— A enciclopédia «Dello Spectáculo» — diz que o bufão é um nome que vai buscar a sua origem ao teatro italiano. Assim se designavam os artistas que se dedicavam à representação de óperas bufas (peças burlescas). Muitas companhias exibiam-se em França, nos meados do século XVIII, peças estas bufas porque precisamente as suas características musicais e textuais defendiam um recorte caricatural e chocalheiro. É que o bufo é sinónimo de uma espécie popular de «sapo».

— «Bobo» — Personagem de pequena estatura espirituoso de chalaça fácil. Indivíduo que diverte os outros com os seus modos patéticos, tolos e muito ingénuos.

— Diz-se que a sua origem remonta à Pérsia, donde transitou depois para a Grécia, seguidamente para Roma e, por fim, foi um dos seus legados à Europa medieval.

— Era na hora do manjar que o «bobo» exibia as suas momices e exercitava as pilhérias, para gáudio do «senhor» e restantes convivas. À medida que o luxo romano foi aumentando, intensificou-se a moda de ter bobos, ginastas burlescos e macacos adestrados, para divertimento dos bacantes. Um gosto depravado pela miséria humana fez cotizar os seres monstruosos, os hermafroditas, corcundas e anões, chegando-se a criar em Roma um mercado para venda destes pobres seres que os orientais traziam das longínquas paragens. Reis, barões, bispos e abades tinham «bobos» nos seus palácios e nomes de alguns ficaram na História e na lenda, como memória risonha ou trágica.

— Além do evidente exemplo de utilização do anão na pintura (por Velasquez e outros pintores — António Moro, A. Sanchez Coello, Veronese, etc.) o anão é figura constante no espectáculo contemporâneo. Veja-se «O Tambor» de Gunter Grass, onde o protagonista é um ser normal, mas que assumidamente se recusou a crescer; quis ser anão, subvertendo os cânones de uma sociedade que não estava preparada nem era à sua medida. Veja-se a cruxificação infligida por Buñuel a um anão, tornado Cristo que foi ridicularizado ao ser pregado numa cruz descomunalmente grande. Foi como se tivesse imposto a tragédia da escala.

— Veja-se igualmente as parelhas de anões toureiros, que invadem os carnavais ibéricos, transpondo para «após modernidade» a peste iconográfica medieval, da era das trevas. Por último, culminando esta afinidade anão-espectáculo, lembremo-nos do universo circense, como expoente máximo do cânone lúdico que corre nas veias destes pequenos homens.

Texto adaptado por Paulo Robalo

Don Sebastián de Morra — Velázquez

Detalhe do retrato de **El Príncipe Baltasar Carlos con un enano** — Velázquez

S. A.

Vi um anão inglês e fiquei perturbado
desceu-me a chávena ao peito como quem sofre
julgava ter olhos para tudo e não os tive para isto
um anão inglês a atravessar uma rua inglesa
com um fato à inglesa muito curto
e a mãozinha inglesa a dar a dar

Eu que ainda ontem escrevi um poema
sobre os tamanhos fantasmas dos ingleses
as pernas de oceano dos ingleses
os braços florestais dos ingleses
dei um salto para o chão e entornei a bebida sobre
o pedinte
que afinal também há nas casas do chá barato

«Dwarf! Dwarf! burning bright»
«In the forest of the night!»

Que nome lhe darão na intimidade?
Vic? Jimmy? Christian Dwarf Road?
Deixá-lo-ão sair para o estrangeiro sem ser de circo?
Quem já viu um anão inglês em Sintra?
Mérida?
Ferrara?

Quem apertou o sexo aos ingleses
e lhes pôs estas caras de infinito langor
apertou também a ti?
«Did He smile His worke to see?»
«Did He who made the Lamb make thee?»
Claro que isto são maneiras

Não vivo como o outro, preso pela espinha
às caudais da verdade.
De um lado Buckingham Palace
do outro o caso do
profundamente humano.
E seria inglês, este anão?

Não seria italiano?

Mário Cesariny de Vasconcelos
***in* Projectos de Prémio Aldonso Ortigão**
seguidos de Poemas de Londres

FALA DO ANÃO

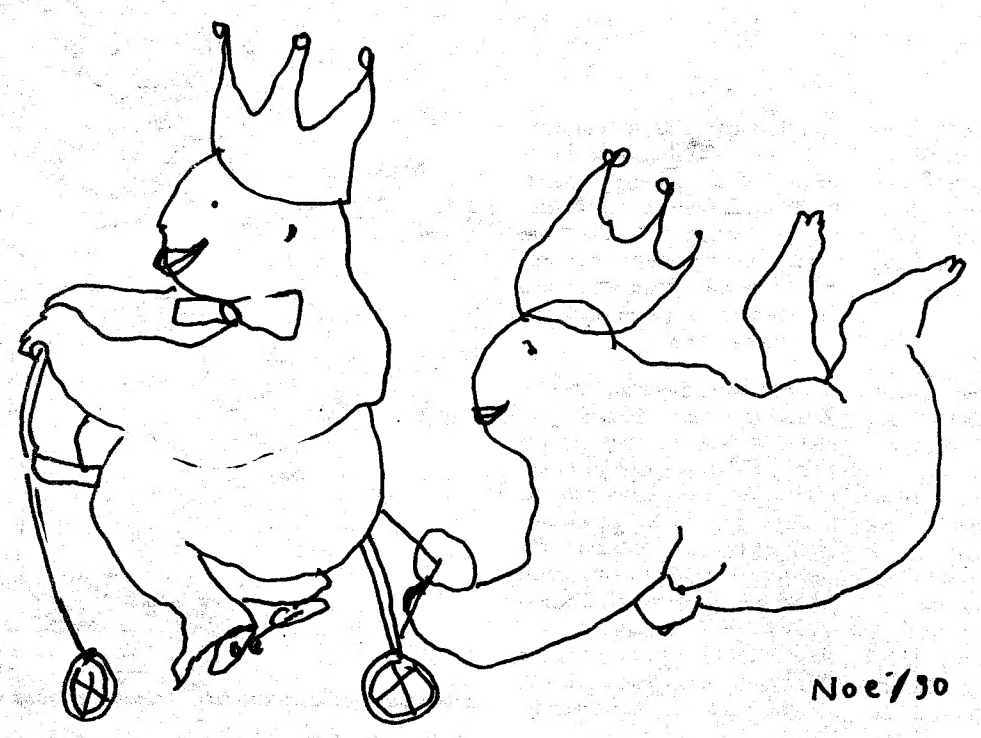
Por Outubro a memória é um pingo de cerveja
embebendo o terra ocre,
as aves sobraçam os ventos do Sul
em ademanes a erva recolhe o que se abate.
Por Outubro como sempre acompanha-me a penhora
e badala-me nas pernas arqueadas.
Encosto então o nariz aos retrovisores
e gero o ciclope.
Amo uma rapariga com voz de albatroz
encontramo-nos numa pensão com vista para o porto
onde não chegam notícias do Leviatã
Sei agora como a hera se esconde nos ciclones,
o amor concilia-nos com os fuzis
do tempo e com a lividez
que soterra os mais renhidos.
Eis porque para a vida me basta Outubro
e um olho de prata para fixar Ana, o mínimo nome.

— Nuno Pimentel

Detalhe de **Las meninas** com a anã Maribárbola

Velázquez

leituras e ideias



OUTRAS LIN

«O nome, o corpo, a escrita» é o tema deste número da **Revista de Comunicação e Linguagens** que surgiu a partir de um dos seminários do Mestrado em Comunicação Social (1988/89).

No seu artigo inicial e de apresentação do tema, Maria Augusta Babo enuncia desde logo algumas pistas a percorrer: «*Trará o corpo à escrita e ao nome um impensado que escapa a qualquer trama discursiva que sobre ele se estabeleça? (...) Dizer o corpo na escrita e no nome implica pois averiguar o que dele se deposita na linguagem, mas também em que medida é lícito pensar que o próprio corpo é linguagem. Trata-se pois de questionar nomeadamente a escrita enquanto corpo, mas inversamente, questionar a natureza semiológica desse mesmo corpo*» (p. 7).

Sobre a articulação do corpo e da linguagem podemos acompanhar duas reflexões. Uma de Adriano Duarte Rodrigues que, partindo da natureza genealógica tanto da corporeidade como da linguagem, define a relação entre o corpo e a linguagem como relação abissal à experiência do mundo.

Fernando Gil, por seu lado, parte do problema da articulação corpo/linguagem viciado pelo uso de matáforas («corpo do texto», «linguagem corporal», etc.) de que procura o fundamento. Que tipo de laço une a linguagem ao corpo? O que funda as analogias que tão facilmente entre eles se estabelecem? «*Uma das maneiras de ultrapassar a dificuldade consiste em analisá-la: chegar-se-ia à conclusão que o problema está mal posto, nomeadamente na formulação da dicotomia*

DE ESTÉTICA

É necessariamente uma tarefa ingrata comentar o primeiro número de uma nova revista, uma vez que só o trabalho continuado lhe permite de facto ir realizando o seu projecto.

Mas esse primeiro momento é porém a ocasião de saudar o seu aparecimento, quando ele surge desde logo como relevante porque oportuno. A elaboração de uma **Revista de Estética** em Portugal confronta-se inevitavelmente com um discurso alargado e até abundante sobre as artes, crítico ou diletante, presente em vários círculos e até com divulgação de massa, mas não propriamente com muitos outros projectos editoriais de peso. A sua existência possui assim à partida algumas razões e também espaço para se concretizar.

Em Editorial a **Revista de Estética** anuncia demarcar-se de alguns discursos de superficialidade redutora, de filosofias de Best-Seller, «*numa época em que com pouca erudição muitos podem passar por intelectuais*«. Num discurso por sua vez pontuado por parêntesis de erudições sugeridas (que referem nomes como os de Baudrillard, Eco, Lipovetsky, Oliva e Kuspitt), o projecto da **Revista de Estética** esboça assim um certo tom moralizante, que aliás perpassa também no seu interior.

O conjunto de peças que compõe este primeiro número parece ter de algum modo evitado o carácter circunstancial do discurso crítico, não nos propondo porém como alternativa nenhum ensaio de Estética. Em termos de artigos a oferta resume-se na realidade a dois trabalhos: «Cinquenta Anos de Abstraccionismo em Portugal», por João Santos e «Modernismo Português, Primeiras Gerações», por António Quadros Ferreira, estudos históricos e de balanço. Para além disto, assinale-se a participação de António Ramos Rosa com breves comentários a quatro poetas contemporâneos, um «Auto-retrato» e oito desenhos.

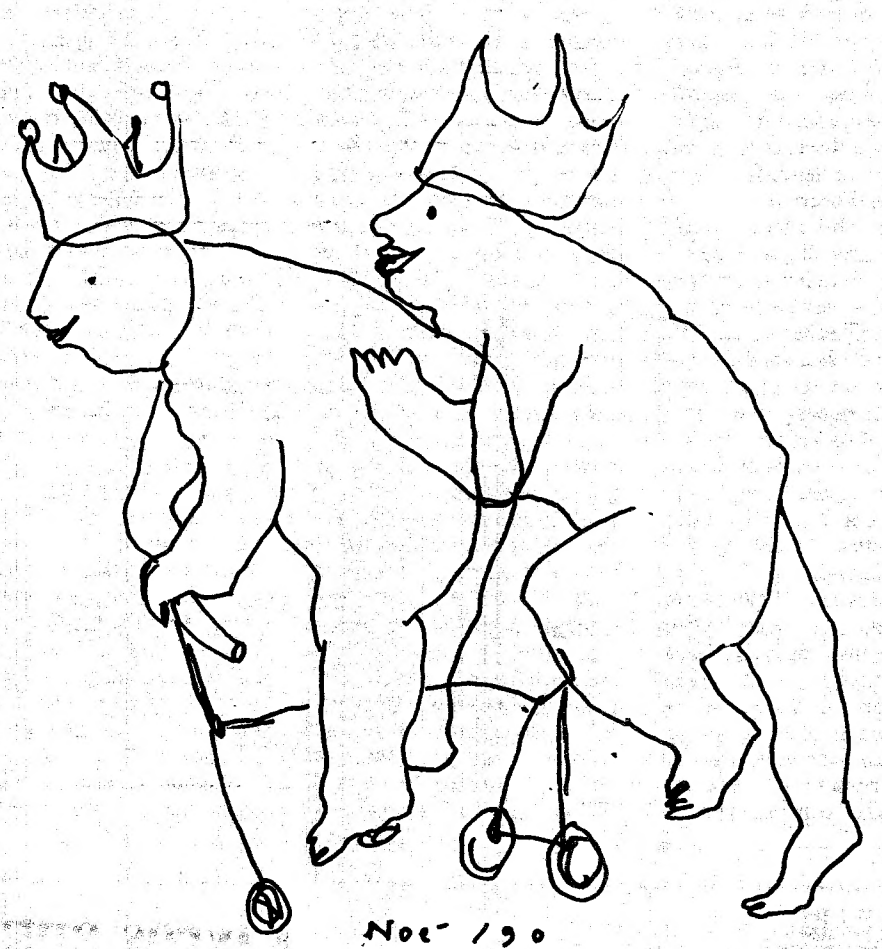
A maior parte do número é dedicada a uma panorâmica e avaliação da produção artística, do comportamento da crítica e do fenómeno arte, ao longo da última década, numa espécie de longo «dossier», sinalizado pela repetição do título «Caderno Anos Oitenta». Composto na sua quase totalidade de entrevistas (a Mário Teixeira da Silva, Jorge Pinheiro, Leonel Moura e Gonçalo Byrne), e de um debate na SNBA (que envolve, entre outros, Rui Mário Gonçalves e João Pinharanda), o balanço destes anos 80 é conduzido unicamente por um texto tripartido de João Soares Santos.

Destes anos 80, fica-nos uma imagem de crise do fenómeno artístico, do seu valor cultural, da sua corrupção pelo mercado da arte, e pelos mecanismos menos claros de funcionamento do próprio discurso da crítica ou da própria actuação dos artistas. Diz-se um pouco mal de tudo, num tom de desmascaramento que vai pondo pontos em vários «is». Algumas referências breves a uma certa reflexão contemporânea condimentam este discurso e dão o mote às perguntas dos entrevistadores. Revelam um esforço de elaboração de problemáticas, e de um discurso mais aprofundado sobre a contemporaneidade que contudo não se chega a construir, a não ser talvez no debate, que regista alguns momentos interessantes e reveladores, precisamente, de certos impasses. De entre as referências eruditas e intelectuais que vão pontuando esta análise dos anos 80, as preferências parecem ir para Lipovetsky e o seu diagnóstico de um novo individualismo, e para as **Flash Art**, e as últimas novidades do que se faz e se diz «lá fora».

A opção pelas entrevistas e a iniciativa de um debate permite uma abertura interessante do espaço da revista. Para além disso, contribui para uma vivacidade conseguida no seu conjunto, que constitui um aspecto atractivo deste primeiro número, e que o trabalho gráfico, variado e de bom-gosto, corrobora. A**Revista de Estética** representa sem dúvida uma assumpção de responsabilidades relativamente ao discurso sobre as artes, mas a invocação do campo da Estética sugere expectativas que não poderão ser ignoradas. «*Numa época em que com pouca erudição muitos podem passar por intelectuais*« é esta a sensação de ser leitor desta revista.

(**Revista de Estética**, n.º 1 — Ano 1, Associaação de Estudantes da ESBAL, Jan. 1990, 116 págs.)

Maria Teresa Cruz



BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O **Diário de Lisboa**

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ___/___/___ Pelo período de

☐ 1 ANO — 18 000$00
☐ 6 MESES — 9 000$00
☐ 3 MESES — 4 500$00
☐ 1 MÊS — 1 500$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio: ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70$00 cada • Mudança de endereço: 150$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850$00. • **Informação ao assinante:** os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacinal até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade.

Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

GUAGENS

verbal/não-verbal. Não há um pré-verbal que se constitua antes da linguagem, mas toda e qualquer «linguagem» corporal resulta, também, de uma sedimentação da linguagem no corpo» (p. 60). Para examinar «*o solo a partir do qual se elaboram as trocas metafóricas entre os dois domínios*», recorre-se à ideia de arte como mediadora entre o corpo e a linguagem.

Posicionando a sua reflexão no campo da arte, Maria Teresa Cruz propõe-se seguir o trabalho «*de duas figuras marginais — o título e a assinatura — dois nomes que contribuem precisamente para o aparecimento dos limites, da singularidade e da unidade da obra, tão impossível de definir quanto a própria arte. Porque se nomeiam as obras? Porque se assinam as obras?*» (p. 118). A questão da nomeação interpela a dois níveis: por um lado, assume uma importância fulcral para a passagem do objecto à obra (o caso do *Ready-made* é a este título exemplar), mas, por outro lado e simultaneamente, neste movimento de autodesignação da obra, quando a arte se dá a ver como um nome, importa saber como se circunscreve então o próprio universo da arte.

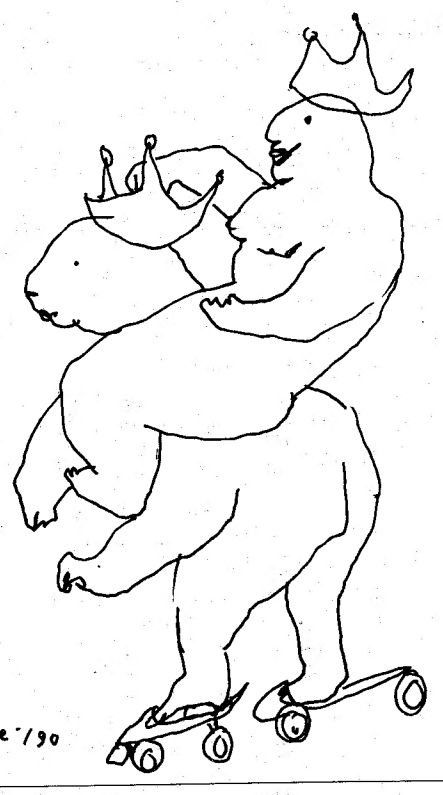
E então, do corpo ao nome constitui outro dos trajectos possíveis. É exactamente o que assinala Maria Augusta Babo quando fala da atribuição de um nome próprio como operação exemplar da inscrição no corpo, da lei.

Disto nos fala Lyotard num artigo sobre a prescrição, que toma como pretexto a «Colónia Penal» de Kafka, e Tito Cardoso Cunha ao seguir a proposta de Lévi-Strauss para uma teoria do nome que contraria as concepções que interpretam o acto de nomeação como sendo essencialmente designativo. o nome serve, antes de mais, para classificar o indivíduo atribuindo-lhe um lugar no conjunto das relações sociais e de parentesco.

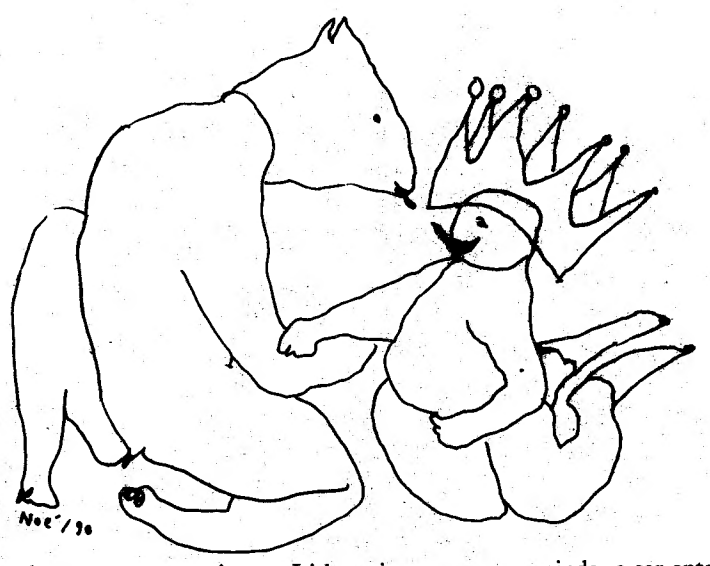
Mas, por outro lado, «*que dizer da «escrita como corpo», quando esta se entenda como um seu prolongamento? A escrita entendida como marca, traço ou vestígio, deixado por um corpo num suporte que o retenha, será ele mesmo assim ainda corpo?*» (p. 11). Nesta linha Sarah Kofman, a partir de «Sylvie» de Gérard de Nerval, propõe-se pensar o que, numa ficção, regressa de biográfico; Henry Pierre Jeudy a propósito de Fernando Pessoa e Soeren Kierkegaard interroga a heteronomia face ao sujeito e Louis Marin, a partir da obra dramática do Corneille, «Le Menteur», reflecte sobre o trabalho de identificação do outro, decorrente sempre da distância entre a linguagem e o real, entre um nome e um corpo e das representações imaginárias que o vêm preencher.

Resta-nos assinalar que a **RCL** não tem deixado por mãos alheias o seu propósito de tornar visível o trabalho reflexivo e de investigação numa perspectiva interdisciplinar, cumprindo, aliás, o duplo objectivo que desde há cinco anos se propôs. (**Revista de Comunicação e Linguagens,** n.º 10/11 — «O Nome, o Corpo, a Escrita», Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens, Março 1990, 301 págs.)

Helena Nunes Ribeiro



DESAFIOS DE LISBOA



A publicação da revista **Cidade/Campo** da qual foram editados dois números, em 1978 e 1979, veio preencher um espaço editorial relacionado com a «questão urbana» e com todos os problemas dela decorrentes, cuja abordagem multidisciplinar se tornou possível somente a partir de 1974. As dificuldades entretanto surgidas à continuação deste projecto editorial não impediram que, em 1982, um grupo mais alargado projectasse a edição da **Sociedade e Território** *(Revista de Estudos Urbanos e Regionais)*. Propunha-se como objectivo a divulgação das diferentes experiências profissionais no domínio da produção, transformação, apropriação e gestão do espaço/território, integrando perspectivas disciplinares diversas e conjugando análises empíricas com a reflexão teórica. O seu mais recente número é dedicado a «Lisboa: Que Futuro?»

Pensar sobre Lisboa, cidade e área metropolitana, é um acto que se deve inserir em contexto mais vasto, não apenas pelo reconhecimento da evidência histórica do «facto urbano» que se exacerba agora e tinge toda a vida social, mas também pela análise do fenómeno de deslocação do desenvolvimento para o litoral entre Setúbal e a Galiza. No artigo «Perspectivas de Desenvolvimento Económico da Área Metropolitana de Lisboa», refere o seu autor que Lisboa foi, ao longo de várias décadas, o principal pólo de desenvolvimento nacional, aí se concentrando população e actividades económicas sem que outros centros de dimensão intermédia (com excepção do Porto) se desenvolvessem suficientemente para impedir a macrocefalia da estrutura urbana do País. (págs. 43-48)

Mas pensar Lisboa é também lançar um olhar profundo sobre ela mesma. É constatar o envelhecimento das suas gentes (págs. 8-11) e dos seus edifícios que urge reabilitar (págs. 85-95). O seu estatuto de núcleo urbano central de um conjunto metropolitano cria um «campo» equivalente a um campo gravitacional que atrai mais população, mais actividades, mais investimentos. Esta concentração, obviamente, torna escasso o espaço disponível nas zonas centrais. A grande aglomeração urbana é, assim, uma «máquina» de fazer a vida cara, inclusivamente através do preço do espaço para habitar. Quem não encontrar alojamento a preço compatível com o seu rendimento outra coisa não lhe resta do que o caminho da construção clandestina, do alojamento precário em barracas ou da sublocação. (págs. 13-24 e 59-66) Não admira, pois, que Lisboa viva um contexto de frenética invasão de capitais estrangeiros que, (con)juntamente com os nacionais, especulam no fundiário e no imobiliário. (págs. 55-56) Por um lado, destrói-se a memória arquitectónica e urbanística da cidade, gerando graves problemas de realojamento; (págs. 67-69) por outro lado, assiste-se ao alastramento, em mancha de óleo, da terciarização não só a nível das grandes áreas comerciais, (págs. 31-42) mas também a nível de áreas residenciais transformadas, ou em vias de o virem a ser, em zonas de serviços, (págs. 115-119) provocando uma «reestruturação socioprodutiva» de Lisboa. (págs. 25-30)

Lisboa é finalmente uma cidade bloqueada na sua mobilidade pelas dificuldades estruturais em garantir uma fluidez aceitável de tráfego no sentido centro-periferia e vice-versa e entre as duas margens do Tejo. (págs. 49-53)

E como planear todo este espaço lisboeta que continua, ainda, a ser entendido apenas como «concelho», o que representa, do ponto de vista do ordenamento físico, urbanístico e territorial, um verdadeiro absurdo?! A resposta a este e outros problemas é dado no excelente texto de Nuno Portas (págs. 131-138) e no de Nunes da Silva. (págs. 121-122)

Outras questões haveria que tratar, sobretudo quando se pretende abordar o devir de Lisboa num contexto dos desafios da integração europeia. Compreende-se, no entanto, a opção realista dos coordenadores que não tiveram a pretensão da exaustividade. A vintena de artigos, que compõem este número duplo, constituem um precioso contributo para o debate sobre as questões urbanas que entre nós continua, ainda, a ser limitado.

(**Sociedade e Território — Revista de Estudos Urbanos e Regionais,** n.ºs 10/11, 152 págs.)

Carlos de Faria

ESCOLAS EM ANÁLISE

De entre as diversas revistas de filosofia que entre nós se publicam, a **Análise,** agora chegada ao duodécimo número, teve e tem um importante papel na actual renovação da filosofia em Portugal, patenteando um estilo muito próprio, dificilmente separável do autor de **Mimesis e Negação.** Com efeito, a marca de Fernando Gil, o director de **Análise** está bem presente na abordagem problematológica do saber, na rigorosa discriminação categorial, e na preocupação de fazer do diálogo com a teoria e história das ciências uma fonte de repensamento da filosofia, traços estes que caracterizam toda a revista.

O último número da revista expressa bem este tipo de perspectiva que escolhe a ciência como «paradigma de rigor». Isso é bem evidenciado pelo interessante núcleo temático dedicado às *Escalas*, que aborda o problema da «dimensão» numa variedade de direcções. Assim, começando pela reflexão estética, nomeadamente a ligada à fotografia, surgem à cabeça dois artigos: «A Visão Pantográfica» (25-30) de António Sena, e «Reflexões sobre a Escala» (7-24) de Gérard Castello Lopes que com fina intuição torna plausível a sua ideia de que *a escala é, provavelmente, o tecido do mundo*. Mas, como seria de esperar, o diálogo com as ciências predomina, cabendo aqui destacar o estudo de Manuel Silvério Marques: «O sopro, o múltiplo e a forma» (61-116) que estuda a relação entre forma e função do ponto de vista de escalas, contrariando alguns modelos explicativos recentes, como os de Thom e Petitot. O núcleo temático é completado pelos artigos «A tela, o espectro, o pêndulo» (31-46), de Gilles Châtelet, «Reflexões sobre a mecânica dos fluídos» (47-56), de José Matos Silva e «Estrutura e Escala» (57-60), de Jorge Dias de Deus.

Fora do âmbito temático, referido, registe-se um estudo sobre «O construtivismo de Piaget» (151-178) de Isabel Macedo, e o de Henrique Malta Macedo sobre «A metaforização da experiência» (201-220). Referência especial merece o ensaio sobre as «Ciências cognitivas» (117-150) de Daniel Andler, que faz um aliciante diagnóstico de uma área disciplinar de que é reconhecido especialista. Por seu lado, Fernando Gil publica o trabalho «Como pensa a língua» (179-201), que rediscute a «tese Sapir-Worf» sobre as relações entre a linguagem e o pensamento (enquanto quadro do mundo), opondo à versão banal desta tese a visão de que «*Cada língua tem o seu estilo, do mesmo modo que há estilos dentro da língua*, o que faz *da língua a matriz princeps da inteligibilidade*, reconstruível através da conjugação de variações de diferenças e identidades. Num segundo momento, o confronto das categorias gramaticais da língua portuguesa com o programa kantiano da Primeira Crítica, dá um bom exemplo da perícia analítica do autor.

O carácter sumário destas nossas observações obrigam a reconhecer os condicionamentos deste tipo de recensão, que mais não pretende ser do que uma chamada de atenção ao leitor interessado.

(**Análise,** n.º 12, Editorial Fragmentos, 1989, 239 págs.)

José A. Bragança de Miranda

LIVRARIA LISIPO

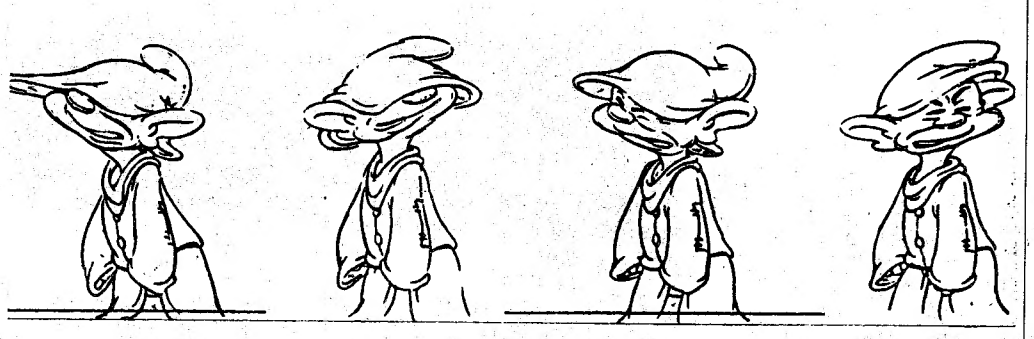
Livros antigos • Gravuras
Compra e Venda
Deslocamo-nos a qualquer ponto do país

Lg. Trindade Coelho, 7
☎ 346 2771 - 37 35 60
1200 LISBOA

7L

literário

A BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES



Como já devem ter notado, este suplemento é dedicado aos homens de pequena estatura, designados comummente por anões. Digamos que têm todos os órgãos e membros no devido sítio, com o desprezível senão de se apresentarem sob uma forma concentrada. Geralmente são cópias em tamanho reduzido daquilo que se considera a norma: andam igual que os outros, gesticulam e fazem manguitos, convivem e bebem copos, de coiso parece que pouco (por algum mecanismo biológico que me escapa). Os anões estão relacionados com manifestações de sentido ou pendor lúdico, situações que usualmente os crescidos — por questões de compostura — retraem, mas que por masoquismo esquizóide os faz rir das figuras dos outros, que não são mais que projecções das suas próprias figuras.

Estes anões pequeninos são os que classifico de saudáveis. Ou seja, ninguém tem a culpa de ser anão ou desmedido. Puseram-nos assim e cada qual de 'per si' (bonito!) que se amanhe e trate da existência.

Atarracados que me interessam são aqueles que têm as proporções e simetrias aceites por lei, mas que devido a não sei que tontos fados e predisposições superiores, são parcos de área encefálica. Estes apoucados são habitualmente os espertalhaços, os glutões e os narcisos, que embora julgando-se senhores do mundo (e na prática até o são), desconhecem que em vez de massa cinzenta (aquela que dá o talento e a inteligência) o seu crânio alberga uma plantação de consumo e que não dá digestão fácil.

Do primeiro grupo (espertalhaços) fazem parte os políticos. São os anões bufões: vestem-se de lantejoulas e brocados aberrantemente coloridos guizos estridentes, e divertem o público (utente) com as manhas e artimanhas que inventam para enganar os seus eleitores e assim corromperem ainda mais o sentido da liberdade humana. São tantos os exemplos bufónicos da contemporanidade nacional, que me coíbo de os citar, com receio de me esquecer de alguns e depois eles ficarem ofendidos.

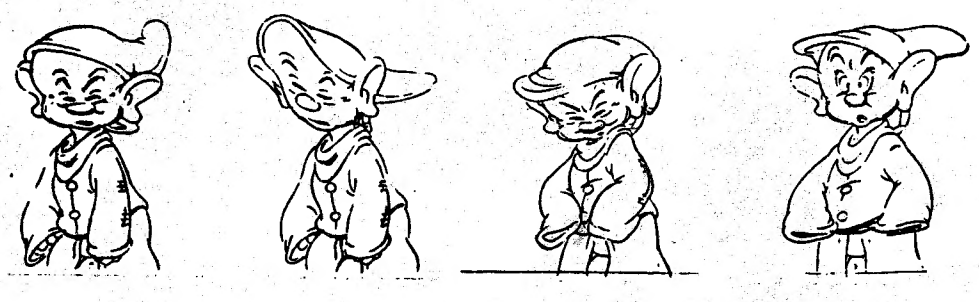
O segundo grande grupo (glutões) é composto tipicamente pelos liliputianos dos 'lobies' económicos e tecnocratas afins. Ao contrário dos bufões, estes são bastante discretos. Fala-se deles mas quase nunca os vemos. Parece que não brincam, não riem e não frequentam aquelas festas simples que aparecem nas revistas da especialidade. De vez em quando estes troncudos lembram-se de fazer a boa acção do decénio e alinham na lei do mecenato. Lá tiram da miséria e da ignomínia um ou outro artista mais afortunado. Destes enanos diz-se que preferem climas frios e húmidos pelo que abundam nas terras do Norte do país. São rapazes sérios, vendem as mães se for preciso, mas é tudo em nome das OPVS, que desconheço o que seja, mas que tem um nome bonito lá isso tem.

Por fim temos a última classe, a dos narcisos, que é a mais libidinosa de todas e aquela que agora está na moda. São os verdadeiros e genuínos artistas nacionais, praticam uma arte chamada «mass media» e organizam-se em grupos tipo teatro independente. Actuam nos jornais na rádio e na televisão.

Os mais famosos e conceituados são o grupo «DO SOLIDEU», um conglomerado de castos pirralhos que andam na descoberta da prodigiosa aventura da perversão da imagem.

Ainda não fizeram nenhuma actuação em público — pelo que aguardamos histericamente — mas os ensaios tem corrido bem. Estão optimamente coreografados por um senhor que usa tiara, e já tive oportunidade de ver um ensaio de um bailado e asseguro-vos que aquelas perninhas levantavam todas sincopadas ao ritmo do cancan. Contam eles também com artistas do bel-canto, entre os quais destaco um moço de negra madeixa ao lado que se apresenta sempre coberto com um cobertor castanho e uma corda a suster ali para os lados das partes podengas. Segundo creio ele encanta bastantes paroquianas, o que promete vir a ser um Hit na televisão que se anuncia.

Resta-nos aguardar a estreia desta nova classe de enanos para ajuizar da justeza que se faz à lentilha e pedir encarecidamente, de olhos fechados e com muita força, que a Ciência, que tanto inventa, que tantos passos tem dado no progresso da Humanidade, consiga inventar uma vacina que cure o enanismo.

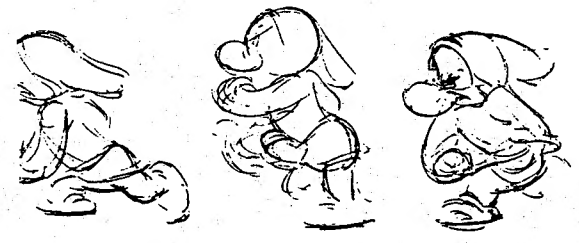


Assim na doce gestação intra-uterina o novo ser não sairá com o estigma do palmo e meio; assim a mãe dormirá descansada porque vai deitar ao mundo um homem que irá lutar para que a virtude seja o beneplácito da sua condição humana; assim nos veremos livres desta terrível praga de momos, que não têm parado de nos chatear institucionalmente. Depois de Cristo.

Atá lá muitas palhaçadas serão servidas e muita gente será enganada e engrossará as fileiras dos pretensos virtuosos. Há, no entanto, a esperança utópica de que a apocalíptica Besta aterre nestes pantanais, para pôr ordem na bicharada e correr com os farsantes para o paraíso, que deve ser um local muito maçador e aborrecido.

Como infelizmente não acredito em milagres, vou aproveitando todas as oportunidades para os injuriar, certo de que, água mole em pedra dura...

Luís Guilherme Robalo



EXPLICAÇÕES ENDOCRINOLÓGICAS

Nanismo — anomalia que caracteriza os anões, estado ou efeito do que é anão.

Anão é um indivíduo de estatura pequena, em relação à média dos indivíduos da mesma idade e da mesma espécie.

Há dois tipos de anões. Ambos resultam de uma paragem do desenvolvimento do corpo; estas paragens podem atingir a totalidade dos órgãos ou só certas partes do corpo.

Primeiro caso: *completos ou totais*; segundo caso: *incompletos ou parciais*.

Os anões completos são os mais raros e os únicos harmoniosos nas suas formas e proporções. São espécimes reduzidos da espécie humana que para além da sua exiguidade de dimensões não apresentam qualquer outra anomalia sendo, por isso, bem proporcionados. São, homenzinhos e mulherzinhas, miniaturas humanas cuja plástica se mantém idêntica à do tipo médio. A sua estatura é a de crianças de três ou quatro anos. Com a diferença de que as diferentes proporções entre as diversas partes do corpo não são as proporções de uma criança daquela idade mas sim as de um adulto, tudo neles é pequeno, harmoniosamente pequeno-faces, pequenos olhos, pequenos narizes sob os quais mal se vê a boca, onde se adivinhava a voz finíssima.

Dos anões os anões dos anões

É possível por vezes encontrar certas imperfeições morfológicas ou na correcção da simetria ou na exactidão das proporções. É sobretudo na esfera sexual que as grandes diferenças se evidenciam. Alguns autores têm procurado neste facto a causa do nanismo. Estaria na insuficiência das glândulas sexuais (mera suposição sem grande fundamento).

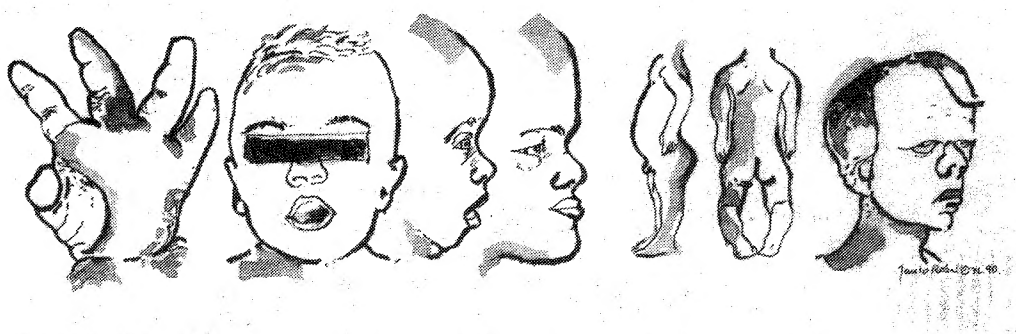
Os anões parciais ou incompletos são desgraciosos. São ridículos, desproporcionados, disformes e por vezes horrendos. Os seus principais tipos são os raquíticos, os mixedematosos e os acondroplásticos. Os anões raquíticos são, em regra geral, anões magros de pernas tortas em parêntesis ou em X, de grande ventre e grande cabeça.

Os anões mixedematosos pelo contrário são gordos, mais inchados do que gordos. Têm cara redonda, em lua cheia, poucos pêlos. O seu desenvolvimento sexual é rudimentar. É entre eles que se recrutam os anões idiotas e cretinos. Os anões acrondoplásticos têm um aspecto muito característico. Têm um tronco e uma cabeça normais. Pelo contrário, os membros são muito curtos, possuem uma forte musculatura e têm um sistema piloso bem desenvolvido. Estes três tipos de anões têm uma patogenia bem determinada.

Num caso o raquitismo, em outro insuficiência da glândula tiroideia, e no terceiro, perturbação do desenvolvimento do esqueleto dos ossos compridos. Um outro grupo de anões é o dos senis. Nestes a pequenez da estatura vêm juntar-se as características físicas da velhice sobretudo o enrugamento da pele e a queda do cabelo.

É a velhice permatura — os anões marrecos não são verdadeiros na maioria dos casos, a pequenez da sua estatura depende da deformação da coluna vertebral, que pode reduzir a mais de metade a altura do tronco. Ao passo que os membros se apresentam com dimensões normais.

Nanismo e infantilismo não são a mesma coisa. Geralmente os anões não são infantis, antes pelo contrário, as suas feições adultas contrastam ridiculamente com a pequenez da sua estatura. Casos há em que os dois estados se associam como por exemplo — os anões mixedematosos (infantilo-nanismo) nesse caso, além da estatura ser pequena em relação à média dos indivíduos da mesma idade (nanismo), há a presistência anormal dos caracteres infantis: pequeno desenvolvimento dos caracteres sexuais primários e secundários.

A classificação antropológica considera como anões os sujeitos adultos cuja estatura é inferior a um metro e trinta para os homens e um metro e vinte para as mulheres.

Adaptado por Paulo Robalo